



**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

Yalles Rafael Xavier

**O NARRAR-SE NOS LIVROS-DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS:
análise discursiva em *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria***

Belo Horizonte
2023

YALLES RAFAEL XAVIER

**O NARRAR-SE NOS LIVROS-DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS:
análise discursiva em *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET – MG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de concentração: Tecnologias e Processos Discursivos

Linha de Pesquisa: Discurso, Mídia e Tecnologia

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista

Belo Horizonte
2023

X3n Xavier, Yalles Rafael.
O narrar-se nos livros-diários de Carolina Maria de Jesus : análise discursiva em Quarto de despejo e Casa de alvenaria / Yalles Rafael Xavier. – 2023.
116 f.
Orientadora: Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista.
Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2023.
Bibliografia.

1. Análise do discurso. 2. Narrativa. 3. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977. 4. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977. Quarto de despejo. I. Baptista, Patrícia Rodrigues Tanuri. II. Título.

CDD: 401.41



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS - NS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 31 / 2023 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.061942/2023-30

Belo Horizonte-MG, 15 de dezembro de 2023.

YALLES RAFAEL XAVIER

O NARRAR-SE NOS LIVROS-DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: análise discursiva em Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 15 de dezembro de 2023, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista (Orientadora)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Kariny Cristina de Souza
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Mariana Jafet Cestari
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

(Assinado digitalmente em 18/12/2023 13:35)
MARIANA JAFET CESTARI
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO
DELTEC (11.55.08)
Matricula: 1362884

(Assinado digitalmente em 19/12/2023 07:19)
PATRICIA RODRIGUES TANURI BAPTISTA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO
DELTEC (11.55.08)
Matricula: 2165214

(Assinado digitalmente em 16/12/2023 09:39)
KARINY CRISTINA DE SOUZA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.736-##

Visualize o documento original em <https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **31**, ano: **2023**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **15/12/2023** e o código de verificação: **8bec73a550**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pela oportunidade de concluir mais uma jornada.

Academicamente, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Patrícia Tanuri, pela parceria, pela dedicação e pelo carinho.

Expresso meus agradecimentos às professoras Mariana Cestari e Luciana Azeredo, por terem aceitado o convite de participar da Banca de Qualificação, pelas dicas e pelas sugestões.

Agradeço à professora Kariny Cristina de Souza, pela participação na Banca de Defesa.

Deixo aqui minha gratidão ao professor Cláudio Lessa, pelo convite para integrar o *Grupo Narrar-se*.

“a narrativa está aí, como a vida”
Roland Barthes

*“Todos nós nascemos
como contadores de histórias.
Nossa voz interna conta
a primeira história que já ouvimos.”*
Kamand Kojouri

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar, discursivamente, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2000 [1961]) e *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) de Carolina Maria de Jesus, buscando identificar, por meio sequências discursivas, efeitos de sentido sobre “subalternidade” e sobre “esperança” que emanam desses livros-diários, considerando a condição de produção desses escritos. Arelado a narrativas de vida, esta dissertação buscou ainda investigar como o sujeito discursivo caroliniano discorre, principalmente, sobre si mesmo, engendrando o narrar-se dessas obras. Como aporte teórico, escolheu-se a Análise de Discurso francesa materialista, com base no referencial teórico-metodológico de Michel Pêcheux (1997a, 1997b, 2014, 2015) e Orlandi (2006, 2015), considerando, neste estudo, a relação do sujeito com a língua, com a história e com a ideologia. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, bibliográfica, com orientação exploratória. Para compor este corpus, escolheram-se sequências discursivas, obtidas por meio de recorte e seleção de trechos de *Quarto de Despejo* (2000 [1960]) e de *Casa de Alvenaria* (1961), de modo a compreender como os efeitos de sentido de subalternidade e de esperança estão presentes nos discursos de Carolina e como isso serve de base para que o sujeito discursivo e o sujeito-narrador construam o narrar-se. As análises indicaram que os discursos presentes neste trabalho puderam ser inseridos dentro da concepção de “subalternidade” e de “esperança”, efeitos de sentido encontrados na narrativa caroliniana, e que os discursos não se prendem em sua literariedade, mas provêm de diferentes posições assumidas, essas tomadas de acordo com suas formações discursivas, dependendo de fatores externos à língua.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Carolina Maria de Jesus; Casa de Alvenaria; Narrar-se; Quarto de Despejo.

ABSTRACT

This paper intent to analyze, discursively, *Quarto de Despejo* (2000 [1960]) (The Trash Room) and *Casa de Alvenaria* (1961) (I'm Going to Have a Little House) from Carolina Maria de Jesus, searching for identify, through discursive sequences, effects of meaning on "subalternity" and "hope" that emanate from these diaries, considering the condition of production of these publications. Linked to life narratives, this dissertation aimed to investigate how the Carolinian discursive subject discourses, mainly, about himself, engendering the narration of these analyses. The French Discourse Analysis was chosen, based on the theoretical-methodological framework of Michel Pêcheux (1997a, 1997b, 2014, 2015) and Orlandi (2006, 2015), considering, in this study, the relationship of the subject with language, history and ideology. This is a basic, bibliographical research with an exploratory orientation. To compose the analyses of this corpus, discursive sequences were selected from *Quarto de Despejo* (2000 [1960]) (The Trash Room) and *Casa de Alvenaria* (1961) (I'm Going to Have a Little House) to understand how subalternity and hope are present in discourses of Carolina and how this serves as basis for the discursive subject and the subject-narrator to construct the narration. The analyses indicated that the discourses present in this corpus could be inserted within the conception of "subalternity" and "hope", meaning effect in Carolinian narrative, and these discourses are not linked to their literariness, but come from different positions assumed, these taken according to their discursive formations, depending on factors external to the language.

Keywords: Discourse Analysis; Carolina Maria de Jesus; I'm Going to Have a Little House; The Trash Room; Self-narrative.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1	A Análise do Discurso e seu objeto	19
2.2	Narrativas de si	24
3	METODOLOGIA	30
4	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	32
4.1	Subalternidade	32
4.1.1	A queixa contra o modo de viver	34
4.1.2	A fome e o lixo	48
4.1.3	Preconceito e discriminação	57
4.1.4	Queixa contra a favela	64
4.1.5	Queixa contra o sistema das instituições públicas	72
4.2	Esperança	76
4.3	Comparação entre <i>Quarto de Despejo</i> e <i>Casa de Alvenaria</i>	92
4.4	Características da narrativa	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	112

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre narrativas de si vêm ganhando espaço na contemporaneidade, principalmente por se ligarem a estudos que abordam os sujeitos em sociedade. Segundo Arfuch (2010, p. 15), “os métodos biográficos, os relatos de vida, as entrevistas em profundidade delineiam um território bem reconhecível, uma cartografia da trajetória individual sempre em busca de acentos coletivos”. Nesse sentido, tentar compreender a coletividade a partir da análise de um relato (auto)biográfico implica considerar as relações sócio-histórico-ideológicas que se conectam aos discursos dessas composições.

Conforme Delory-Momberger (2016, p. 136), as abordagens relacionadas à autobiografia estão organizadas em um núcleo “de constituição individual (de individuação), de construção de si, de subjetivação” que interagem com os processos interpessoais e com o universo social. Dessa forma, buscar os possíveis significados de escritos autorreferenciais é indagar sobre os efeitos de sentido, sobre o uso da língua(gem) que é utilizado nessas publicações, sobre os discursos que emanam dessas subjetividades, sobre as projeções existentes. Afinal, as vivências que são refletidas por meio da linguagem permitem mostrar que “as experiências pessoais são tipicamente caracterizadas por algum tipo de representação que o indivíduo tem de si mesmo: são minhas experiências pessoais únicas, mesmo quando eu as compartilho parcialmente com outros.” (Van Dijk, 2012, p. 105).

Dessa forma, ao transpor esses fatos na forma de narrativas de si, o sujeito representa, ao mesmo tempo que profere discursos, os quais são concebidos como “prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Orlandi, 2015, p.13). No entanto, como o dizer é dialógico, o discurso pode ser estudado, analisado, mostrando os diferentes efeitos de sentido que a esse discurso podem ser associados, pois tais implicações incidem sobre posições imaginárias, o que é simbólico. Assim, conciliar um estudo que aborde narrativas do eu (ou de si) e a discursividade é possível porque ambas são a utilização da linguagem e estão imbricadas com fatores sociais. Se, conforme a supracitada premissa de Delory-Momberger, há essa interação, para a Análise de Discurso, a linguagem é concebida “como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” (Orlandi, 2015, p. 13).

Considerando *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2000 [1960]), de agora em diante apenas *Quarto de despejo* (ou QD), e *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961),

doravante *Casa de Alvenaria* (ou CA), (1961) como produções inseridas nas narrativas de si, este estudo procurou analisar os discursos presentes nelas. As obras de Carolina Maria de Jesus incluem diários, antologias e romances. *Quarto de Despejo* (1960) foi o livro que a divulgou, mas, mesmo diante de seu sucesso editorial, com mais de 100 mil exemplares vendidos em um ano, Carolina é pouco conhecida. Outras publicações da autora são *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963) e *Provérbios* (1963), com maior parte lançada postumamente: *Diário de Bitita* (1977), *Um Brasil para brasileiros* (1982), *Meu estranho diário* (1996), *Antologia Pessoal* (1996), *Onde Estaes Felicidade* (2014), *Meu sonho é escrever: contos inéditos e outros escritos* (2018).

Para Nascimento (2020, p. 13-14), *Casa de Alvenaria* (1961) não repetiu o mesmo fenômeno de *Quarto de Despejo* porque o reconhecimento de Carolina não incidia em “seu valor literário e sua importância histórico-social, mas resultou de uma espécie de curiosidade antropológica acerca da ‘favelada’”. Assim, abordar *Casa de Alvenaria* é não somente enaltecer as outras produções de Carolina, fomentando a discussão sobre a relevância de suas obras, mas também tentar romper o silenciamento existente sobre seus trabalhos. Além disso, pelo fato de esses dois primeiros livros carolinianos constituírem narrativas de si, eles imbricam-se com os recentes estudos sobre autobiografias.

Embora *Quarto de Despejo* [1960] tenha recebido considerável sucesso comercial, sendo o livro mais exitoso de Carolina, muitas obras continuam desconhecidas e, outras, inclusive, seguem sem publicação. Por mais que temas como negritude e feminismo na literatura ganharam destaque na contemporaneidade, Carolina continua distante do cânone feminino. Basta percorrer alguns livros didáticos de língua portuguesa, por exemplo, para perceber que Carolina não é uma escritora reverenciada. A ausência dessa autora mineira entre os cânones fomentou este estudo, pois permite refletir o motivo pelo qual Carolina não ocupa, ainda, seu espaço tão merecido. Por exemplo, ela não aparece em alguns livros indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que “é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução”. (Brasil¹, 2023).

¹ BRASIL, Ministério da Educação. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do>

Pensar que Carolina não se configura dentro do modelo padrão de escritora faz-nos pensar, justamente, que sua literatura atraiu, erroneamente, os leitores apenas por “ser exótica”, isto é, produto de uma catadora e moradora da favela. Portanto, a forma como Carolina ainda é concebida merece discussão, na tentativa de romper essa visão estereotipada.

Ainda que algumas iniciativas tenham por objetivo evidenciar Carolina e suas obras, tais como a do Instituto Moreira Sales² (IMS), muitos estudantes têm o primeiro contato com a leitura e com as obras literárias apenas na escola, onde o livro didático é um recurso importante para o ensino-aprendizagem, tanto para os professores quanto para os alunos, sendo esse, portanto, um espaço que deve considerar a importância das obras de Carolina.

Quanto às abordagens sobre Carolina Maria de Jesus (CMJ), na década de 1990, aumentaram-se os estudos sobre a escritora. José Carlos Sebe Bom Meihy, seu biógrafo mais conhecido, publicou *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (1994), juntamente com Robert M. Levine. Em 1996, Meihy organizou a publicação de um conjunto de poemas carolinianos, intitulado *Antologia pessoal*. No ano de 2017, Tom Farias lançou *Carolina: uma biografia*, evidenciando os motivos que fizeram certas obras de Carolina não serem publicadas.

Said Leonardo Diaz Saenz (2020), com a tese *La representación de sí mismo y el otro: una lucha por el reconocimiento a partir de la representación del marginal*, analisa as obras *Rua* (1961), livro de poemas escrito por Guilherme de Almeida, e *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), ambas produzidas na década de 1960, na cidade de São Paulo. Esse pesquisador discute a práxis presente em cada um desses livros, implicando a representação dos autores desses dois livros com o outro e consigo mesmo.

livro#:~:text=O%20que%20C3%A9%3F,de%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica%20do%20Pa%C3%ADs. Acesso em 23 jun. 2023.

² “A exposição *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros* é dedicada à trajetória e à produção literária da autora mineira que se tornou internacionalmente conhecida com a publicação de seu livro *Quarto de Despejo*, em agosto de 1960. Tem como objetivo apresentar sua produção autoral que incluiu a publicação, em vida, de outras obras. [...] Protagonista importante da história do Brasil, embora invisibilizada muitas vezes, Carolina tem um papel particularmente significativo para a história da população negra brasileira. A exposição apresenta a autora como uma intérprete imprescindível para compreender o país. [...] O acervo de Literatura do Instituto Moreira Salles tem sob seus cuidados dois manuscritos de Carolina Maria de Jesus – intitulados *Um Brasil para os Brasileiros* – e seu disco com composições próprias, também chamado *Quarto de Despejo*. Eis o ponto de envolvimento e de partida do IMS na elaboração da ideia.” Fonte: <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/>. Acesso em 23 jun, 2023.

Gilmar Jose Penteado (2018), com a tese *Estética da vida no limite: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho e valor literário em Quarto de Despejo (diário de uma favelada)*, Doutorado em Letras, na área de concentração Estudos de Literatura, busca compreender a estética presente em *Quarto de Despejo*, na tentativa de atribuir valor literário à obra. Suelen Wanderley Oliveira (2021), com a dissertação *Uma análise discursiva da escrevivência de Carolina Maria de Jesus na obra Quarto de Despejo*, analisa como a representatividade da mulher negra se insere dentro da literatura negra-feminina, e como também está construída a sua referenciação, pois esse último processo impacta a forma na qual a escritora representa a si mesma em *Quarto de Despejo*. Para isso, a pesquisadora utiliza recortes da obra, tendo como referencial teórico a Análise Crítica do Discurso (ACD). Ainda que essa pesquisa utilize a análise discursiva, sua corrente teórica e seu enfoque são diferentes: nela, é usada a ACD e o estudo centraliza-se na escrita afro-feminina.

Daniela Almeida de Nascimento (2020) em sua dissertação de mestrado em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e Macksa Raquel Gomes Soares (2020), em sua dissertação de mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão, abordam tanto a escrita de si como a autobiografia presentes nas obras da escritora de *Quarto de Despejo*. No entanto, a primeira dissertação retrata a recepção literária dos livros de Carolina Maria de Jesus, considerando a perspectiva racial e a escrita subalterna, dando pouca profundidade à Análise de Discurso. A segunda discorre sobre Carolina com foco nas noções de identidade e prioriza temáticas negras, femininas e coloniais. Nesse último trabalho, entretanto, a autora reserva apenas um tópico para tratar discursivamente das obras carolinianas.

Aline Arruda (2015), por sua vez, em sua tese *Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito*, do Doutorado em Literatura brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais, procurou investigar a diversidade de gêneros nas obras de Carolina, sob a perspectiva de um projeto literário, tecendo relações com a edição crítica do inédito romance *Dr. Silvio*.

Já Fernanda Rodrigues de Miranda (2013), em sua dissertação de mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*, aborda os percursos de Carolina sob a experiência marginal e sua constituição estética. Segundo esse

estudo, os moradores da favela onde residia a escritora eram rotulados como “pessoas que a sociedade paulista considerava marginais.” (Miranda, 2013, p. 16). A própria Carolina define, em seu primeiro livro, o que é ser marginal, mas ela não se identificava com a vivência na favela, buscando, por meio da escrita, ascender socialmente e migrar desse local. Além disso, defende-se que *Quarto de Despejo* é uma obra literária “no sentido amplo do termo: de um pensamento elaborado com contornos estéticos, em que forma e conteúdo, texto e contexto, constituem uma dicção narrativa própria.” (Miranda, 2013, p. 19-20).

Consideramos importante ressaltar que, para Elisângela Lopes³, a visibilidade de Carolina após a publicação de *Quarto de Despejo* fez surgir dúvidas sobre a autenticidade do livro, atribuindo sua autoria ao jornalista Audálio Dantas. A pouca importância dada à Carolina e a resistência em reconhecê-la como autora levaram-na ao “desprezo cultural e social e a produção literária de Carolina Maria de Jesus permanece desconhecida diante do grande público.” (Lopes, s.n.t. p. 3). Esses trabalhos são importantes, para esta pesquisa, porque discorrem sobre Carolina Maria de Jesus, aumentando a fortuna crítica acerca dessa autora. Além disso, tais estudos mostram sua própria relevância ao trazer reflexões sobre os discursos carolinianos, sobre sua escrita e sua representatividade, abordando temas como racismo, subalternidade, autobiografia e a narrativa nas obras de Carolina.

Durante o levantamento bibliográfico, observou-se que, embora alguns trabalhos delineiem a Análise de Discurso, como é o caso de Buranelli (2021), a maior parte deles se inscreve no campo da Literatura ou tentam legitimar Carolina como escritora literária (Almeida, 2020; Lapa, 2020; Oliveira, 2019; Santos, 2021, que mescla Literatura e História Pública; Rezende, 2019; Rodrigues, 2020; Siniscalchi Jr, 2020; Vieira, 2021). Além disso, pesquisas recentes sobre Carolina se inscrevem em outras áreas ou temáticas, tais como a tese de Rosa (2020), a qual aborda *Quarto de Despejo* e sua relação com trabalho e sociedade; Pimenta (2021), que concentra sua pesquisa na Psicologia, e Dorneles (2020), que aborda a formação de professores em uma perspectiva discursiva. Portanto, ainda que certos estudos reflitam a importância dos discursos carolinianos, são poucos os que abordam a narrativa de Carolina Maria de Jesus especificamente à luz da Análise de Discurso.

³ Publicação disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/1025-denuncia-e-reflexao-no-quarto-de-despejo-elisangela-lobes>> Acesso em: 06 mar. 2022.

É nessa perspectiva que nossa pesquisa se insere e entende que discorrer sobre Carolina Maria de Jesus é poder abordar várias qualidades pertencentes a uma única pessoa: mulher, negra, mãe e escritora. No entanto, é também poder refletir e discutir sobre as mazelas da vida que a cercaram em sua sociedade e em seu tempo: pobreza, racismo, machismo, desigualdade e exclusão social.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, em 1914. Viveu sua infância junto a sete irmãos e não concluiu o segundo ano do Ensino Fundamental. Entretanto, o gosto pela literatura fez um horizonte de esperança surgir diante dela. Em meio a vários infortúnios, Carolina muitas vezes se viu sozinha, praticamente abandonada, mas encontrou na companhia da leitura e da escrita um alicerce para poder (sobre)viver. Narrando a própria vida, registrou os acontecimentos em cadernos que encontrava no lixo, usando-os como diários.

Quarto de Despejo [1960] origina-se a partir da publicação de vinte diários, recortados e editados pelo jornalista Audálio Dantas, nos quais Carolina abordou o próprio cotidiano na favela do Canindé entre julho de 1955 e janeiro de 1960. *Casa de Alvenaria* (1961), é a continuação dos diários, datados entre 05 de maio de 1960 e 21 de maio de 1961, que descrevem a migração da favela e narram os fatos diante da nova condição social. Segundo a própria autora, o objetivo de relatar os acontecimentos em *Quarto de Despejo* foi expor os fatos ocorridos e publicá-los em uma espécie de livro-denúncia: “Vou escrever um livro referente à favela. Hei de citar tudo o que aqui se passa.” (Jesus, 2000, p. 17). Para Carolina, a escrita proporcionaria o tão sonhado reconhecimento como escritora, e, com o resultado das vendas das obras, seria possível deixar a favela, lugar insalubre, indigno à vivência humana, segundo a percepção da própria autora (Jesus, 2000).

Para o jornalista que descobriu Carolina, *Quarto de Despejo* é uma “lírica narrativa do sofrimento do homem relegado à condição mais desesperada e humilhante da vida” (Dantas, 2000, p. 4). De acordo com ele, ninguém teria tanta intimidade para narrar sobre a favela se não tivesse vivido nela, ou seja, os relatos da obra são feitos a partir da visão interna desse ambiente. Por outro lado, a escrita que originou a segunda obra possui uma abordagem diferente: “**Casa de Alvenaria** é depoimento tão importante quanto “Quarto de Despejo” [...] Em certos aspectos, é um livro mais fascinante” (Dantas, 1961, p. 5, grifos do autor).

Dessa maneira, o efeito provocado pelo segundo livro é fruto da nova narrativa: nela há mais ênfase à alegria, em contraste com o sofrimento exacerbado presente em *Quarto de Despejo*. Em um dos relatos de *Casa de Alvenaria*, quando Carolina visita o Rio de Janeiro, viagem provocada pela fama, a autora registra um acontecimento simbólico, contrastando-o com a vida passada de fome e miséria: “Os filhos ficaram admirados quando viu [*sic*] as frutas, manteiga. A Vera sorria quando os nossos olhares cruzavam. Nós agora somos ricos.” (Jesus, 1961, p. 73).

Escritos em primeira pessoa, os dois livros-diários de Carolina retratam sua vida autobiograficamente. Segundo Barthes (2001), não há história sem narrativa. Esta integra os diferentes povos, culturas e classes sociais; ela pode ser distinta entre a humanidade e até mesmo oposta. A narrativa é uma sucessão de fatos e de acontecimentos, reais ou fictícios, determinada pela dimensão espaço-temporal, cujo narrador escolhe o conteúdo a ser exposto (Pellegrini, 2003). Nesse sentido, o narrar-se é o tipo de narrativa do *eu*, é aquela em que o enunciador fala a partir de si mesmo, podendo abarcar a autobiografia propriamente dita até outros gêneros autobiográficos. Ela caracteriza-se por ser relatada mediante as próprias percepções e experiências de um indivíduo, feita por meio da identidade (Ricoeur, 2014), da história de quem a conta e, assim, legitima o poder da subjetividade.

Nesse sentido, cremos que compartilhar a intimidade, por meio dos relatos é fazer um convite para adentrar no universo do enunciador, para conhecer sua vida; é fazer o uso das palavras com diferentes intencionalidades, permitindo realizar representações que criem diferentes efeitos de sentido. Por conseguinte, os discursos não se estacionam em um único efeito percebido ou pretendido, mas, por exemplo, podem ser usados para argumentar, ou seja, são também uma estratégia retórica para convencer o interlocutor. Essa tentativa de convencimento permite que o outro saiba, com base em fatos testemunhados, a vida do enunciador. No caso de Carolina, sua narrativa mostra não apenas o cotidiano, mas também expõe a estrutura interna da favela e a subjetividade da narradora – seus desejos, anseios e frustrações. Assim, a discursividade ganha diferentes proporções, sendo compreendida, por exemplo, como denúncia, esperança ou resistência, pois “o lugar do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (Orlandi, 2015, p. 37). Esse espaço estabelece uma espécie de relação de forças, mas que só funciona segundo seu aspecto imaginário, isto é, conforme as projeções imaginárias que são emanadas, perpassando o lugar do sujeito para a posição do sujeito. Além disso, segundo

Pêcheux (2014), ao tomar a palavra, o sujeito se inscreve em diferentes formações discursivas. É a partir disso que os sentidos emanam, pois o

discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. (Orlandi, 2015, p. 41).

Portanto, partimos do pressuposto de que os discursos carolinianos instauram-se a partir dessas formações para que possam significar. Ao longo das análises, essa inter-relação será mostrada. Ressaltamos, todavia, que, embora a Análise de discurso francesa prefira utilizar o termo “discurso”, pode-se estabelecer uma pequena semelhança entre essa corrente e a teoria bakhtiniana: a necessidade de relacionar o dizer a outros dizeres, a outros já-ditos. No entanto, apenas essa inter-relação não é suficiente, sendo necessário, também, relacionar esses ditos à sua exterioridade. Segundo Pêcheux (2014, p.146):

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...] [ele] é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

Essa asserção enfatiza que é necessário observar as condições de produção em que os discursos foram produzidos para que os sentidos se manifestem. Durante a construção de sentido, essas posições ideológicas ficam evidentes, pois podem remeter e serem remetidas a diferentes formações ideológicas dos interlocutores.

Admitindo a escrita caroliniana como prática de linguagem, é possível efetuar sua análise discursiva e verificar quais os seus efeitos de sentido que emergem nas/das narrativas, pois o dizer não é propriedade particular de um indivíduo. As palavras não nos pertencem, mas seus sentidos são atribuídos pela dimensão da história e da língua (Orlandi, 2015, p. 30). Prestigiar as produções de Carolina Maria de Jesus, muitas vezes rotulada como periférica, incita a reflexão sobre quem está autorizado a escrever, reconhecendo a importância dessas publicações. Além disso, acredita-se que dar visibilidade à autora é um modo de ressaltar o valor dos diferentes grupos sociais e de seu papel para a construção da sociedade.

Carolina Maria de Jesus, devido a seu legado construído como escritora, figura-se como um caso emblemático na literatura brasileira. A autora foi capaz de registrar e transpor para as páginas de *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961) a realidade vivida por uma mulher negra, periférica, mas teve a capacidade de retratar a realidade de uma massa social minoritária. Diante disso, analisar, discursivamente, essas duas obras carolinianas é oferecer suporte a várias interpretações sobre a condição feminina e favelada no recorte sincrônico da história brasileira da década de 1950 e do ano de 1960, mostrando a relevância desse estudo. Assim, não pretendemos ratificar a concepção de que Carolina deve ser reconhecida como uma escritora subalterna ou desprovida de estética literária, mas elucidar como as suas reflexões pessoais, encontradas nos dois livros-diários analisados, auxiliam a compreensão de sua intimidade e de parte das relações sociais no período relatado, permitindo observar que a narrativa caroliniana evidencia diferentes efeitos de sentido.

Dessa forma, o iminente estudo pretende explicar como a narrativa de Carolina Maria de Jesus está organizada e como os relatos presentes em *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961) se relacionam com a língua, com a história, com a ideologia; portanto, com a conjuntura social do período observado. Espera-se que esta pesquisa possa trazer contribuições importantes para a Análise de discurso, para os futuros estudos sobre narrativa de si e que também possa resgatar a memória de Carolina Maria de Jesus. É importante esclarecer que este trabalho respeita fielmente a linguagem escrita da autora. Por isso, nos trechos citados, serão encontrados desvios gramaticais que não estão em consonância com a norma padrão, mas que foram mantidos por representarem ou caracterizarem legitimamente a materialidade discursiva em estudo.

Esta pesquisa tenta, portanto, responder ao seguinte problema: que efeitos de sentido de subalternidade e esperança emergem na/da materialidade linguística dos livros-diários *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), de Carolina Maria de Jesus, e a que formações discursivas e ideológicas esses efeitos se filiam, dando suporte ao narrar-se?

O presente estudo considera o discurso um rico instrumento para estudar a vida de um indivíduo em sua inter-relação com a sociedade, pois “o discurso constitui um objeto próprio enquanto materialidade específica da ideologia e que tem, por sua vez, a língua como sua materialidade específica” (Guimarães; Orlandi, 2006, p. 151).

Acredita-se que a análise discursiva dos relatos pessoais de Carolina, descritos em *Quarto de Despejo* (2000 [1960]) e em *Casa de Alvenaria* (1961), possa revelar diferentes significados, mostrando de que forma a narrativa se estrutura e como constrói efeitos de sentidos, tanto os pretendidos pela escritora-narradora quanto os interpretados, pois a AD é um “gesto de interpretação” (Orlandi, 2015). Nesse contexto, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar, discursivamente, os livros-diários *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), de Carolina Maria de Jesus, buscando identificar que efeitos de sentido de subalternidade e de esperança emergem na/da materialidade linguística dos livros-diários *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), de Carolina Maria de Jesus.

Para isso, pretendemos como objetivos específicos:

- Identificar as condições de produção desses discursos, considerando sua historicidade e sua materialidade discursiva;
- Descrever e interpretar como foram construídos os discursos sobre subalternidade e sobre esperança;
- Listar os efeitos de sentido de subalternidade e de esperança que emergem nos/dos livros, observando como o sujeito-narrador tece o narrar-se, e a que formações discursivas e ideológicas esses efeitos se filiam, dando suporte ao narrar-se.

Este trabalho se organiza em cinco capítulos. O primeiro apresenta um panorama geral deste estudo, incluindo o problema e os objetivos da pesquisa. O segundo apresenta o arcabouço teórico que fundamenta nossas análises. O terceiro descreve a classificação desta pesquisa, assim como a metodologia empregada. O quarto versa sobre a análise das obras que constituem o *corpus* da dissertação, além de expor a interpretação de dados. O quinto apresenta as considerações finais, seguidas pela lista de referências consultadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta a base teórica em que se insere a pesquisa desta dissertação, a delimitação do campo teórico da Análise de Discurso e seus principais conceitos, além de uma abordagem sobre narrativa de si.

2.1 A Análise de Discurso e seu objeto

Na atualidade, a Análise de Discurso é uma área do saber que comporta “uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos, desenvolvida a partir de diferentes tradições teóricas e diversos tratamentos em diferentes disciplinas.” (Gill, 2002, p. 244). Uma vez que esse campo teórico é interdisciplinar e está atrelado a diferentes correntes, é preciso elucidar que esta pesquisa se filia à vertente materialista. Desse modo, adota-se como dispositivo teórico a Análise de Discurso pecheutiana, que interconecta o materialismo histórico, a psicanálise – na fase final, ou 3ª fase da Análise de Discurso (AD) – e a linguística.

O objeto da Análise de Discurso é o discurso, e este passa a ser considerado não como a língua, o texto ou a fala, mas é dependente de componentes linguístico para existir materialmente. Michel Pêcheux (2015, p. 214) define o discurso como

uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso.

Assim, o discurso é proferido por meio de condições de produção estabelecidas. Essas condições são “o conjunto da descrição das propriedades relativas ao destinador, ao destinatário e ao referente”. (Pêcheux, 2015, p. 214).

A forma material da Análise de Discurso é linguístico-histórica, pois a linguagem é constituída por processos histórico-sociais, o que implica dizer que é impossível pensar na língua(gem) e no discurso sem considerar esses aspectos. Para a “a materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (Pêcheux, 2014, p. 147, grifos do autor). Na AD materialista, o sujeito é

descentrado, afetado pela ideologia e pelo inconsciente. Nesse processo, ocorre a constituição dos sujeitos, isto é, um assujeitamento:

[...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, identificação na qual o sentido é produzido como evidência pelo sujeito e, simultaneamente, o sujeito é “produzido como causa de si. (Pêcheux, 2014, p. 238).

Para compreender os processos discursivos, é necessário distinguir sujeito empírico (indivíduos biológicos) de sujeitos do discurso. No discurso, há posições que são ocupadas pelo sujeito empírico, ou seja, pelo emissor, o qual é interpelado, transformando-se em sujeito do discurso. Segundo Orlandi (2015, p. 47), o sujeito discursivo é uma “posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz”. O modo como essa interpelação ocorre dá-se “pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, identificação na qual o sentido é produzido como evidência pelo sujeito e, simultaneamente, o sujeito é ‘produzido como causa de si’”. (Pêcheux, 2014, p. 238) O processo de identidade/ identificação é um tipo de *cumplicidade* entre os interlocutores, ou seja, entre o enunciador e “aquele a quem ele se dirige, como condição de existência de um *sentido* da frase. Essa cumplicidade supõe, de fato, uma *identificação* do locutor, isto é, a possibilidade de pensar o que ele pensa em seu lugar.” (Pêcheux, 2014, p. 104-5) Além disso, Pêcheux (2014) afirma que a identificação é o que faz todo sujeito reconhecer a si mesmo como homem, mulher, ou ainda, como operário, chefe, por exemplo, e o modo como está sistematizada a relação com o que lhe representa.

Quanto à formação discursiva, ela pode ser compreendida como

[...]aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto de uma exposição, de um programa, etc.). (Pêcheux, 2014, p. 147).

Portanto, sempre atrelada a formações ideológicas, a formação discursiva é lócus no qual o sentido se constitui, ou seja, é a “sua ‘matriz’”. (Pêcheux, 2014, p. 148). A constituição dos indivíduos em sujeitos ocorre por meio da ideologia. Segundo Pêcheux (2014, p. 146), a ideologia é responsável por fornecer as demonstrações que fazem com que as pessoas percebam

o que é um soldado, um operário um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (Pêcheux, 2014, p.146).

Urge esclarecer que a ideologia, nesse sentido, “não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há aliás realidade sem ideologia.” (Orlandi, 2015, p. 46). O que ocorre, no processo de interpelação do sujeito pela ideologia, é a ilusão da transparência da linguagem, com o apagamento presente (da língua na história), o que leva o sujeito a pensar que é a fonte de seu dizer. Para Orlandi (2015) e Pêcheux (2014), a linguagem, os sujeitos e os sentidos não são transparentes, cada um possui materialidade e ambos são constituídos em processos em que concorrem a história, a ideologia e a língua. Dessa forma, a formação discursiva é o local onde o sentido se constitui.

Pêcheux (2014, p. 148-149) propõe a tese de que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas”. Além disso, nomeia-se de interdiscurso o “todo complexo com dominante” das formações discursivas (doravante FDs). É característico de toda FD

dissimular, na transparência de sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal. A objetividade material do discurso caracteriza-se por haver um *já-dito*, que antecede o discurso, desencadeando outros discursos, ou seja, “algo fala (*ça parle*) sempre “antes”, subordinado ao complexo das formações ideológicas. (Pêcheux, 2014, p. 149).

Desse modo, o sujeito é assujeitado em “sujeito falante” pela sua respectiva FD. Assim, a materialidade do discurso e do sentido é obtida a partir do momento em que existe a interpelação das pessoas “em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (Pêcheux, 2014, p. 147).

Outro conceito importante de Pêcheux (2014, p. 243) é a forma-sujeito do discurso. Nela,

[...] coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira*. Estamos lidando com uma determinação que se apaga no efeito necessário que ela produz sob a forma da relação entre sujeito, centro e sentido.

É por meio dessa forma-sujeito que existe a identificação do sujeito com a sua formação discursiva. Além disso, os processos discursivos envolvem a história:

[...] em cada momento histórico dado, as formas ideológicas *não se equivalem*, e efeito simulação-recalque que elas engendram *não é homogêneo*: as formas que a “relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” toma não são homogêneas precisamente porque tais “condições reais de existência” são “distribuídas” pelas relações de produção econômicas, com os diferentes tipos de contradições políticas e ideológicas resultantes dessas relações. Em um momento histórico dado, as “formas ideológicas” em presença cumprem, de maneira necessariamente desigual, seu papel dialético de *matéria-prima* e de *obstáculo* com relação à produção com relação à produção dos conhecimentos, à prática pedagógica e à prática política do proletariado. (Pêcheux, 2014, p. 74).

Portanto, as palavras estão inscritas na história porque elas possuem historicidade, o sentido delas associa-se ao modo como elas circulam.

Embora a Análise de Discurso francófona trabalhe mais com o termo discurso do que com o termo enunciação⁴, foi com a linguística enunciativa que os estudos sobre o sujeito ganharam espaço. Os créditos da teoria da enunciação podem ser dados a Benveniste, mas as abordagens sobre enunciado, enunciação e sujeitos são encontrados anteriormente em Bakhtin. Os conceitos desse autor russo são importantes porque permitem relacionar discursos e enunciados. Para ele, “a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa, pois, a partir do uso e dos traços do discurso que nela se imprimem, instalam-se na língua choques e contradições.” (Barros, 2001, p. 34). Nessa perspectiva, a teoria bakhtiniana ressalta a importância de se observar determinados fatores sociais para os estudos linguísticos, permitindo o debate sobre a neutralidade da língua. Assim, Pérez e Aymá (2015, p. 23, tradução nossa) ressaltam que “a palavra, portanto, nunca é neutra e nem individual, porque não é possível senão através da interação social. Por sua vez, o expresso é vivência e não há vivência fora da encarnação do signo, que se encarrega precisamente de organizar a experiência.”⁵ Dessa forma, percebe-se que o uso da língua está associado ao modo como os sujeitos a utilizam em sociedade.

⁴ Ainda que o termo “discurso” predomine, o próprio Pêcheux utiliza a enunciação em *Semântica e discurso — Uma crítica à afirmação do óbvio* (2014 [1975]), quando, por exemplo, discorre sobre sujeito da enunciação e sujeito universal, e em outros trabalhos. Esse autor atesta a necessidade de “uma teoria não subjetiva da constituição do sujeito em sua situação concreta de enunciator [...] sob a forma de um esboço descritivo dos processos de enunciação” (Pêcheux; Fuchs, 1997b, p.170).

⁵ Tradução do espanhol: La palabra, por lo tanto, nunca es neutra ni individual, porque no es posible sino a través de la interacción social. A su vez, lo expresado es vivencia y no hay vivencia por fuera de la encarnación signica, que se encarga precisamente de organizar la experiencia.

Desse modo, a partir da consideração do discurso como “palavra em movimento” (Orlandi, 2015, p.15), será possível observar o funcionamento discursivo, com base nas análises efetuadas. Afinal, é no discurso que se pode observar a relação entre os processos linguísticos e os ideológicos (Brandão, 2004; Orlandi, 2015; Pêcheux, 2015). Os sujeitos são essencialmente constituídos por esquecimentos (Pêcheux, 2014). Para a AD, o sujeito não é pensado como centro e origem de seu próprio dizer (Orlandi, 2015); o processo de significação desses dizeres está ligado à exterioridade linguística, não sendo um processo fechado: “o sentido e o sujeito [...] escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições.” (Orlandi, 2010, p. 51).

A linguagem, dessa forma, não se limita à comunicação, mas é um modo de interagir-se, um produto social (Brandão, 2004); ela está ligada a uma exterioridade, a qual envolve as pessoas. Para que sejam localizadas as “regularidades da linguagem em sua produção”, a linguagem deve ser relacionada a seu conteúdo extralinguístico (Orlandi, 2015, p. 14). Desse modo, a AD visa a “língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando” (Orlandi, 2015, p. 14-15). Isso implica dizer que essa sustentação teórica preconiza que a linguagem não é transparente, mas concebe o texto em sua discursividade; o sentido, assim, não se prende à sua literariedade.

Orlandi (2015) ressalta que, no exterior da língua, existem diferentes posições (sociais, políticas, ideológicas), o que permite reconhecer a presença de distintos discursos e, conseqüentemente, evidenciar uma diversidade relacionada à filiação ideológica dos indivíduos e dos grupos sociais presentes em determinada sociedade. É dessa exterioridade que emergem as relações de forças, pois releva-se a hierarquia social e a inscrição de um lugar socioideológico determinado, já que o sujeito toma a palavra a partir de sua localização ideológica. Assim, os discursos advêm dessa posição ocupada pelos sujeitos (Pêcheux 2015; Orlandi, 2015), materializam-se e podem ser encontrados na parte exterior, nas enunciações.

Segundo Gill (2002, p. 248), “as pessoas empregam o discurso para fazer coisas – para acusar, para pedir desculpas, para se apresentar de maneira aceitável etc. Realçar isto é sublinhar o fato de que o discurso não ocorre em um vácuo social”. Analisar o discurso implica considerar a exterioridade da língua, ou seja, sua condição de produção porque o significado das palavras não é imanente. A língua não é transparente (Pêcheux, 2014), pois não se separa de seu conteúdo ideológico: “não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente dos signos (Orlandi,

2015, p. 7). Portanto, a condição de produção é determinante sobre o sentido dos discursos, e, para analisá-los, é preciso considerar a língua, a ideologia, a história e os sujeitos envolvidos (Pêcheux, 2014).

Por isso, é impossível efetuar uma análise discursiva sem estabelecer conexão entre discurso e vida social: “A análise de Discurso é, necessariamente, a análise da língua em uso. Desse modo, isso não pode se restringir às descrições das formas linguísticas independentes das propostas ou funções que essas formas são designadas para servirem aos domínios humanos.” (Brown e Yule, 1993, p. 01. Tradução nossa).⁶ Assim como outros autores, Brown e Yule reiteram a importância de não se fixar exclusivamente em aspectos linguísticos, mas considerar o contexto social que permeia os discursos, o que significa analisar a língua em sua utilização.

Portanto, o discurso deve ser entendido como os efeitos de sentidos produzidos entre os locutores (Pêcheux, 1997b); sendo um gesto sempre interpretativo, uma vez que o sentido das palavras não se encontra prontamente nelas, mas é construído. Destarte, analisar a narrativa de Carolina Maria de Jesus, observando o trabalho composicional da linguagem da escritora e a condição em que os relatos foram produzidos, é buscar compreender os efeitos de sentido que emergem em *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), relacionando-os aos temas subalternidade e esperança.

2.2 Narrativas de si

As narrativas de si são processos inscritos dentro da categoria história de vida. Baseando-se na perspectiva etnossociológica, Bertaux (2010) preconiza que a narrativa de vida é a observação da vida social e pode servir para a coleta de documentos humanos. Segundo esse autor, o termo narrativa de vida, nas Ciências Sociais, é oriundo de um modo peculiar de entrevista, “a ‘entrevista narrativa’, durante a qual um ‘pesquisador’ (que pode ser um estudante) pede a uma pessoa, então denominada ‘sujeito’, que lhe conte toda ou parte de sua experiência vivida”. (Bertaux, 2010, p. 15).

⁶ Tradução nossa de “The analysis of discourse is, necessarily, the analysis of language in use. As such, it cannot be restricted to the description of linguistic forms independent of the purposes or functions which those forms are designed to serve in human affairs.”

No entanto, neste trabalho, o emprego da expressão “narrativa de vida” não se limita à entrevista dirigida, mas se estende a qualquer forma de narrativa em que seja possível observar a vida social de um indivíduo ou de um grupo deles. Com relação ao referencial teórico adotado para a pesquisa que se deseja realizar, as narrativas de si correspondem a um campo no qual está presente qualquer parte da história de vida, desde que elas sejam feitas a partir do próprio sujeito enunciativo, em que o indivíduo toma a palavra tendo como referência a si mesmo. Dessa forma, consideram-se como escrita do *eu* qualquer relato autobiográfico. Partindo dessa premissa, as narrativas de vida se ancoram com base na realidade social-histórica (Bertaux, 2010). Por outro lado, ao abordar as histórias de vida, Arfuch (2013, p. 75) ressalta que

[...] a história de vida se apresenta como uma multiplicidade de *histórias*, divergentes, sobrepostas, de onde nenhuma pode aspirar à maior representatividade. E nisso não vale apenas para a autobiografia – que poderá refazer-se várias vezes ao longo de uma vida – como gênero reservado às ilustrações deste mundo, senão também para a experiência cotidiana da conversação, esse lugar em que todos somos autobiógrafos. Porque não contamos sempre a mesma história, ainda que evoquemos os mesmos acontecimentos: cada vez, a situação de enunciação, o gênero discursivo escolhido e o *outro*, o interlocutor, irão impor uma forma de relato que é a que, justamente, fará a seu sentido.⁷(Tradução nossa, grifos da autora).

Assim, a representação existe a partir do momento em que o sujeito se dispõe a falar de si mesmo, (re)construindo um *eu* por meio da linguagem, pois essa narrativa passa a ser um produto simbólico. A projeção da narrativa passa pela interferência da mente e se torna uma representação, e nela o sujeito escolhe, seleciona, decide o conteúdo a ser exposto. Essa imagem ratifica a ilusão de o sujeito ser o dono de seu dizer.

Lejeune (2008) diferencia a autobiografia de outras formas de narrativas do *eu*. Com foco nos estudos autobiográficos, o autor parte da concepção referencialista e afirma que a autobiografia pode ser considerada como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, com destaque para sua vida individual, em especial para a história de sua personalidade”. (Lejeune, 2008, p. 36). Porém, estendendo o conceito de pacto referencial para

⁷ Tradução nossa de: “la historia de una vida se presenta como una multiplicidad de *historias*, divergentes, superpuestas, donde ninguna puede aspirar a la mayor representatividad. Y esto no sólo es válido para la autobiografía – que podrá rehacerse varias veces a lo largo de una vida – como género reservado a los ilustres de este mundo, sino también para la experiencia cotidiana de la conversación, ese lugar en el que todos somos autobiógrafos. Porque no contamos siempre la misma historia, aunque evoquemos los mismos acontecimientos: cada vez, la situación de enunciación, el género discursivo elegido y *el otro*, el interlocutor, impondrán una forma del relato que es la que, justamente, hará a su sentido.” Grifos da autora.

além da autobiografia, a narrativa de vida deve se basear nessa mesma propositura indicada por Lejeune (2008), na qual autor, enunciador e personagem imbricam no mesmo ser.

Problematizando o modo como as narrativas de si ganharam espaço nos últimos anos, em detrimento das obras confessionalmente ficcionais, como os romances, Bourdieu (2006, p. 183-184), atesta que “falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que [...] uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.” Assim, para falar de algo relacionado à história de vida, é necessário, como condição, que o fato seja vivido ou noticiado. Para Bourdieu (2006, p. 184), os relatos ancoram-se em uma sucessão cronológica para que tenham sentido, isto é, sejam inteligíveis:

cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.

Portanto, estamos entendendo que o relato e a sua conseqüente divulgação estão ligados à ação do tempo e à lógica que se estabelece na sucessão dos acontecimentos.

Como as narrativas de vida elencam uma categoria que engloba tanto as biografias como as autobiografias, urge distinguir, ainda que brevemente, a espécie da subespécie. Nas biografias, o sujeito biografado não é o mesmo do sujeito narrador ou do sujeito autor, enquanto, nas autobiografias, o sujeito narrador-enunciador e a personagem coincidem com o nome do autor da obra (Lejeune, 2006). Fazendo um contraponto entre os conceitos de Bertaux (2010) e o espaço (auto)biográfico de Leonor Arfuch (2010), nas autobiografias não há a necessidade de o sujeito ser interrogado por outrem para poder falar, mas esse sujeito toma a palavra a partir de seu próprio desejo subjetivo de posicionar-se.

Assimilando determinados conceitos aristotélicos, Bruner (2004, p. 693) afirma que

A narrativa imita a vida, mas a vida também imita a narrativa. “Vida” nesse sentido é o mesmo tipo de construção da imaginação humana assim como a narrativa o é. Ela é construída por seres humanos por meio do raciocínio ativo, pelo mesmo tipo de raciocínio que construímos narrativas. Quando alguém conta a vida dele a você – e é principalmente sobre isso que devemos falar – é sempre uma realização cognitiva ao invés de algo nítido dado de modo unívoco. No fim, isso é realização narrativa. Não

há algo psicologicamente como "a própria vida". Pelo menos, é uma conquista seletiva de recordação de memória; além disso, contar a vida é uma façanha interpretativa. Filosoficamente falando, é difícil imaginar ser um realista ingênuo sobre a "própria vida".

A história da própria vida de alguém é, certamente, uma narrativa privilegiada além de problemática no sentido que é reflexiva: o narrador e a figura central da narrativa são o mesmo.⁸

Conforme a asserção de Bruner (2004), as narrativas de si caracterizam-se pela *mímese* e, a partir do momento em que são construídas, passam a se significar como uma projeção dos fatos narrados; logo, o ato de contar a história de vida é simbólico. Por outro lado, considerando que a linguagem se expressa por meio de todo um trabalho gestual, convém distinguir que o indivíduo biológico não é o mesmo do indivíduo da narrativa, pois este é uma construção subjetiva. Na Análise de Discurso, essa distinção contrapõe sujeito empírico e sujeito do discurso.

No discurso, há posições que são ocupadas pelo sujeito empírico, ou seja, pelo indivíduo, o qual é interpelado, transformando-se em sujeito do discurso. Para Pêcheux (1997a, p. 77), o sujeito discursivo ocupa uma posição no interior da relação de forças existentes entre aqueles que estão em um certo campo: social, político, literário etc. Consequentemente, nos processos discursivos, o discurso “deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, [...] o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio”. Orlandi reitera esse conceito, pois essa posição “deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz”, (Orlandi, 2015, p. 47), sendo, portanto, uma projeção imaginária.

Na narrativa de si, os relatos são autocentrados, mas os discursos também visam a alcançar determinado efeito de sentido. Para referenciar a si mesmo, o sujeito discursivo utiliza certas táticas, representando apenas o que deseja expor. Caso o conteúdo pessoal (da intimidade) seja

⁸² Tradução nossa de: “Narrative imitates life, life imitates narrative. ‘Life’ in this sense is the same kind of construction of the human imagination as ‘a narrative’ is. It is constructed by human beings through active ratiocination, by the same kind of ratiocination through which we construct narratives. When somebody tells you his life—and that is principally what we shall be talking about—it is always a cognitive achievement rather than a through-the-clear-crystal recital of something univocally given. In the end, it is a narrative achievement. There is no such thing psychologically as ‘life itself’. At very least, it is a selective achievement of memory recall; beyond that, recounting one’s life is an interpretive feat. Philosophically speaking, it is hard to imagine being a naive realist about ‘life itself’.

The story of one’s own life is, of course, a privileged but troubled narrative in the sense that it is reflexive: the narrator and the central figure in the narrative are the same. This reflexivity creates dilemmas.”

compartilhado, o modo como os discursos ganham materialidade pode mudar, implicando a relação com o Outro. Além disso, “em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo como essa antevisão do ‘imaginário’ do outro, fundar estratégias de discurso.” (Brandão, 2004, p. 44).

Considerando essa antecipação do discurso, procuramos compreender como o sujeito discursivo caroliniano, durante as análises que serão mostradas, é capaz de prever o impacto de sua fala, de seu testemunho. A mobilização de diferentes discursividades desse sujeito indicará que elas podem ser utilizadas, por exemplo, para comover, convencer, instigar, provocar o interlocutor, relacionando, principalmente, um modo antagônico em relação à favela. As formas como esses discursos estão posicionados, portanto, irão revelar a resistência, denunciar a opressão, a hipocrisia, a desonestidade, ou ainda, permitir que se compreenda o sentido sobre esperança.

Nesta pesquisa, levamos em consideração qual termo será empregado para conduzir este estudo. Embora sejam citados termos como narrativas de si, escritas de si, relatos autobiográficos etc., cabe e urge distinguir que o termo “narrativas de si” não é um gênero (Araújo, 2011), mas um modo de enunciação no qual o sujeito discursivo toma a palavra para falar de si e de aspectos de sua própria vida, referenciando a si mesmo. Além disso, pode-se categorizar esse termo como circunscrito dentro das narrativas de vida, uma vez que as vivências são relatadas.

Ratificando o conceito de Araújo (2011, p. 8), que discorre sobre alguns aspectos da narrativa de si, esse tipo é caracterizado como enunciação em primeira pessoa na qual enunciador e ator biográfico se constituem identitariamente. Dessa forma, a narrativa de si é “uma modalidade literária autobiográfica que se caracteriza por uma tentativa, por parte do sujeito, de objetivar o eu que fala” (Araújo, 2011, p. 8). Por outro lado, os gêneros que possuem características autobiográficas são uma carta, um diário, uma memória, um testemunho, uma autobiografia, um romance autobiográfico etc.

Siqueira *et al.* (2019, p. 9) denomina como narrativas do eu “o processo de construir a si próprio em um universo plural de referências. As narrativas do eu constituem a prática de anunciar algo sobre si, expressam a emergência da confissão, a necessidade de expor sua própria existência ao outro.” Portanto, diante dessas perspectivas, de modalidade literária e processual, elencados

pelos autores acima, usaremos os termos narrativas de si, relatos autobiográficos e narrativas do eu como elementos de uma mesma matriz, ou seja, como sinônimos-

Com base nessas considerações descritas sobre o discurso, este referencial teórico é importante para indagar os efeitos de sentido presentes na narrativa caroliniana, relacionando-a com os estudos de narrativa de si. Os conceitos mais importantes de Pêcheux (2015), para a realização deste trabalho, estão apresentados ao longo da dissertação.

3. METODOLOGIA

Este trabalho orienta-se por uma pesquisa de natureza básica, bibliográfica, com orientação exploratória, pois o objetivo é analisar discursivamente a narrativa de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), livros que constituem o *corpus* deste estudo. Para isso, serão utilizados os conceitos da Análise de Discurso materialista, tendo como referencial teórico principal a obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de Michel Pêcheux (2014), e seus desdobramentos no Brasil, tais como Orlandi (2015), entre outros.

Como método, ancorou-se na construção de um dispositivo analítico peculiar da Análise de Discurso. Esse aparato utiliza-se de um gesto interpretativo, pois “a interpretação faz parte do objeto de análise” (Orlandi, 2015, p. 58). Diante disso, como o dispositivo deve indicar a “relação do sujeito com sua memória”, não há a possibilidade de descrever sem interpretar, uma vez que a descrição e a interpretação estão inter-relacionadas. Ao eleger *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961) como materiais de análise, partiu-se para o recorte dessas obras, focalizando sequências discursivas associadas a efeitos de sentido/temas como subalternidade e esperança, que constituem o *corpus*.

Escolhemos *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961) porque os relatos presentes nessas obras estão mais próximos da enunciação, ou seja, apresentam menor distância temporal do momento dos eventos registrados, diferentemente de *Diário de Bitita* [1982], que recorre mais à memória psicológica. Carolina Maria de Jesus é o sujeito-autor responsável por registrar os acontecimentos descritos em *Quarto de Despejo* (2000) e em *Casa de Alvenaria* (1961). Ocupando a posição social de residente da favela, de mãe solo, de catadora de recicláveis e de aspirante à escritora, a autora dessas duas obras subjetiva-se em um narrador-testemunha, que assume diferentes posições discursivas. Nos discursos carolinianos, ao transitar do espaço empírico para a posição-sujeito do discurso, passando da posição social para a posição discursiva, o sujeito “inscreve-se num determinado lugar discursivo, o qual está determinado pelas relações de verdade e poder institucional que ele representa socialmente” (Grigolletto, 2008).

Portanto, existe um sujeito social que se movimenta para um sujeito discursivo, e este sempre está imbricado com uma formação discursiva, criando a materialidade para que haja a produção de sentido. Logo, poder observar como essas representações sociais estão ligadas a efeitos de sentido sobre a subalternidade e a esperança é um gesto interpretativo que se pretende fazer

com este estudo. Ao assumirmos a perspectiva teórica de Pêcheux (2015[1968]), estamos partindo do pressuposto de que os sujeitos são interpelados pela ideologia e que as condições materiais de produção, a história, o inconsciente se imbricam com a língua(gem), afetando os discursos.

Para as análises, foram selecionadas sequências discursivas dessas duas obras de Carolina Maria de Jesus, observando as condições e efeitos de sentidos, de modo a “enquadrar” esses recortes dentro da temática da subalternidade e da esperança, notando ainda como o sujeito-narrador, transposto em sujeito discursivo, estabelece o narrar-se.

O próximo capítulo tratará da análise das obras que constituem nosso *corpus*.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Neste capítulo, analisamos *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), focando os relatos carolinianos que elencam a subalternidade na seção (4.1), e a esperança na seção seguinte (4.2). Nossas análises partem do exame de como os discursos relacionados a esses dizeres são historicamente constituídos, levando em consideração o percurso de sentido ao longo das narrativas. Além disso, ressaltamos que observar a voz que fala por meio dos discursos carolinianos é observar quem possui legitimidade ou não para dizer.

4.1 Subalternidade

Nós somos pobres, viemos para as margens do rio.
As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais.
Gente da favela é considerado marginais.
Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos.
Os homens desempregados substituíram os corvos.
(Jesus, 2000, p. 48).

Esta seção tem como objetivo expor a análise discursiva de QD e CA, relacionando sequências discursivas dessas obras ao efeito de sentido sobre a subalternidade. Essa análise organiza-se em cinco subtópicos: o primeiro discorre sobre o modo de viver, o segundo enfatiza a fome e o lixo, o terceiro versa sobre preconceito e discriminação, o quarto demarca a queixa contra a favela do Canindé e o quinto aborda as críticas dirigidas contra o sistema político e contra determinadas instituições. Optamos por essa subdivisão porque, durante a seleção e o recorte de trechos dessas duas obras, percebemos que algumas temáticas se aproximavam.

A definição de subalterno tem origem nas obras *Cadernos do cárcere* (2002), de Antônio Gramsci. Para este trabalho, no entanto, essa palavra foi reapropriada, corroborando a versão de Anita Helena Schlesener (2016, p. 135), que estende a caracterização de subalterno aos que estão à margem dos processos históricos, àqueles que apresentam resistência e são conscientes da classe à qual pertencem ou aos que estão excluídos de tal modo que não compreendem “sua condição de classe” ou a submissão na qual se encontram.

Em 1960, ano de publicação de sua primeira obra, *Quarto de Despejo*, Carolina reunia diferentes atributos de subalternidade: mulher e mãe solo em uma sociedade machista, pobre em uma sociedade capitalista, negra em uma sociedade de hegemonia branca, pouco

escolarizada em uma sociedade que valorizava educação, e moradora da favela e catadora de recicláveis em uma sociedade elitista. Por meio da escrita dos dois livros-diários dessa escritora, é possível observar como algumas dessas características do sujeito-narrador estão relacionadas com seus discursos, refletindo diferentes lugares ocupados por esse enunciador. Nesse sentido, reiterando o que já foi afirmado, o discurso é proveniente de posições discursivas. Compreendê-las é, portanto, relevante porque, segundo Sobral (2013), não existe discurso sem a presença do outro. Os lugares sociais que são representados por meio do discurso visam ao reconhecimento de uma integralidade, é como se fossem dirigidos a ela. Isso implica dizer que o discurso sempre é uma interação, voltado ao outro, na busca de “um sistema discursivo” comum. “Em consequência, todo lugar social quer ser reconhecido e ter seu discurso reconhecido como mais próximo da completude, do todo, do outro.” (Sobral, 2013, p. 06).

Uma vez que o discurso está ligado à sua exterioridade (Orlandi, 2015), é preciso observar sua condição de produção, incluindo, por exemplo, os fatores econômicos e sociais. A economia brasileira, durante os registros de *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), esteve marcada por profundas desigualdades. Se, por um lado, a cidade de São Paulo era nacionalmente conhecida por sua grande oferta de emprego e seu desenvolvimento, atraindo migrantes de várias partes do país, por outro ela era um lugar onde também viviam os marginalizados. A falta de planejamento urbano e de políticas públicas fizeram com que parte da população social e economicamente mais vulnerável se instalasse em ocupações irregulares, tais como a favela do Canindé. Esses contrastes da capital paulista são um dos motivos para que Carolina discorresse sobre o local em que residia. Sem emprego formal, ela lutava para angariar meios que lhe garantissem a própria subsistência. A necessidade de catar recicláveis por vezes a obrigava a sair em companhia da filha pequena, tendo que suportar o peso dos sacos de papéis e da criança. Em diversas ocasiões, deixava os filhos sozinhos, sem a supervisão de um adulto, propensos a “crueldades”, como ela dizia, das mulheres da favela.

Como consequência de seus esforços físicos, Carolina teve problemas de saúde, comprometendo seu quadro de vida. Esses fatores determinaram o surgimento de uma voz que não concordava com o que vivia, que escrevia para denunciar, para atestar e para testemunhar os fatos presenciados. Essa voz se formava em meio à multiplicidade de posições-sujeito assumidas, instáveis. Dessa forma, a narrativa caroliniana é modificada pelo estado psicológico do *eu-que-narra*.

Levando em consideração a imagem de um sujeito que reflete sobre a subalternidade, este capítulo pretende analisar, portanto, o modo como os discursos de Carolina Maria de Jesus “provocam” significados, pois “não são os sujeitos físicos e nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções.” (Orlandi, 2015. p. 38).

Após efetuar a análise discursiva de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2000) e de *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), optamos por reunir as descrições em torno de temas com certa regularidade. Dessa forma, a seleção de seqüências discursivas permitiu separar o capítulo “Subalternidade” em cinco subtópicos: 4.1.1 *A queixa contra o modo de viver*; 4.1.2 *A fome e o lixo*; 4.1.3 *Preconceito e discriminação*; 4.1.4 *Queixa contra a favela* e 4.1.5 *Queixa contra o sistema das instituições públicas*. Os títulos dessas seções são delimitados por seu conteúdo, o qual evidencia os efeitos de sentidos sobre a subalternidade. Assim, a partir dessas categorias, traremos excertos que apontam o sujeito discursivo que discorre sobre a subalternidade.

Nesse contexto, com base no referencial teórico da Análise de discurso francesa, os discursos de Carolina Maria de Jesus são analisados à luz dessa concepção subalterna, temática que será discutida, com detalhe, nas próximas subseções.

4.1.1 A queixa contra o modo de viver

Frequentemente, Carolina questionava o modo subalterno de moradora da favela e de pessoas que passavam por adversidades. Para enfrentar a fome, ela precisou deixar os filhos sozinhos e sair às ruas em busca de recicláveis a fim de prover o sustento familiar. Centrando suas críticas na dificuldade em ser mantenedora do lar, a narrativa evidencia como o valor da venda de papéis é imediatamente transformado em alimentos. A limitação de ter os bens mínimos necessários, como roupas, materiais de higiene, calçados, além de outros utensílios domésticos, era um motivo recorrente da queixa caroliniana:

Cheguei em casa, **aliás** no meu barracão, nervosa e exausta. **Pensei** na vida atribulada que eu levo. **Cato** papel, **lavo** roupa para dois jovens, **permaneço** na rua o dia todo. E **estou** sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Faz uns dois anos, que eu pretendo comprar uma máquina de moer carne. E uma máquina de costura. (Jesus, 2000, p. 9).

O termo “aliás” é um marcador discursivo que possui a função corretiva e essa retificação indica que o locutor está ciente da mudança proposta. Assim, evidencia-se que o sujeito discursivo quer distinguir os diferentes espaços físicos destinados à moradia, sendo, portanto, o barracão diferente de uma casa, de um apartamento etc. Embora hoje o termo seja considerado pejorativo, é importante salientar que essa observação foi feita pela própria autora e não significa concordância com seu ponto de vista. Por meio de um gesto reflexivo, indicado pelo verbo “pensei”, o enunciador julga sua própria vida e enumera os motivos de seu descontentamento: ofício de catar papel, o dever de cuidar dos filhos e o hábito de deixar o lar. A condição de produção desse discurso mostra como a opressão se manifesta para o enunciador: há uma tentativa de convencimento de que, embora o narrador lute, ausentando-se de casa por grande parte do dia, seus esforços são insuficientes. Essa investida é indicada pelo tempo dos verbos “catar, lavar, permanecer” e “estar”, todos no presente do indicativo, mostrando que são ações habituais. Ao final do relato, marcar o tempo em que se espera ter os bens almejados, dois anos, implica como as condições de vida impedem esse acesso.

Além das descrições, a FD caroliniana interpela o sujeito discursivo (SD), e esse indica como deve ser o comportamento dos subalternos: “Quando o João chegou da escola eu o mandei vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água, mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas?” (Jesus, 2000, p. 37). No relato, o SD reitera as condições limitadas de vida, por isso não seria possível a certos grupos sociais empregar parte de seus recursos na compra do que seria “futilidade”. Assim, ele demonstra sua irritação por conta do desperdício de dinheiro que o garoto cometeu. Portanto, “fineza” adquire o mesmo sentido contemporâneo de privilégio. Com essa FD, o SD indica o que pode ou não ser consumido por alguns indivíduos, interpelado pela ideologia de mostrar o que pode ou não ser adquirido pelos subalternos.

No próximo trecho analisado, Carolina se queixa da impossibilidade de presentear a filha a mais nova, que completava dois anos de idade. Nele, é possível identificar a opressão existente:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu **pretendia comprar** um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. **Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.** (Jesus, 2000, p. 9).

A locução “pretendia comprar”, com o verbo auxiliar no pretérito imperfeito, pode ser entendida como um desejo não alçado, indo além de uma mera hipótese. A palavra “atualmente” faz uma marcação temporal, contrastando o momento do registro da narrativa com o período da escravidão. O atributo “escravos”, usado em sentido conotativo, revela a imposição que o preço dos alimentos ocasionou, deslocando o sentido desse termo. Com isso, o sujeito discursivo almeja denunciar que o modo dificultoso de vida das pessoas era o resultado da inacessibilidade a bens desejáveis, ocasionado pelo gasto com a própria sobrevivência. Por outro lado, “somos escravos do custo de vida” pode ser compreendido como uma tentativa de mobilizar o discurso por meio de uma experiência, pois o SD, sendo negro, uniria a vivência relatada ao seu próprio tom de pele. A última parte do relato é um período composto por coordenação, “Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar”, o qual indica, em uma sequência de ações, a estratégia utilizada para driblar esse infortúnio e demonstra a que condição de vida essa classe subalterna está submetida. Nesse discurso, uma das posições-sujeito é a materna, refletindo como seus desejos de mãe se projetam. Ao analisar esse trecho, considerando a sua condição de produção, observa-se que nele há o uso de uma linguagem figurada para realizar a crítica social (“somos escravos do custo de vida”), na qual os indivíduos necessitam de alto recurso financeiro para obter qualidade de vida. Dessa forma, o sujeito discursivo se inscreve na formação discursiva de uma pessoa reflexiva, que questiona suas condições sociais limitadas.

A FD materna também está presente nos discursos seguintes:

Não tinha pão. Só eu notei os olhares triste do meu filho porque sou mãe. [...] A Vera olhava no solo para ver se encontrava algo para comer. Não encontrou nada. Começou a chorar e não queria andar. [...] ela empacou-se. Dei-lhe uns tapas. Eu criticava as minhas ações, pensando: coitados! Além de estar com fome ainda apanham. (Jesus, 1961, p. 11).

Ao contar como lida com alguns problemas pessoais, o SD tem a possibilidade de retificar o seu próprio discurso, mudando a direção de sentido para o interlocutor. Dessa forma, repreender seus próprios atos é um modo de mostrar ao leitor que o SD é uma pessoa “sensível”, que não concordava com o resultado de suas atitudes e com o tipo de vida que ele e seus filhos enfrentavam.

A rotina exaustiva é um dos pontos que contribuem para o questionamento e o drama existencial de Carolina Maria de Jesus. Para ela, viver é um verdadeiro desafio: “Estou começando a perder

o interesse pela existência, Começo a revoltar. E a minha revolta é justa.” (Jesus, 2000, p. 30). Na afirmação, os motivos pelos quais estaria indignada eram justificados devido a seu próprio contexto de vida, ou seja, pela dificuldade. Refletir sobre isso marca as suas agruras: “[...] estive revendo os acontecimentos que tive esses dias [...] eu suporto as contingências da vida resoluta. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi **armazenar paciência.**” (Jesus, 2000, p. 15, grifos nossos). O primeiro período pode ser compreendido como uma autorreflexão, enquanto o segundo se assemelharia a um desabafo. O verbo “armazenar” nesse excerto indica, em seu primeiro uso, conseguir guardar dinheiro, e seu sentido é deslocado para o modo figurativo, evidenciando como as dificuldades financeiras, encontradas em sua vida, impediam que ela tivesse uma vida plena, tendo que ser paciente para enfrentar esses percalços. Percebemos, assim, que a opressão que esses discursos indicam, tais como a rotina e a revolta, por exemplo, marcam as características da subalternidade.

Por mais que a narrativa tente mostrar um sujeito discursivo autossuficiente, às vezes, os recursos são limitados. Por isso, ele também recorre à ajuda de vizinhos:

Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. (Jesus, 2000, p. 27).

[...] Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome! (Jesus, 2000, p. 27).

Ao mostrar sua situação socioeconômica, o sujeito discursivo expõe a sua intimidade, evidenciando ao interlocutor quais são as alternativas para sobreviver. A hora marcada no trecho, nove horas da noite, pode ser entendida como uma denúncia, sendo um momento muito tarde para realizar aquela que talvez seria a única refeição do dia. Como estratégia argumentativa, o enunciador utiliza a data do relato, 13 de maio, que coincide com um fato histórico, para marcar a narrativa. Esse gesto demonstra a consciência histórica do SD, uma vez que o dia mencionado é datado como a Abolição da Escravatura no Brasil, relacionado à Lei Áurea, sancionada em 1888. Na atualidade, essa data contrasta com o Dia da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro.

Na narrativa caroliniana, a combinação de palavras cria o efeito que o sujeito-narrador pretende atestar: “Barraco de pobre está sempre faltando algo.” (Jesus, 2000, p. 32). Nessa passagem,

“barraco” está ligado à sua exterioridade, indicando sua situacionalidade social. Essa palavra está conectada ao modo como alguns indivíduos constroem seus lares, ou seja, indica a estrutura física de um tipo de habitação. O termo pressupõe a precariedade dessas construções, possuindo sentido pejorativo. A expressão “de pobre” funciona como um reforçador, aumentando a carga semântica da palavra a que faz menção. Portanto, o SD deseja elucidar como esses lugares são ocupados por pessoas desprovidas de alto recurso financeiro, por isso a predicação feita por ele “está sempre faltando algo”, além de “sempre” indicar a regularidade dessa situação. Dessa forma, o SD é interpelado pela ideologia, falando de si mesmo, mas utilizando a estratégia retórica de utilizar a terceira pessoa do discurso para problematizar o quadro de vida dos mais vulneráveis. Em *Quarto de Despejo* (2000), essa fala está atribuída à falta da mobília, como é ressaltado no relato em que Carolina recebeu o repórter Audálio Dantas e não havia lugar apropriado para ele se sentar, sendo necessário acomodar-se na cama.

Voltando-se a seu cotidiano, a pobreza e a limitação são fatores da queixa de Carolina: “Saí **indisposta**, com vontade de deitar. **Mas**, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso.”. (Jesus, 2000, p. 10, grifos nossos). Nesse trecho, ser pobre significa estar relegado a condições sociais desfavoráveis, o que impossibilita às camadas populares mais baixas o direito de escolha entre repousar e a obrigação de trabalhar pelo próprio sustento. “Indisposta” sugere a urgência de lutar para sobreviver, mesmo com condições precárias de saúde. Embora a segunda asserção esteja na terceira pessoa, Carolina se inscreve na situação desse estrato social, ou seja, acaba falando de si mesma. O uso dessa pessoa gramatical evidencia uma estratégia retórica, pois usa-se um grupo, ao invés de um único indivíduo, para realizar uma crítica. Isso visa aumentar a força argumentativa de sua fala. A premissa relaciona-se com o imaginário social: a pobreza, seu vínculo com o trabalho e o tempo livre para descanso e para o lazer. Assim, a situação socioeconômica é a força motriz que delinea como deve ser o comportamento daqueles que possuem menor poder aquisitivo, sendo totalmente dependentes de tarefas árduas para sobreviverem.

O tom de desabafo aparece no relato seguinte, no qual Carolina se inscreve na FD de um sujeito oprimido: “Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas não tenho nada para comer.” (Jesus, 2000, p. 28) A escassez indicada no discurso implica a necessidade de deixar os filhos para sair à procura de recicláveis. Esse discurso é uma queixa, mostrando que a necessidade, muitas vezes, contraria as próprias vontades do SD. Compartilhando seu drama, Carolina expõe como lida com o ínfimo: “**Eu não ia comer** porque o pão era pouco. Será que

é só eu que levo esta vida? O que eu posso esperar do futuro? Um leito em campos do Jordão?” (Jesus, 2000, p. 29, grifos nossos). Como a quantidade de alimento era insuficiente para todos, o SD revela a virtude e a preocupação de mãe ao recusar a refeição, priorizando a alimentação dos filhos, sacrificando a si mesma. A imagem projetada nesse discurso liga-se à afetividade materna, que é o amparo e proteção natural dos filhos. Na sequência do discurso, aparecem três frases interrogativas, nas quais o SD questiona sua própria vida, demonstrando que estava saturado, indagando ainda se a enfermidade seria seu destino, como descrito em “leito em campos do Jordão”, que era um local destinado para pacientes com tuberculose. A preocupação com o futuro reflete o modo como Carolina enfrentava o presente. As experiências negativas, os momentos difíceis, o fato de não ter o suficiente em casa determinam a necessidade de registrar o questionamento sobre a própria vida. A primeira pergunta está calcada nas dificuldades; a segunda remete a um tempo desconhecido e como essa indagação marca a dor e a incerteza do SD caso continuasse a viver penosamente. Esse pessimismo pode ser resumido na terceira pergunta, que funcionaria como uma resposta indireta, predizendo apenas momentos ruins. A interrogação, utilizada três vezes consecutivas nesse trecho, funciona como um recurso que interpela o sujeito da enunciação e o outro.

O olhar atento sobre o cotidiano interpela o SD, levando-o a discursar por meio do sentimento de indignação: “Fico horrorizada vendo o sacrifício dos operários para tomar condução de manhã, para ir trabalhar. Uns vão de pé, outros vão sentados. Quando eles chegam ao trabalho já estão exaustos. [...] A vida de um operário é dura. Com D maiúsculo.” (Jesus, 2000, p. 57). Ao presenciar a dificuldade com que alguns trabalhadores lidam para se deslocarem ao trabalho, o SD atesta como se incomoda com o serviço de transporte público, é como se ele tomasse para si a dor do próximo, que, além de trabalhar braçalmente, tem que enfrentar esses percalços. Assim, a ênfase na letra “d” seria um modo de acentuar, por meio de figuras de linguagem, a sua percepção e seu ponto de vista sobre esse acontecimento. A predicação “horrorizada” indica a força com a qual ela quer expressar seu grau de espanto.

Mobilizado pela condição árdua da população, o SD indaga a sociedade de seu tempo e mostra fatos que comprovam facilitar a vida dos trabalhadores e das pessoas:

Fiquei pensando no valor do homem do passado, que contava com os seus próprios braços. O homem do passado é que se alimentava com o suor do seu rosto. Os atuais tem as maquinas. As colheitas são mais fáceis.
Já que as colheitas são mais fáceis, então não há razão para elevar-se os preços dos generos alimentícios. (Jesus, 1961, p. 60).

Nesse excerto, o SD realiza uma reflexão sobre a realidade social e demonstra ter conhecimento de causa, indicando como alguns recursos tecnológicos auxiliariam a reduzir a fome, mas que isso não ocorre por egoísmo e por ganância. Assim, o SD reitera sua crítica, indicando que a fome e a miséria seriam consequências do custo de vida.

As primeiras páginas de *Casa de Alvenaria* (1961), por darem continuidade à narrativa de Carolina, enquanto ainda vivia na favela, marcam recorrentemente as aflições causadas pela falta de alimentos e pelas características desse local. O ambiente físico do Canindé criava a impossibilidade de o enunciador enxergar nele boas qualidades. A observação física era transformada, muitas vezes, em percepção psicológica: “A noite os barracões são todos negros. E negra é a existência dos favelados.” (Jesus, 1961, p. 20). O adjetivo “negro/ negra” passa do sentido denotativo para o conotativo. Esse deslocamento semântico é uma estratégia discursiva para indicar a pouca visibilidade social que é dada a essa população, retratando esse tipo de problema social. Como os discursos são afetados pelo inconsciente, depreende-se que isso incomoda profundamente Carolina, sendo quase uma perturbação. Essa sequência discursiva pode ser interpretada como uma forma de reivindicar melhorias para o quadro de vida dos afrodescendentes.

A intranquilidade também é motivo de queixa: “Eu fui deitar porque estava com sono. Mas, quem é que dorme em favela! Com tanto barulho. Não sei como é que os favelados podem ser alegres, com tanta miséria ao redor.” (Jesus, 1961, p. 20). Esse trecho é uma reclamação, pois o barulho afetava o sossego dos demais residentes e era visto como falta de empatia e de solidariedade, prejudicando o descanso alheio. Além disso, o SD mostra que há uma dicotomia: para ele, a pobreza existente no local e as frequentes comemorações seriam incompatíveis, motivo pelo qual questiona a alegria.

Os discursos carolinianos ainda revelam a surpresa que algumas pessoas tinham quando percebiam como era viver na favela:

Quando chegamos na favela o motorista ficou horrorizado. O seu olhar percorria de um local ao outro. Exclamou:
 — **Credo**, que lugar! Então isso que é favela? É a primeira vez que vejo favela. **Eu pensava** que favela era lugar bonito, por causa daquele samba:
Favela, oi, favela
Favela que trago no meu coração...

Mas haverá alguém que traz um lugar desse no coração? Enquanto o motorista fitava a favela eu pensava: com certeza o compositor do samba tinha uma mulher boa na favela. O motorista disse-me:

— Olha, eu vou dar o troco para a senhora, porque quem reside num lugar desse precisa muito mais do que eu. (Jesus, 1961, p. 21).

A precariedade do local mostra a visão do motorista ao notar a real condição de vida dos habitantes do Canindé, é o olhar do outro que percorre o ambiente descrito. O termo “credo” demonstra espanto ao conhecer as reais condições do lugar, e “eu pensava” indica como os discursos impactam a recepção e a percepção no interlocutor. A construção dos significados, dada por meio da circulação da letra da canção “Favela que trago no meu coração”, induziu o visitante a criar imagens sobre esse ambiente, mas seu ponto de vista é modificado a partir do momento em que pode comprovar o contrário da letra musical. Para o SD caroliniano, a palavra “favela” carrega, exclusivamente, um significado negativo, e a formação desse significado estava ligada a sua experiência empírica, questionando o trecho da música “Mas haverá alguém que traz um lugar desse no coração?”. Sua indagação, justamente com o emprego do verbo “haverá” demonstra como ela mesma vê a impossibilidade de se ter qualquer envolvimento positivo com um ambiente semelhante àquele. Nesse sentido, esses discursos revelam que o SD caroliniano possui como referência seu próprio modo de viver, generalizando as considerações de vida na favela. Com base em sua experiência negativa, esse seria um ambiente com o qual haveria uma impossibilidade de se criar qualquer laço afetivo. A resposta final do motorista indica a impressão sobre os habitantes do local, estereotipando a relação entre a pobreza e a necessidade de se instalar nesse lugar. Atrelado à sua exterioridade, esses discursos permitem afirmar que a imagem que o motorista estabelece sobre a favela origina-se a partir do samba, enquanto a visão de Carolina é feita na relação com seu cotidiano.

Assim, tanto em QD quanto em CA, o SD relata a percepção das pessoas ao conhecerem pela primeira vez a favela do Canindé:

[...] Chegamos na favela. O motorista ficou **horrorizado** olhando a favela.

— O que é isso aqui, D. Carolina?

— É o quarto de despejo de São Paulo.

— Credo! Como é que vocês vivem aqui?

— Nós os favelados somos os objetos fora de uso. Vivemos com dificuldades para comer. Temos que lutar como se estivessemos numa guerra.

— E vocês aqui sentem frio?

— Sentimos todas as agruras da vida. (Jesus, 1961, p.39).

Essa insistência pode ser compreendida como o desejo que o SD tem de expor como é o ambiente físico da favela, mas sempre visto a partir da percepção do outro. Ao transpor essas sensações dos visitantes, o SD utiliza a estratégia retórica do discurso direto, responsabilizando seus enunciadores, pelo conteúdo e pela informação contida em cada um desses enunciados. Segundo Authier-Revuz (2004, p. 12):

No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso. Sob essas das diferentes modalidades, o locutor *dá lugar* explicitamente ao discurso de outro em seu próprio discurso.

Dessa forma, esses discursos de Carolina mostram a heterogeneidade presente neles. Como a narrativa de *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961) possui um único locutor, essa heterogeneidade é linguisticamente detectável, inscrevendo, em sua linearidade, o *outro*. Ao final do diálogo dessa sequência discursiva, a última pergunta é respondida indiretamente, desviando seu foco argumentativo para um problema social.

A matemática básica do sujeito discursivo caroliniano ancora-se, principalmente, na compra de alimentos. Esta é sua luta diária: catar papel para poder comer:

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. (Jesus, 2000, p. 9).
 [...] sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. [...] Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! (Jesus, 2000, p. 9).
 [...] Fui no deposito receber o dinheiro do papel. 55 cruzeiros. Retornei depressa, comprei leite e pão. (Jesus, 2000, p. 16).
 [...] Vendi o papel, ganhei 140 cruzeiros. Trabalhei em excesso, senti-me mal. (Jesus, 2000, p. 20).
 [...] A D. Teresinha veio visitar-me. Ela deu-me 15 cruzeiros. Disse-me que era para a Vera ir no circo. Mas eu vou deixar o dinheiro para comprar pão amanhã, porque eu só tenho 4 cruzeiros. (Jesus, 2000, p. 26).
 [...] fui para o deposito. Ia catando tudo que encontrava. Ferro, lata, carvão, tudo serve para o favelado. [...] recibi seis cruzeiros. Pensei guardar o dinheiro para comprar feijão. Mas, vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me. (Jesus, 2000, p. 40).
 [...] uma senhora pediu-me para eu ir jogar um cachorro morto dentro do Tietê que ela dava-me 5 cruzeiros. Deixei a Vera com a mulher e fui. O cachorro estava dentro de um saco. A mulher ficou observando os meus passos à paulistana. Quer dizer andar depressa. Quando voltei ela deu-me 6 cruzeiros. Quando recebi os 6 cruzeiros pensei: já dá para comprar um sabão. (Jesus, 2000, p. 42).

[...] Quando eu estava no ponto do bonde a Vera começou a chorar. Queria pasteis. Eu estava só com 10 cruzeiros, 2 para pagar o bonde e 8 para comprar carne moida. A Dona Geralda deu-me 4 cruzeiros para eu comprar os pasteis, ela comia e cantava. E eu pensava: o meu dilema é sempre a comida! Tomei o bonde. (Jesus, 2000, p. 44-5).

[...] Encontrei muito papel nas ruas. Ganhei 20 cruzeiros. Fui no bar tomar uma media. Uma para mim e outra para a Vera. Gastei 11 cruzeiros. Fiquei catando papel até as 11 e meia. Ganhei 50 cruzeiros. (Jesus, 2000, p. 48).

Nos excertos acima, as marcações precisas dos valores que Carolina recebe com a venda e de como os emprega, principalmente, na compra de alimentos, parece funcionar como uma estratégia de convencimento acerca da limitação de seu quadro financeiro, expondo os problemas que a parte mais vulnerável da população enfrenta. Dessa forma, com a futura visibilidade de seus diários, seria possível, por meio de estratégias discursivas, chamar a atenção das autoridades para que essas interferissem no problema da fome e miséria que afetava as pessoas carentes, como mostra o discurso seguinte: “Tenho só um pedaço de pão e 3 cruzeiros. Dei um pedaço a cada um [dos filhos].” (Jesus, 2000, p. 10). O emprego do termo “só” intensifica a situação de miséria, funcionando como um reforçador discursivo da negação. O verbo “dar”, empregado no sentido de “dividir”, juntamente com a indicação da quantia ínfima do dinheiro, 3 cruzeiros, acentuam e expõem o *modus operandi* da condição de uma mãe solo e de moradora da favela: ela luta e mesmo assim possui pouco, ou seja, esforça-se e não consegue bons resultados. O SD atesta, assim, contabilmente, que sua rotina é árdua.

Consideramos relevante destacar que, na construção dos efeitos de sentido da subalternidade ao longo da narrativa caroliniana, o SD usa uma palavra em seu sentido denotativo e transpõe essa mesma palavra para o sentido conotativo, marcando abertamente sua subjetividade, como percebido no trecho a seguir: “Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro. **Duro** é o pão que nós comemos. **Dura** é a cama que dormimos. **Dura** é a vida **do favelado**. (Jesus, 2000, p. 37, grifos nossos). No trecho, apenas a última utilização não corresponde ao sentido real, e utiliza-se o jogo de linguagem a partir da realidade: “dura/duro é”. Já a expressão “do favelado” cria uma extensão no discurso, passando da dimensão singular para a plural, pois faz remissão a um grupo em que o SD vivia. Essa generalização tende a indicar, novamente, como é a vida daqueles que vivem em situação semelhante, e não somente a família do SD. O efeito de sentido é o da dificuldade, a qual é legitimada por quem profere esse enunciado, o que ratifica a premissa de que “as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam” (Haroche,

2020, p. 34). Quando expõe sua alimentação, com a descrição minuciosa, o SD visa atestar seus próprios percalços, por isso a necessidade de mostrar os detalhes; é ainda uma forma de explicar certos absurdos. Na dimensão do não dito, os termos “duro/dura” e “favelado” se relacionam ao predizer isto é, aos discursos proferidos anteriormente que contêm essas palavras.

O excerto seguinte, temporalmente próximo à enunciação anterior, indica a percepção do SD ao lidar com uma alimentação imprópria: “Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes eletricos.” (Jesus, 2000, p. 37). Com esses discursos, cria-se o efeito de sentido de uma mãe que não aceita esse tipo de refeição para os filhos, demonstrando seu afeto materno e sua indignação ao descrever metaforicamente (“roendo”) os absurdos dessa dieta. No fato em questão, o SD realiza uma crítica sobre a qualidade do produto, que seria uma doação, além de indicar como a questão social, de vida limitada, condicionava sua família a ter esse tipo de alimentação.

Carolina não admitia que alguém censurasse seus filhos, motivo de grande descontentamento da escritora. Para ela, uma simples reclamação sobre eles era o suficiente para alterar seu estado de humor. Destarte, demonstra-se ser uma mãe protetora, que enfrenta as adversidades, trabalhando como catadora para cuidar dos filhos, mas que também rejeita qualquer crítica contra eles, esse é o instinto materno. Discursando a favor das crianças, o SD mostra que elas seriam a parte vulnerável, por isso a necessidade de tratá-las bem:

— [...] Eu **nunca** chinguei filhos de ninguém, **nunca** fui na porta de vocês reclamar contra seus filhos. Não pensa que eles são **santos**. É que eu **tolero** crianças. Veio a D. Silvia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhos são mal iducados. Mas eu **não encontro defeitos** nas crianças. Nem nos meus nem nos dela. Sei que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. (Jesus, 2000, p. 13).

No recorte acima, O SD demonstra a sua indignação sobre o posicionamento das vizinhas com relação aos filhos mais velhos da escritora, os quais praticavam travessuras. O emprego do verbo “nascer” demonstra que Carolina reconhece que as crianças não possuem uma formação inata, sendo necessário tratá-las com ternura e paciência. Por isso, ela reprova a reclamação sobre seus filhos e, ao defendê-los, o SD demonstra sua afetividade, como em “lhe dirijo palavras agradáveis”, projetando a imagem de uma pessoa sensível e de uma boa mãe.

Além disso, Carolina não admitia qualquer tipo de tratamento hostil dado às crianças. No discurso seguinte, o SD acusa o vizinho de ser impaciente, transferindo a culpa para esse: “Fui tomar ônibus para ir a Osasco. Os filhos queixou-se que o visinho dos fundos espancou-os porque eles pularam o muro. É que o visinho é implicante. Eles não atinge o muro do visinho” (Jesus, 1961, p. 62).

Em *Casa de Alvenaria* (1961), os relatos de Carolina que abordam reclamações sobre os filhos parecem causar maior incômodo, a ponto de fazê-la pensar retornar à vida de miséria. Em uma das viagens feitas juntamente com a família ao Rio de Janeiro, Carolina esteve hospedada em um hotel e ficou descontente com críticas recebidas:

[...] quando chegamos ao hotel os filhos estavam dormindo. E a governanta que estava com eles despediu-se dizendo:

— **Credo! Esses meninos vieram do inferno.**

[...] As 8 horas [do outro da] chegou a governanta, olhando o quarto e dizendo:

— Não deixe os teus filhos tocar no espelho.

Devido a sua aparência estrangeira, perguntei-lhe:

— Qual o teu país:

— Sou vienense.

— Ah, a capital das valsas!

Comecei a cantarolar o velho Danubio Azul. Ela sorriu e convidou-me para dançar. Ela olhou o quarto e a desordem de minhas roupas e perguntou-me:

— A senhora tem dama de companhia?

— Dama? . . . Eu sou ex-favelada e os habitantes da favela não tem nada.

— O que é que a senhora faz?

— Vou estudar mais um pouco e quero ser escritora.

— **A senhora não pode estudar e escrever com estes meninos. Cuidado com os espelhos! Não deixe a torneira aberta!**

Pensei: meu deus do céu, com tantas recomendações eu vou ficar louca. Vou voltar para São Paulo a pé. Comecei a arranjar as roupas na mala. Preparei os filhos e sai do hotel.

[...] Ia queixando-me da minha vida. Se eu soubesse que a minha vida ia ficar tão confusa assim eu continuava na favela catando papel. [...] Entramos no avião. As 13 horas estávamos em São Paulo. [...] Estava cansada. Deitei e adormeci. Despertei pensando no David St. Clair e nas confusões do Hotel. Dava a impressão de estar ouvindo as críticas da governanta contra os meus filhos. Os meus filhos estavam habituados na lama. Viviam no lixo. Desconheciam os confortos dos ricos. Para eles o lado da cá é sensacionalismo. As casas de alvenaria para os favelados são palácios das histórias encantadas. Todos os favelados ambicionam uma casa de alvenaria, porque ninguém nasce sem ideal.

O ideal é a roupa da alma. (Jesus, 1961, p. 97-9).

O SD, ao assumir a posição materna, descreve como as críticas dirigidas aos filhos abalam seu estado de espírito. Ao tentar justificar o hábito dos meninos, alega-se que a vida de miséria condicionou seu comportamento, por isso a falta de experiência para lidar com as novidades do luxo. Carolina dispensa os conselhos que visam a interferir na criação dos filhos, demonstrando-se, inclusive, intolerante a isso. Portanto, ao citar a passagem da camareira, o SD caroliniano mostra como a queixa sobre seus filhos a deixava frustrada, insistindo na proteção que deveria

proporcionar aos filhos. Talvez essa fosse uma tentativa de mitigar a vida de sofrimento, isto é, o cuidado materno que compensaria a ausência de bens.

O olhar sensível faz com que se imbriquem as posições-sujeito maternas e de um ser que passa por limitação alimentar:

Passei no empório do Senhor Eduardo e pedi se ele me vendia uns sanduíches para os filhos. Não tinha pão. **Só eu notei** os olhares tristes dos meus filhos, **porque sou mãe**. Nós fomos para a cidade. Passamos pelo Mercado. A vera olhava no solo para ver se encontrada algo para comer. Não encontrou nada e começou a chorar. (Jesus, 1961, p. 11).

Na situação descrita, o discurso caroliniano está ligado ao imaginário materno, o que justificaria o emprego da expressão “só eu notei” e da conjunção explicativa. Ao assumir essa posição discursiva, o SD descreve como sente as aflições por perceber o comportamento de seus filhos e mostra que a tristeza tinha como base a falta de alimentos.

No trecho seguinte, o SD não hesita em adquirir lanches que pudessem comprometer o seu orçamento, projetando o cuidado de Carolina “[...] fui comprar quibes e empadinhas para os meus filhos. Quando os meninos viu-me com o embrulho sorriam. Dei um quibe e uma empadinha para cada um. Eles comiam e sorriam. Olhei o relógio, era 16 horas.” (Jesus, 1961, p. 13). Satisfazer o desejo das crianças, e não simplesmente comprar qualquer alimento, reflete a imagem de um indivíduo que tenta agradar aos filhos, fato recorrente na narrativa caroliniana. A ausência do pronome “nós” ou do pronome “eu”, que incluiria o sujeito enunciador no grupo, demonstra novamente os objetivos e a preocupação de Carolina. Esse discurso pode ser compreendido como ressaltando o fato de que a prioridade da alimentação recai sobre os filhos. Por último, a descrição das horas mostra o instante tardio para se fazer a refeição, o que reitera a queixa sobre a condição de vida dos mais vulneráveis, que se alimentam apenas quando possível.

A autorreflexão também está presente na narrativa. Em um dos relatos, Carolina demonstra atenção em relação às crianças e aos trabalhadores, presumindo o mesmo nível de afeto por eles: “Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários.” (Jesus, 2000, p. 25). Nesse discurso, percebe-se a identificação do SD: ao assumir a formação discursiva de uma trabalhadora e de uma mãe, cria-se a proximidade entre o ofício de catadora e o trabalho árduo

dos operários, que seriam simplesmente sobreviventes, reféns do alto custo de vida e de políticas públicas ineficientes; enquanto o afeto materno presente indica os cuidados com a infância. Desse modo, há grande importância dada às crianças e aos trabalhadores, que merecem ser ressaltados nas obras.

Os desejos não alcançados pelo SD o afetam. Interpelado por uma espécie de perturbação, ele descreve como a precariedade da vida modificava seu estado psíquico:

Passei uma noite **horrível**. Sonhei que eu residia numa casa **residível**, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu **ia festejar** o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. **Porque** eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. **Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens** do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (Jesus, 2000, p. 35).

Esses sonhos parecem pressupor a relação entre a vontade e o fruto do subconsciente do SD. O adjetivo “residível”, neologismo criado, expressa que o lugar almejado possuía boas condições para se viver, em contraste com o barracão de tábuas no Canindé. “Horrível” é um adjetivo com alta carga semântica negativa, mas pode estar empregado na narrativa justamente por ter um efeito sensorial alucinante: o sonho era bom, mas se tornou horrível por não ser realidade. O SD também enfatiza como queria presentear a filha com os objetos pedidos pela menina, assim, demonstra-se que os seus desejos estão aquém de suas reais possibilidades, pois no sonho havia condições de satisfazer a si mesmo. Ao contrastar imaginação e realidade, indica-se que as condições de concretude eram remotas e desfavoráveis. Com a descrição dos fatos, desvia-se a narrativa para uma figura de linguagem, ao empregar “Que realidade amarga”, compartilhando os percalços da vida. Além disso, por possuir um tom combativo na narrativa, as expressões “na lama” e “as margens” são ambíguas. Apesar desses termos serem advérbios de lugar, metaforicamente, “na lama” indicaria uma péssima posição social, enquanto “as margens” refletiria a exclusão social. Dessa forma, associado à sua exterioridade, o efeito de sentido que o discurso sugere é o da indignação, a qual surge por meio da percepção subjetiva da própria subalternidade. Destarte, o SD realiza um gesto introspectivo, evidenciando seu próprio quadro de vida.

No relato seguinte, que é uma continuidade do trecho sobre o devaneio do sonho, há um desvio de foco da narrativa. O discurso deixa de ser autorreferencial e passa a ser socialmente engajado:

Quem **deve dirigir** é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o **nosso** país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? **Eu estou ao lado do pobre**, que é o braço. **Braço desnutrido. Precisamos** livrar o país dos políticos açambarcadores. (Jesus, 2000, p. 35).

Com a utilização da locução em “deve dirigir”, o discurso reflete o efeito de sentido de obrigatoriedade. Assim, o sujeito discursivo valoriza a experiência empírica quando se refere aos mais necessitados. Além de descrever quem é aquele mais capacitado para governar, seu discurso é pouco modalizado, o que visa a conferir mais certeza a seus discursos no eixo do dever. Ao utilizar o pronome possessivo na primeira pessoa do plural, “nosso”, o SD, ao mesmo tempo, se inclui e convoca o leitor a participar de sua reivindicação. Essa estratégia discursiva visa a evitar que o interlocutor recuse a sua solicitação. Ao externar seu posicionamento favorável à população, projeta-se a imagem de uma pessoa empática, preocupada com os problemas de sua comunidade. Essa alteridade é reforçada pelo uso das expressões “Eu estou ao lado do pobre” e “braço desnutrido” no excerto. No último período, o SD expressa o que deveria ocorrer com os políticos, indicando o modo como a população necessitava agir. Estrategicamente, utiliza-se o verbo “precisar” no plural, um modo de aproximar o interlocutor a participar de sua reivindicação, que seria válida para toda a população.

4.1.2 A fome e o lixo

Pelo fato de a fome ser um problema constante, é comum a abordagem desse tema na narrativa em estudo. Como resultado de sua consciência de classe subalterna, o modo que o sujeito discursivo caroliniano encontra um paliativo para driblar as adversidades é recorrendo ao lixo. Esse ato permite localizar parte do funcionamento da estrutura social: alguns indivíduos necessitam dos materiais descartados, pois sabem que esse é o seu recurso final. As péssimas condições de vida permitem à Carolina mostrar ao público parte de sua intimidade mais grave: lidar com a falta de alimentos. Ao expor sua vida, o SD mostra como é sua luta pela sobrevivência:

Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:

— Pois é. A senhora disse-me que **não ia mais comer as coisas do lixo**.

Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse:

— É que eu tinha fé no Kubstchek.

— A senhora tinha fé e agora não tem mais?

— Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz **tudo** está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos **fraquíssimos**. E **tudo** que está fraco, morre um dia. (Jesus, 2000, p. 35).

No trecho “não mais comer as coisas do lixo”, o articulador “não mais” cria o efeito de sentido de que essa atitude foi tomada em algum momento do passado e que houve a tentativa de superá-la. Assim, demonstra-se a resiliência do sujeito discursivo, o qual busca outros meios mais seguros para sobreviver. Ao assumir a posição discursiva de mãe-protetora, a enunciadora projeta a imagem de uma pessoa valente, que cumpria com suas promessas, ressaltando sua única falha em relação aos alimentos. No entanto, Carolina se sente impotente por esse tipo de alimentação, culpando a si mesma pelo fato de não poder validar os seus dizeres, mas também transfere a responsabilidade por sua situação econômica e social à administração pública: é uma questão paradoxal. Seu testemunho visa a atestar as atrocidades da vida dos suburbanos, do caos e da miséria em que eles se encontravam. Predizendo a sinceridade dos relatos, estamos entendendo esse movimento retórico como uma estratégia discursiva para comover o público, despertando o interesse das autoridades para determinadas mudanças sociais, tão necessárias. A crença na classe política demonstra a expectativa de mudança de vida da população, fato que seria ocasionado pela sucessão de governo, assumido pelo então presidente da república Juscelino Kubitschek. O uso do pronome “tudo” causa uma generalização e reitera o grau de pessimismo da narradora com relação ao futuro. No final do trecho, a autora compara o Brasil, incluindo sua economia e sua administração, a um doente, sinalizando seu descontentamento. O uso do superlativo no adjetivo “fraquíssimos” acentua o tom de crítica, funcionando como recurso expressivo. Para ela, com o destino ao qual o país estava fadado, provavelmente a democracia deixaria de existir.

O lixo aparece como um elemento importante para Carolina: “Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender” (Jesus, 2000, p. 9), e é dele que algumas pessoas retiram alimentos para si próprias, fato comumente registrado em *Quarto de Despejo* (2000). Ao levar o leitor a conhecer os perigos de uma alimentação imprópria, o sujeito discursivo é interpelado pelos danos desse tipo de dieta:

Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, **porque** em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia vender ferro quando parei na Avenida Bom Jardim. No Lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços: Disse-me:
— Leva, Carolina. Dá para comer.

Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruidos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. **A fome era tanta** que ele não pôde deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, **saí pensando: faz de conta** que eu não presenciei esta cena. Isto não pode ser real **num país fértil igual ao meu**. Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, **mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais**. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela.

No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome. (Jesus, 2000, p. 35-6).

Por meio do articulador textual “porque” em “com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho”, com a relação de causa e efeito, o SD demonstra ter consciência dos perigos de uma dieta baseada em alimentos oriundos do lixo. Para justificar o receio da morte, é feito o uso da memória psicológica, descrevendo a cena e ligando-a aos perigos da alimentação inadequada. Nesse ponto da narrativa, a exposição dos fatos sustenta os argumentos. Assim, o ponto de vista caroliniano acerca dessa insalubridade está ancorado em um exemplo real, que funciona como argumento de comprovação pela experiência ou observação. Segundo Fiorin e Savioli (2007, p. 311), “o conteúdo de verdade de um enunciado pode ser fundamentado por meio da documentação com dados que comprovem ou confirmem sua validade.” Com isso, há um efeito de realidade, a qual exprime uma relação entre a legitimidade da enunciação em primeira pessoa e a experiência vivida.

Na parte, “a fome era tanta” indica-se a percepção da enunciativa diante da explicação dos fatos, funcionando como um recurso argumentativo que dá sentido à lógica da narrativa. Já “saí pensando” atua como modalizador, o que diz respeito ao próprio ato de enunciação. O “fazer de conta” tenta mitigar o absurdo que ela mesma presenciara, funcionando como um escapismo. Em “num país fértil”, busca-se o engajamento do leitor, levando-o a crer em sua premissa, pois utiliza-se o argumento do saber, o que revela o conhecimento da abundância de alimentos existente em solo nacional. Ao empregar a comparação “igual ao meu”, o enunciativo tenta impedir que seu argumento seja refutado, como estratégia argumentativa de apoio na consensualidade (Fiorin e Savioli, 2007).

Quanto à progressão discursiva, o trecho origina-se com o medo da morte, continua com a descrição da cena em que Carolina testemunha o rapaz comendo carne do lixo, mistura-se a suas críticas sociais, apresenta a descrição da morte do homem e termina com uma nova crítica,

questionando a indiferença entre certos tipos de indivíduos. No final desse excerto, o efeito de sentido indica que as pessoas de classes mais vulneráveis são pouco relevantes, o que justifica a baixa importância diante da morte, marcada pelo trecho “mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais”. O adjetivo empregado, “infausta”, carregado negativamente, expressa o sentimentalismo do sujeito discursivo.

Novamente, no relato que se segue, o locutor explana como existe o perigo de contaminação e a falta de solidariedade. Esse último fato é comprovado pelo produto jogado no lixo e pela justificativa que a narradora dá para essa utilização:

O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: **quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer.** (Jesus, 2000, p. 42).

O trecho mostra a preocupação do enunciatador com alimentos do lixo, mas ao mesmo tempo indica que essa não é uma opção, e sim uma necessidade, a qual é comprovada pelo provérbio e pela oração seguinte (“quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer”), que justificam seus desdobramentos.

Hesitar morrer, no entanto, parece não ser suficiente, pois as páginas seguintes de *Quarto de Despejo* (2000) continuam mostrando que Carolina e sua família mantiveram a alimentação indevida: “Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer.” (Jesus, 2000, p. 39). O verbo “perceber” indica o conhecimento que o sujeito discursivo possui sobre a qualidade das carnes, fator detectado por meio de sua própria experiência. Isso revela, ainda, uma relação de subordinação na sociedade mercantil: a dependência dos catadores sobre os comerciantes, principalmente de itens que mais comprometem o orçamento doméstico, tais como a carne, que costuma ter preços altos. A finalidade de misturar o produto aos alimentos seria evitar que esses fossem reaproveitados.

Ainda que essa contaminação proceda cronologicamente na narrativa, o hábito de catar carnes do lixo não é abandonado, como mostram os recortes das páginas seguintes:

Passei no Frigorífico. Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas. [...] Eu não quero **enfraquecer** e não **posso** comprar. **E tenho um apetite de Leão.** Então recorro ao lixo. (Jesus, 2000, p. 83).

[...] No lixo do Frigorífico tinha muitas linguças. Catei as melhores para eu fazer uma sopa. (Jesus, 2000, p. 90).

Enfraquecer significa sofrer as consequências de não se alimentar. O verbo “poder”, modificado pelo advérbio de negação, reflete a impossibilidade de adquirir os bens necessários. A metáfora “E tenho um apetite de Leão” indica que a fome é um problema constante, cuja necessidade de alimentar-se não permite recusar itens do lixo.

Além disso, divulgando que o lixo é um recurso também de seus vizinhos da favela, a narrativa mostra que é preciso mentir para conseguir se apropriar dele: “Passei no Frigorífico, peguei uns ossos. As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros. Até eu digo que é para os cachorros”. (Jesus, 2000, p. 94). Dessa forma, a estratégia utilizada pelos indivíduos mostra o *modus operandi* de alguns catadores.

Ao longo da narrativa, percebemos que a publicidade da dieta baseada no lixo levou Carolina a ser indagada sobre isso:

Quando eu passava na Avenida Tiradentes, uns operários que saíam da fábrica disse-me:
 — Carolina, já que você gosta de escrever, instiga o povo para adotar outro regime.
 Um operário perguntou-me:
 — **É verdade que você come o que encontra no lixo?**
 — **O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animais.** (Jesus, 2000, p. 100).

A pergunta “É verdade que você come o que encontra no lixo?” pode ser interpretada como a necessidade de se comprovar algo tipicamente absurdo, que seria a alimentação oriunda do lixo. Ao respondê-la, o sujeito discursivo argumenta, criticando o valor dos alimentos (“O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animais”). A asserção, portanto, possui valor afirmativo. Nos relatos subsequentes, Carolina ressalta que a atividade de buscar carne no lixo do frigorífico estava comprometida, embora os perigos fossem nítidos: “No Frigorífico eles não põe mais lixo na rua por causa das mulheres que catavam carne podre para comer.” (Jesus, 2000, p. 108). O adjetivo “podre” indica a má qualidade do alimento, e o discurso pode refletir uma lamentação, pois era uma fonte de recurso para ela.

Ampliando o hábito de catar (do) lixo, a narrativa direciona-se a outros residentes do Canindé:

Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. Muitos catam sapatos no lixo para calçar. Mas os sapatos já estão fracos e aturam só 6 dias. Antigamente, isto é de 1950 até 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando causticante. (Jesus, 2000, p. 32).

Nesse relato, o discurso revela a multiplicidade de vozes que carrega, pois Carolina deixa de falar apenas por si, incorporando a voz de outros residentes (“Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver”). Sua formação discursiva, então, enquadra-se em sujeito discursivo porta-voz de sua comunidade. Além disso, ao afirmar que realiza esse gesto em favor das demais pessoas, alheias, ela projeta a imagem de um indivíduo solidário, que se importa com os demais.

Embora muitos discursos de Carolina marquem o distanciamento com a favela, Carolina não deixa de ser sensível a causas sociais que envolvem esse local e seus moradores. Nesse sentido, por meio da posição ocupada no discurso, o SD assume uma postura de defesa não unicamente para si, mas para todo o grupo social com o qual convive no Canindé. Portanto, o SD é alguém sensibilizado com a dor do outro, cuja sensação de empatia é ocasionada pela própria experiência diante da fome. Lutando por uma causa plural, ou seja, que não é só sua, o SD discursa sobre a opressão existente em sua sociedade: [...] “Não é preciso ser letrado para compreender que o custo de vida está nos oprimindo”. (Jesus, 1961, p. 42.). Ao utilizar o pronome “nos”, o SD envolve um grupo, aumentando a força argumentativa de seu enunciado. Rebater que “não é preciso” indica que o problema era bem explícito, não necessitando de alto entendimento para sua compreensão.

O estado emocional de Carolina Maria de Jesus determina sua narrativa, a qual é dinâmica, constantemente modificada, resultando em diferentes identidades do sujeito discursivo:

Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. (Jesus, 2000, p. 37).

[...] Sabado — o dia que quase fico louca porque preciso arranjar o que comer para sabado e o domingo. (Jesus, 2000, p. 42).

O primeiro relato acima mostra um sujeito atribulado, fator atribuído a sua condição de vida, revelando que o sujeito discursivo possui um futuro incerto. Assim, a dor de existir é, principalmente, causada pela dificuldade de obter alimento e pela escassez de recursos. Nesse

sentido, o narrar-se “pode também significar uma necessidade ou desejo de, pelo processo da escrita, construir um sentido para a própria vida.” (Silva; Caser, 2013, p. 18). Os diários, dessa forma, serviram de escapismo: “tem pessoas que quando estão nervosas xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário.” (Jesus, 1961, p. 22).

Desiludida com a realidade em que vive, Carolina questiona o porvir, gerando instabilidade em sua narrativa. A indagação gera uma dor existencial, provocada pela rotina cansativa, pela escassez e pelo abandono. A matemática da autora serve para atestar a necessidade de catar papel praticamente todos os dias. Além de inexistir a possibilidade de poupar dinheiro, nos dias em que não é possível vender recicláveis, como aos domingos, o SD é interpelado pelo desespero. Situações como essas engendram o SD em um sujeito oprimido:

Hoje é domingo. Eu vou passar o dia em casa. Não tenho nada para comer. Hoje eu estou nervosa, desorientada e triste.
 [...] Sempre ouvi dizer que o rico não tem tranquilidade de espírito. Mas o pobre também não tem, porque luta para arranjar dinheiro para comer. (Jesus, 2000, p.141-2).

As vozes presentes nesse excerto variam: nelas, o SD realiza diferentes estratégias discursivas, perpassando pela descrição, pelo seu atestado sobre a pobreza e pela crítica social. A descrição pessoal de um fato, o uso de modalização, de discurso direto ou indireto e a discursividade a partir da posição de um sujeito-testemunha podem atuar como diferentes efeitos de sentido. Como já mencionado, as estratégias de discurso ancoram-se na possibilidade de antecipação da imagem sobre o receptor (Brandão, 2004). Um dos períodos do trecho acima especula sobre o desassossego que a condição econômica favorável traria para alguns grupos sociais, fator assinalado por “ricos” (“Sempre ouvi dizer que o rico não tem tranquilidade de espírito.”). O período subsequente (“Mas o pobre também não tem, porque luta para arranjar dinheiro para comer”) possui maior carga argumentativa, pois seu valor de verdade concentra-se no conteúdo de sua sentença: a conjunção “mas”, que encabeça o último período, contrasta com o período anterior, mostrando que ser rico, por si só, não é condição exclusiva de preocupação. O termo “porque” justifica o motivo da intranquilidade das camadas populacionais mais baixas. O verbo “lutar” foi empregado no sentido figurado e indica a dependência entre duas ações: lutar com objetivo de lograr renda, e a renda teria como finalidade a alimentação.

Nos relatos, outros modos de subterfúgio para enfrentar a fome são demonstrados pelo SD, como em: “Fui na feira da Rua Carlos de Campos, catar qualquer coisa. Ganhei bastante verdura. Mas ficou sem efeito, porque eu não tenho gordura. Os meninos estão nervosos por não ter o que comer.” (Jesus, 2000, p. 25). O verbo “catar” camufla a intencionalidade da ação, a qual seria diferente de comprar. Ele pode ser compreendido como pedir ou vasculhar os produtos descartados. O complemento “qualquer coisa” pressupõe a necessidade e o desespero de conseguir algo para comer. A conjunção adversativa “mas” demonstra o impedimento em realizar a ação, pois seria necessário cozinhar os vegetais e, para isso, a gordura, que Carolina não tinha, seria um pré-requisito. Ao final desse relato, obtém-se a descrição da causa da agitação de seus filhos: a falta da refeição. Dessa forma, o SD expõe a sua dificuldade, demonstrando como o problema econômico atrapalha sua vida diária.

Levando o público a conhecer as consequências da fome, o SD compartilha uma sensação empírica: “A tontura da fome nos faz [...] tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago.” (Jesus, 2000, p. 39). Esse discurso mostra o incômodo tido por passar longos períodos sem se alimentar. Além disso, o SD quer atestar que essa sensação não é exclusiva da necessidade fisiológica, mas que também impacta seu cotidiano: “Onde não há o que comer não pode ter alegria”. (Jesus, 1961, p.23) Essa última asserção não é simplesmente uma frase negativa, mas se relaciona, sobretudo, ao próprio modo como o enunciador enxerga a privação, mostrando que a ausência de entusiasmo está ligada ao fato de que ele mesmo enfrentava a fome, ou seja, esse enunciador fala a partir de si mesmo; é a vivência negativa que legitima o seu dizer. Segundo Zoppi Fontana (1999, p. 23), essa legitimidade está configurada em um modo de dizer, relacionada ao “movimento no processo de interpelação/identificação do sujeito do discurso que [define] os lugares de enunciação.” Portanto, esses espaços enunciativos são relevantes porque se relacionam com as posições de sujeito e com as formações discursivas.

Em outras partes dos diários, o movimento revolta/ conformidade é oscilante, ratificando a dinamicidade do sujeito discursivo. “Tem hora que revolto com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conformo.” (Jesus, 2000, p. 22). Além disso, a enunciação mostra momentos de prazer e de felicidade:

Hoje eu estou cantando. Estou alegre e já pedi aos vizinhos para não me aborrecer. **Todos nós temos o nosso dia de alegria. Hoje é o meu!**” (Jesus, 2000, p. 22)
 [...] Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço. (Jesus, 2000, p. 23).

Há um contraste tácito nesses dois relatos: no primeiro deles, a alegria aparece de forma temporária. No segundo, esse sentimento seria duradouro, pois é importante observar o emprego do verbo “ser” ao invés de “estar”, o que supõe estágio de maior permanência. Esses discursos criam diferentes efeitos de sentido, pois se opõem a expressões de denúncia e de crítica.

Durante a narrativa, o sujeito discursivo assume a posição subalterna que confronta a forma como vive, engendrando a identidade que será efetivada em uma voz de resistência. Uma vez que as identificações assumidas pelos sujeitos não são estáticas, outros discursos são caracterizados pela presença de um enunciador condizente com a situação de subalternidade, como se viesse ao mundo fadado a cumprir a função de oprimido:

[...] Comecei queixar para a Dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos. Eles não tem roupas nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender e a miséria continua firme ao meu lado. Ela disse-me que já está com nojo da vida. Ouvi seus lamentos em silêncio. E disse-lhe:
— Nós já estamos predestinados a morrer de fome! (Jesus 2000, p. 126).
[...] Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade. (Jesus 2000, p. 72).

Nos dois relatos, o argumento da predestinação parece justificar o modo como o enunciador se encontra. No primeiro, lamenta-se que a miséria é insistente. No segundo excerto, emprega-se o verbo “catar” em dois sentidos diferentes: literal e figurado. Apesar de não possuir qualquer adjetivo, a última frase é uma negação que permite ao discursivo projetar a imagem de alguém infeliz.

No próximo trecho, o sujeito discursivo caracteriza sua própria inferioridade ao assumir que é um despejado:

Abri a janela e vi as mulheres que passam rapidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitol que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. E os politicos que há de nos dar. **Devo incluir-me**, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. **Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.** (Jesus, 2000, p. 33).

A posição subalterna é localizada na sequência discursiva acima pelo uso da afirmação “devo incluir-me”. Ao dizer qual o destino de quem se encontra no quarto de despejo, há um

movimento de identificação negativa. Dada a condição de produção desse discurso, revela-se o drama de viver com a moradia precária. O enunciador demonstra pouca relevância de si mesmo, pois os moradores do Canindé estavam abandonados pelo poder público, o que justifica porque as pessoas se instalavam lá, sendo comparadas a objetos descartáveis (“Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo”).

Carolina parte da vivência, da descrição subjetiva de como é conviver com a fome para realizar denúncias e se posicionar criticamente contra esse problema social. Ela ainda cria um jogo de linguagem para descrever como é o acesso e a relação entre o poder de compras dos menos favorecidos socialmente e o preço dos alimentos:

[...] **Antigamente** era a macarronada o prato mais caro. **Agora** é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! **Vocês que eram os marginais, dos favelados, dos indigentes.** Vejam só. **Até** o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos **infelizes** que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. **Mas** as crianças não gostam de fubá. (Jesus, 2000, p. 38).

Com uso de linguagem poética, critica-se, de modo implícito, o preço dos alimentos, indicando quais seriam as categorias alimentares acessíveis aos mais vulneráveis. Para isso, ela utiliza os termos “marginais, favelados” e “indigentes”, grupos com baixo prestígio social. Além disso, ela emprega o pronome “nós”, mostrando a inclusão nesses grupos. O uso do adjetivo “infelizes” demonstra não só a própria insatisfação descrita por essa classe gramatical, mas também o desgosto de residir na favela e por estar incluída nessa comunidade. Nas últimas frases, o intuito é demonstrar que o fubá continua com preço acessível, mas que este não é o tipo de alimento predileto de seus filhos, marcado pela conjunção adversativa “mas”. Dessa forma, o sujeito discursivo realiza um manifesto a favor dos indivíduos que possuem alimentação reduzida e também se imbrica, como em outras passagens, na questão materna.

4.1.3 Preconceito e discriminação

A origem e a trajetória de Carolina também são importantes para analisar sua narrativa e, em vários pontos, isso reflete nos efeitos de sentido de seus discursos. A classe social de Carolina, a aparência física e seus traços fenotípicos são fatores para que ela sofra preconceito e discriminação. Como mencionado anteriormente, essas características refletem seu estado subalterno. A questão da subalternidade dos afrodescendentes no Brasil é caracterizada pela sua situação sócio-histórica. Segundo Brandão (2006, p. 13), “a História oficial relegou aos negros

um papel secundário, dificultando o caminho em direção à sua inclusão social e criando um estado de desigualdade difícil de ser alterado”. Essas nuances refletem o racismo e a discriminação racial, agravando a dificuldade de mobilidade social, assim como a participação em atividades, em bens culturais e no acesso a eles.

Além disso, essas diferenças são acentuadas no caso do gênero feminino. Conforme explica Paixão (2006, p. 21), “embora homens e mulheres tendam a enfrentar problemas específicos nos múltiplos planos da vida social, é um fato que as mulheres negras se veem duplamente discriminadas por serem do sexo feminino e afrodescendentes”. Em função disso, Carolina é “impedida” de participar da cultura letrada, lugar comumente reservado a homens brancos. Assim, na tentativa de obter espaço no cenário cultural, Carolina compunha diferentes trabalhos e tentava divulgá-los:

[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

— É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (Jesus, 2000, p. 58).

Nessa enunciação está a justificativa para que as peças da autora fossem recusadas. O uso do discurso direto para apresentar a voz do outro é muito comum na narrativa caroliniana. Como forma de contra-argumentar e refutar o sentido da frase “É pena você ser preta”, o SD emprega o verbo “adorar” no sentido figurado, demonstrando a alta carga semântica positiva dessa palavra. Em seguida, esse sujeito discursivo justifica o motivo pelo qual contesta a asserção anterior: com expressões bem próximas à oralidade, rejeita-se a discriminação recebida, alegando o prazer pelas suas características físicas (“Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico”). Esse discurso mostra a afirmação de sua identidade afro e é bastante combativo, pois questiona o tratamento desumano. Carolina, por meio do SD interpelado, fala a partir da posição de mulher negra que sofre o preconceito. Sobre a possibilidade de possuir outro corpo, reitera-se a preferência por perpetuar-se negra, demonstrando o contentamento de si, uma posição-sujeito de orgulho de sua origem.

Esse tipo de discurso mostra como a desigualdade “evidencia uma estrutura cultural e social que acaba por mascarar uma discriminação mais profunda: a desvalorização, a desumanização

e desqualificação [...] do povo afrodescendente.” (Brandão, 2006, p. 13). Desse modo, a cultura hegemônica mostra como era o acesso a esses bens culturais.

Ademais, a ideologia de como funciona as relações sociais afeta o SD caroliniano:

Conversei com uma senhora que **cria** uma menina de cor. **Ela é tão boa para a menina [...]** Lhe compra vestidos de alto preço. Eu disse:
- **Antigamente** eram os pretos que criavam os brancos. **Hoje** são os brancos que criam os pretos. (Jesus, 2000, p. 22).

O discurso reflete a imagem estereotipada que o SD tem dos brancos com relação aos negros, pois isso justifica a quebra desse paradigma com “ela é tão boa para a menina”. O advérbio “antigamente” faz alusão à memória partilhada, indicando um tempo remoto, difundido por meio do imaginário social, pois o período escravagista relegou ao negro trabalhar forçosamente para o branco, e essa é a forma do primeiro emprego do verbo “criar” no excerto. Essa palavra possui o sentido de “cuidar”, mas o discurso ainda questiona a inversão dos papéis no momento da enunciação, indicado pelo dêitico “hoje”. A relação entre o ontem e o agora, marcada por “antigamente” e por “hoje”, pode ser caracterizada como um acontecimento discursivo, designando a quebra da regularidade de sentidos.

Em *Casa de Alvenaria* (1961), após o lançamento do primeiro livro, *Quarto de Despejo* [1960], Carolina foi à livraria Francisco Alves, responsável pela publicação. Depois de conversar com pessoas importantes da editora, a autora demonstra como foi a experiência: “A minha cor preta não foi obstáculo para mim. E nem os meus trajés humildes. Foram chegando repórteres e fotógrafos.” (Jesus, 1961, p. 14). Atestar que esses atributos não serviram de impedimento revela não a regra, mas a exceção e demonstra como a sociedade privilegiava a cor branca e as classes sociais com maior destaque. A herança provocada pelo período escravocrata deixou enraizada a segregação cultural, limitando, por isso mesmo, o acesso a determinados ambientes, estendendo-se “aos modos socioculturais de usar a leitura, a escrita e a oralidade, bem como aos sentidos dessas práticas para brancos e negros, mesmo tanto tempo após a abolição da escravatura.” (Souza, 2011, p. 38). Pelo discurso, Carolina declara o preconceito sofrido por causa de seu tom de pele e pela pobreza, mas a fama permitiu que ela adentrasse em certos locais. Desse modo, a presença e conseqüente participação de Carolina nesses espaços seriam um modo de quebrar essa supremacia.

Como a narrativa aborda alguns fatores socio-raciais, os acontecimentos vividos em decorrência de seu tom de pele, de sua condição socioeconômica e de sua própria percepção fizeram com que o SD assumisse posições diversas:

Hoje amanheceu chovendo. E um dia simpático para mim. E o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. [...] Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz. (Jesus, 2000, p. 27).

Por se incluir no grupo social diretamente afetado pela abolição, Carolina registra suas considerações sobre a data e aponta a importância do dia referido. “Para mim” indica subjetividade. As outras partes do excerto mostram como funciona a memória partilhada por alguns grupos sociais, no que se refere ao término da escravidão brasileira. Esse discurso demonstra qual o efeito que a data (13 de maio), até o momento desse registro, teria para o imaginário social. Em “Mas os brancos agora são mais cultos”, supõe-se a ideia de civilidade, preconizando que esse seria o fator responsável por trazer uma relação aparentemente mais harmônica no período da enunciação, indicado pelo dêitico ‘agora’. Por outro lado, o discurso de Carolina revela a estrutura da sociedade: a hegemonia branca. Dessa forma, o SD pressupõe a existência de uma hierarquia social, de modo que a felicidade dos afrodescendentes estaria subordinada à ação dos brancos. Por esse motivo, o desejo expresso pela oração declarativa, “Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz”, faz um apelo divino, a fim de que a benção dada a uma raça tenha como consequência o bem-estar de outra.

Os estereótipos resultantes da aparência de Carolina mostram como ela era tratada:

Quando eu entrava na livraria e estava conversando com a caixa um senhor deu-me 10 cruzeiros — tomou-me por mendiga. A caixa disse-me:
— Pega!
As pessoas que estava na livraria perguntava:
— Quem é ela?
— É escritora e mora na favela.
— Oh! — exclamavam. (Jesus, 1961, p. 15).

Embora sua condição social não tivesse limitado o acesso à Livraria Francisco Alves, o discurso revela o tratamento recebido, sendo confundida com uma pedinte. A resposta da pergunta contida no trecho, acompanhada da interjeição “oh”, supõe o ofício de escrever como de certo status social, que não seria compatível com sua classe subalterna. Por meio do discurso caroliniano, emana-se o imaginário social da época da narrativa, que atribui aos escritores a

ocupação do universo letrado, associando a escrita ao alto poder aquisitivo, uma vez que as camadas mais populares tinham pouco, ou quase nenhum, acesso à cultura erudita.

Carolina transita, assim, da condição de leitora para a de escritora, passando a ser protagonista no processo de criação literária e de manifestação artística. A atenção volta-se para ela em 1960, período que a mídia passa a divulgar as informações sobre a autora, a qual é catadora de lixo e residente da favela. Os relatos de Carolina a respeito de sua fama permitem notar a dúvida existente sobre a autoria dos diários, associando a popularidade alcançada a um indivíduo fora da hegemonia de escritores. Isso reflete a inferiorização de Carolina, mostrando que, no tempo descrito, estava enraizada na sociedade a noção de escritor como um indivíduo culto, com alta escolaridade, vocação reservada a algumas classes sociais privilegiadas. Essa acepção decorreu do processo da educação brasileira e da colonização existente em solo nacional. No entanto, ocupar um espaço discursivo-narrativo, ainda que esse seja composto por relatos autobiográficos e testemunhais, é poder representar

a luta pelo poder daqueles sujeitos sociais que questionam a hegemonia discursiva não dos letrados em si, mas dos setores sociais e ideológico dominantes e detentores do poder econômico, político, cultural e social que têm controlado historicamente a cidade letrada. (Chugar, 1992, p. 41).⁹

Socialmente, a premissa desse autor reflete no discurso de Carolina, feito a partir da condição de excludente, de um SD que usa a escrita para quebrar essa supremacia. Na sequência, mais uma vez evidenciamos o uso da estratégia argumentativa da comparação:

Um dia, um branco disse-me:
 — Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.
O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco?
 [...] A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (Jesus, 2000, p. 58).

No trecho “é que diz” o enunciador não concorda com o conteúdo do enunciado e transfere o conteúdo da proposição ao branco, o que funciona como um discurso reportado. Além disso, contesta-se a suposta superioridade, descrevendo elementos que marcam a igualdade entre

⁹ Tradução de “[...] la lucha por el poder de aquellos sujetos sociales que cuestionan la hegemonía discursiva no de los letrados en sí, sino de los sectores sociales e ideológicos dominantes y detentadores del poder económico, político, cultural y social que han controlado históricamente la ciudad letrada.” (Chugar, 1992, p. 41).

diferentes povos. Citar a natureza é um modo de argumentar por meio da apresentação de dados, evitando que a asserção seja refutada.

No entanto, ainda que o SD questione a supremacia racial, ele realiza um gesto, talvez proposital, que reitera a imagem do privilégio econômico das classes mais bem sucedidas:

Fui no empório, levei 44 cruzeiros. Comprei um quilo de açúcar, um de feijão e dois ovos. Sobrou dois cruzeiros. Uma senhora que fez compra gastou 43 cruzeiros. E o senhor Eduardo disse:

— Nos gastos quase que vocês empataram.

Eu disse:

— Ela é branca. Tem direito de gastar mais.

Ela disse-me:

— A cor não influi.

Então começamos a falar sobre o preconceito. Ela disse-me que nos Estados Unidos eles não querem negros nas escolas.

Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se. (Jesus, 2000, p. 108).

Nesse excerto, “tem o direito de gastar mais” pode ser interpretado como o pensamento de que determinados grupos possuem melhores condições financeiras, visão estereotipada do privilégio branco, por isso a possibilidade de ter maiores gastos. Depois de escrever o relato dos acontecimentos, o sujeito discursivo realiza uma reflexão relacionada ao preconceito. A posição assumida nesse discurso revela que esse sujeito é contrário à supremacia racial branca. Ao empregar o termo “são considerados”, isso funciona como um modalizador, ou seja, não é uma afirmação, mas uma suposição que é confrontada pela enunciação seguinte. Nos três períodos seguintes, argumenta-se o motivo pelo qual a superioridade não existe e que por isso não haveria motivo para revoltas.

O episódio seguinte, no qual Carolina foi interrogada logo após ser condecorada pela Faculdade de Direito, reflete a discriminação racial existente:

Os estudantes perguntaram os fatos da favela. Eu ia respondendo. Disse-lhe que os favelados lutam para alimentar-se. Perguntaram porque é que eu, sendo preta, estava recebendo um diploma da Academia?

Foi vaiado. Citaram-lhe que eles ali não admitia preconceito de cor (Jesus, 1961, p.55).

O questionamento dos discentes mostra como os estereótipos e o imaginário social refletiam o tratamento dado aos indivíduos, com base em sua característica racial. A ideologia materializada nesse discurso aponta o incômodo por Carolina ter sido homenageada, mostrando ainda que negros receberem tratamento honroso era incomum e causava espanto. A vaia pressupõe que o espaço acadêmico era um lugar democrático, destinado à pluralidade de ideias. No entanto, o uso do dêitico “ali” sugere que a prática do preconceito existia em outros locais. Dessa forma, essa sequência discursiva apresenta a disputa entre sentidos com relação à raça, à classe e ao trabalho acadêmico.

Reforçando o tom denunciante, algumas passagens registram a discriminação recebida:

Chegamos no banco [...] O reporter foi falar com um senhor, que queria abrir uma conta. Explicou que a conta pertence-me. Ele olhou-me. E abriu os olhos demasiadamente, demonstrando seu descontentamento. Deu-me vontade de dar-lhes uns tapas no rosto. (Jesus, 1961, p. 30).

A cena deixa implícito a má vontade do funcionário da instituição financeira e o tratamento desumano recebido pelo SD, fatores ocasionados pela condição econômico-racial de Carolina. A falta de cortesia gerou a revolta do sujeito discursivo, que explica como se sentia. Esse discurso, ligado a sua condição de produção, indica a denúncia do sujeito-narrador. Atrelado a fatores sociais, o dizer mostra o estereótipo existente, apontando a ideologia que vigora acerca de quem poderia ter ou não capital, e destarte, possuir conta bancária.

O relacionamento entre o SD e o *outro* mostra como a sociedade considerava as pessoas nela presentes: O “Última Hora foi buscar alguns favelados para fazer uma reportagem na livraria. Os favelados estavam abismados vendo-me, eu preta, tratada como se fosse uma imperatriz.” (Jesus, 1961, p. 40). A repercussão de *Quarto de Despejo* levou o público a interrogar sobre a veracidade dos fatos existentes dentro dessa obra, dado o grau absurdo da condição subumana atestada pelos diários. “Última hora” foi o jornal que convidou alguns vizinhos de Carolina para comprovar os relatos da autora. Nesse discurso, em decorrência da visibilidade que estava ganhando com sua publicação, Carolina passou a ocupar uma posição privilegiada, elucidando a cortesia e a honra recebidas. Sua percepção com o olhar do outro levou o SD a discorrer sobre esse fato, mostrando a surpresa que a importância dada a uma negra gerava. Pela descrição, demarca-se a estrutura social no que concerne ao tratamento dado a afrodescendentes, indicando que havia desigualdade racial, por isso o espanto, esse assinalado pelo sintagma “abismados”. No trecho, a ideologia interpela o SD: ao citar o termo “preta”, ele faz

apontamentos ao gênero e à raça. O primeiro mostra o papel social da mulher na época marcada. O segundo menciona como o imaginário social julgava os indivíduos com base no critério racial.

Em outros discursos que tecem comentários sobre seu modo de viver, Carolina cita a natureza e utiliza a linguagem metafórica como recurso expressivo para criticar as relações sociais. Vivendo em um mundo em que seus semelhantes eram constantemente explorados, o SD parte da observação para refletir sobre a igualdade entre elementos naturais:

Amanheceu garoando. O sol está elevando-se. Mas o seu calor não dissipa o frio. Eu fico pensando: tem época que é o Sol que predomina. Tem época que é a chuva. Tem época que é o vento. Agora é a vez do frio. E entre eles não deve haver rivalidades. Cada um por sua vez. (Jesus, 2000, p. 33).
 [...] O mudo das aves de ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (Jesus, 2000, p. 30).

O sujeito discursivo é interpelado pela dúvida e busca descobrir em outros mundos se há algum lugar melhor para viver. Essa indagação questiona a própria existência humana, sendo um verdadeiro escapismo, recurso próprio do pensamento existencialista. Esse discurso converge para a concepção de subalterno que não aceita o modo em que vive.

4.1.4 Queixa contra a favela

Carolina queixa-se da favela por duas razões principais: o comportamento de seus habitantes e a infraestrutura do local. Na narrativa, esses tipos de fatos são criticamente demarcados, como mostram as sequências discursivas seguintes:

Dei o almoço as crianças, e fui no Klabin [fábrica de papel] catar papel. Deixei as crianças brincando no quintal. Tinha muito papel. Trabalhei depressa pensando que aquelas **bestas humanas** são capás de invadir o meu barracão e maltratar meus filhos. Trabalhei apreensiva e agitada. (Jesus, 2000, p.16).

A justificativa de trabalhar apressadamente leva o enunciador a designar pejorativamente as pessoas envolvidas nesse ato. A adjetivação “bestas humanas”, dada às mulheres da favela, revela o repúdio diante das atitudes delas com relação aos filhos da escritora. Carolina, desse modo, comparava suas vizinhas a animais, indicando o comportamento agressivo. O uso dessa

terminologia pejorativa mostra o afastamento entre o SD e o outro, representado, no trecho, pelas vizinhas.

A convivência entre os habitantes do Canindé levou Carolina a testemunhar e a anotar em seus diários algumas observações sobre relacionamento interpessoal. Refletindo a forma da relação entre exploradores e explorados, mostra-se, por exemplo, que certas pessoas se aproveitam das outras: “[...] as mulheres que eu vejo passar vão nas igrejas buscar pão para os filhos [...] enquanto os esposos permanecem debaixo das cobertas.” (Jesus, 2000, p. 34). Assim, o SD assume a posição de denunciante, que não se conforma com funcionamento da estrutura familiar de determinados residentes da favela.

Os relatos geralmente indicam Carolina na condição de vítima ou de testemunha dos eventos reprováveis. Nesse sentido, seus discursos apresentam repúdio e distanciamento dos praticantes dessas ações. No recorte seguinte, seus sacos de papéis foram incendiados:

Fiquei horrorizada! Haviam queimado meus cinco sacos de papel. A neta de D. Elvira, a que tem duas meninas e que não quer mais filhos porque o marido ganha pouco, disse:
 — Nós vimos a fumaça. Também a senhora põe os sacos ali no caminho.
 [...] Percebi que foi ela quem queimou meus sacos. Resolvi retirar com nojo delas.
 [...] Não estou ressentida. Já estou tão habituada com a maldade humana. [...] Sei que os sacos vão me fazer falta. (Jesus, 2000, p.25).

O adjetivo “horrorizada” indica o grau de espanto causado pela perda dos sacos. O advérbio “também” produz efeito de sentido de que a Carolina seria a própria culpada pelo que ocorreu com seus itens. Ao dizer que está acostumada com atitudes dessa natureza, ela interliga a queima de papel a acontecimentos anteriores, cujas experiências também foram negativas, o que não lhe causa mais surpresa para eventos como o do incêndio.

Os acontecimentos na favela revelam as causas para que o SD insista em reclamar: “[...] eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Oh! Seu eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente.” (Jesus, 2000, p. 9-10). A interjeição demonstra o desejo de deixar o local e a aversão a determinadas atitudes. As frequentes brigas e discussões, além de palavras indevidas pronunciadas, mostram a insatisfação da locutora com o local. A expressão “núcleo mais decente”, precedida por “pudesse mudar” e pelo advérbio de lugar “daqui” funcionam como uma idealização. Para a narradora, a forma como as crianças testemunhavam

determinadas atitudes reprováveis era incompatível com a criação que ela desejava dar aos filhos. Essa queixa corrobora o fato de que muitas pessoas não escolhem se instalar nesses locais, mas migram para lá por não terem opção e acesso à moradia, indicando que a instalação em favelas está associada à impossibilidade de aquisição de um imóvel, mostrando um problema social que reflete na infraestrutura urbana. Além disso, o uso do verbo “revoltar” mostra que sua indignação é causada por fatores alheios. As características do ambiente onde Carolina residia podem ser explicadas por fatores históricos. A má distribuição de renda e a forma como os negros foram tratados no período pós-escravidão remonta a origens do problema da favelização. Segundo Paixão (2006, p. 21), “são os negros os que formam a maioria daquela população hoje privada do acesso aos serviços públicos e aos empregos de melhor qualidade, os que sofrem com mais intensidade o drama da pobreza e da indigência e da violência urbana”. Portanto, a falta de políticas públicas é um fator que contribuiu para os problemas de ocupação irregular, cujos discursos são ditos pelo SD caroliniano.

Outras passagens reiteram a crítica sobre como o ambiente corromperia a idoneidade das crianças, em um pensamento rousseauiano:

As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo. (Jesus, 2000, p. 34).

Pela crítica, pressupõe-se que o elemento motivador para a mudança das crianças é a contaminação pelo ambiente do Canindé. Dessa forma, Carolina julga a consequência que a convivência entre as crianças recém-chegadas, cujas características positivas estão relacionadas aos sintagmas nominais “amáveis” e “diamante”, se tornariam. Essas transformações são indicadas pelos termos pejorativos “soezes”, “repugnantes” e “chumbo”; portanto, o SD anuncia a mudança ocorrida pelo empenho de termos, palavras e expressões com carga semântica negativa. Em *Casa de Alvenaria* (1961), esse posicionamento persiste: “favela, ambiente que arruína a moral das crianças” (Jesus, 1961, p.44).

Além disso, o SD direciona seu posicionamento contrário ao modo como algumas famílias agem: “O que eu reprovoo nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga [cachaça] e dá as crianças para beber. E diz: — Ele tem lumbriga.” (Jesus, 2000, p. 18). Esse excerto mostra a dimensão da análise crítica de Carolina sobre a realidade: ela demonstra ser uma pessoa

prudente, que conhece os riscos de tratar as crianças desse modo. O SD assume a posição de uma pessoa virtuosa, o que se evidencia no uso do pronome pessoal de 1ª pessoa do singular “eu”. O verbo reprovar, axiológico, indica a carga semântica dessa avaliação, e “nas favelas” indica a visão de mundo da autora, uma vez que a pluralização desse sintagma indica que ela estende o ponto de vista para outros locais, não limitando essa prática à Canindé.

Nas vezes em que regressa à favela, Carolina atesta que esses momentos são árduos e de pouca tranquilidade, pois muitas vizinhas reclamam da conduta dos filhos dela. As constantes desavenças levaram Carolina a registrar seu sentimento sobre suas vizinhas. Discordando das queixas, Carolina relata: “[...] O que me aborrece é elas [as vizinhas] vir na minha porta para perturbar a minha tranquilidade interior” (Jesus, 2000, p. 13). Como alternativa, a autora hesita discutir com elas, preferindo escrever: “Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter.” (Jesus, 2000, p. 13). Assim, a FD assumida, com a posição de um sujeito discursivo ressentido, leva-o a exaltar a si mesmo:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. [...] Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida **de escravas indianas**. (Jesus, 2000, p. 14).

Nesse trecho, demonstra-se a superioridade em relação às outras mulheres. Para o SD, o fato de algumas moradoras serem casadas não era garantia de haver alguém para manter o lar, papel frequentemente atribuído ao homem no período do relato, o que justificaria o auxílio pela instituição mencionada. Ao citar o modo de vida delas, utiliza-se o exemplo como tipo de argumento, tentando convencer o interlocutor de que há preferência por ficar só. Dessa forma, comprova-se que trabalhar como catadora é um esforço para cuidar dos filhos, sendo dispensável a presença masculina no lar.

Outro fator que diminuiria o afeto de Carolina pela favela era a falta de aceitação, em sua comunidade, pelas outras mulheres do Canindé. A razão de ser rejeitada é o modo como Carolina é vista: uma pessoa culta, uma mulher mais atraente, com boa disposição para trabalhar e para cuidar do lar. Essas qualidades despertariam desdém e desavenças entre ela e as outras moradoras, motivo de dissabores: “A D. Rosa, assim que viu meu filho José Carlos começou a imprecisar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. [...] Ela odeia-me.

Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro que ela.” (Jesus, 2000, p. 13). Percebemos, dessa forma, que as fofocas e os desentendimentos fizeram o SD classificar o local com palavras altamente depreciativas, tais como a da frase seguinte: “Cheguei no inferno.” (Jesus, 2000, p.13). Portanto, com a formação discursiva de um residente-testemunha, atesta-se as qualidades negativas do lugar, mostrando que o relacionamento entre seus habitantes não era amistoso.

Ao demonstrar a estrutura comportamental da favela, Carolina censura a maneira pouco afetiva de como os moradores se relacionam, reprovando a falta de empatia e de laços: “A única coisa que não existe na favela é solidariedade.” (Jesus, 2000, p. 13). Para a autora, esse ambiente era marcado por muitos infortúnios e aborrecimentos. Assim, do ponto de vista caroliniano, a falta de alteridade entre esses habitantes é uma forte crítica à desagregação social:

Quando nasceu a Vera eu fiquei sosinha aqui na favela. Não apareceu uma mulher para lavar minhas roupas, olhar os meus filhos. Os meus filhos dormiam sujos. Eu fiquei na cama pensando nos filhos, com medo deles ir brincar nas margens do rio. Depois do parto a mulher não tem forças para erguer um braço. Depois do parto eu fiquei numa posição incomoda. Até quando Deus deu-me forças para ajeitar-me.” (Jesus, 2000, p. 51).

Dessa forma, o SD percebe-se excluído. O efeito de sentido pode ser entendido como a tentativa de mostrar a indiferença de seus vizinhos, a sua preocupação materna e sua resiliência.

Carolina expõe o *modus operandi* da favela, no qual os residentes são intimidados a pagar pelo fornecimento clandestino de energia, mesmo que suas precárias situações de vida impedissem a posse de algum aparelho elétrico que consumisse energia elétrica: “[...] é 5 horas. Agora que o senhor Heitor ligou a luz. Aqui é assim. A gente não gasta luz, mas precisa pagar. Saí e fui catar papel. Andava depressa porque já era tarde.” (Jesus, 2000, p. 14). Essa sequência discursiva demonstra que há exploradores e explorados entre os próprios moradores da favela. A marcação do indivíduo que efetua a cobrança pode ser identificada como uma denúncia, pois não ter acesso a serviços, mas arcar com esses custos, é uma injustiça.

A estrutura precária onde estava instalada a favela do Canindé levou Carolina a registrar boa parte de seus relatos, culminado em uma narrativa crítica sobre o local. A ausência de saneamento básico fez com que o lugar tivesse apenas uma torneira, de uso coletivo, obrigando os seus residentes a buscarem água nas horas iniciais do dia. No entanto, esse recurso era

limitado, pois, em outros momentos, a torneira apenas gotejava. A falta de esgoto criava um lamaçal, e a proximidade com o rio Tietê deixava o local propenso à inundação. Ao usar os recursos hídricos de um lugar denominado “lagoa”, para lavar roupas, as pessoas ficavam propensas a doenças por meio da água contaminada. Dessa forma, viver em um local insalubre, como último recurso para moradia humana, indica o grau de opressão:

[...] Eu já estava deitada quando ouvi as vozes das crianças anunciando que estavam passando cinema na rua. Não acreditei no que ouvia. Resolvi ir ver. Era a Secretaria da Saude. Veio passar um filme para os favelados ver como é que o caramujo transmite a doença anêmica [esquistossomose]. Para não usar as águas do rio. Que as larvas desenvolve-se nas águas. [...] Até a água... que em vez de nos auxiliar, nos contamina. Nem o ar que respiramos, não é puro, porque jogam lixo aqui na favela. Mandaram os favelados fazer mictórios. (Jesus, 2000, p. 51).

[...] Ensaboei as roupas. Depois fui acabar de lavar na lagoa. O Serviço de Saude do Estado disse que a água da lagoa transmite as doenças caramujo. Vieram nos revelar o que ignorávamos. Mas não soluciona a deficiência da água. (Jesus, 2000, p. 71).

[...] fui lavar as roupas na lagoa, pensando no departamento Estadual de Saude que publicou no jornal que aqui na favela do Canindé há 160 casos positivos de doença caramujo. Mas não deu remédio para os favelados. A mulher que passou o filme com as demonstrações da doença caramujo nos disse que a doença é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o exame porque eu não posso comprar os remédios. (Jesus, 2000, p. 90).

Os relatos acerca das descrições físicas da favela denunciam as calamidades de quem reside nela. O sujeito discursivo é interpelado pela necessidade de denunciar a realidade, divulgando ao público como é a vida de um subalterno no Canindé. Ao discorrer sobre a má qualidade do ar e a razão disso, o protesto recai sobre o local que funcionava como depósito irregular de lixo. O conselho do poder público, sobre a construção de banheiros, indica que os dejetos ficavam a céu aberto, aumentando a probabilidade de contaminação. Mesmo que esses fatores fossem de amplo conhecimento, mostra-se o descaso com os problemas relatados, conivência que levou Carolina a manifestar parte de sua indignação. Ao expor os motivos pelos quais não realizou os exames, o SD demonstra como esses indivíduos estão relegados a sua própria sorte. A pouca relevância dada a essa questão, sendo um caso de saúde pública, expõe como faltavam políticas públicas para combater o problema social e como a falta de assistencialismo levava a seu recrudescimento.

O trecho seguinte, que marca uma desavença, explana como os discursos se relacionam ao exterior da língua: “Você [Carolina] [...] dormia no albergue noturno. O seu fim era acabar na maloca.” (Jesus, 2000, p. 17). Nesse excerto, a predestinação marcada em decorrência da

pobreza faz parte do imaginário social. “Maloca” aparece como sinônimo de favela. A frase de uma vizinha, proferida contra Carolina, em tom de previsibilidade (“O seu fim era”), fornece elementos de como funciona a estratificação social no tempo descrito. Na mesma passagem, Carolina contesta que o albergue é destinado aos indigentes, ou seja, pessoas para as quais não se dava importância social. Pressupõe-se que a favela, com todo o seu problema estrutural de urbanização, seria o destino de quem não tinha condições de viver em outros locais mais adequados. Assim, sem o direito de escolha, esses indivíduos estariam condicionados a se instalarem em espaços como a ocupação do Canindé.

A disposição física da favela a tornava pouco atrativa, levando o SD a se contraidentificar com o local:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. **E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.** (Jesus, 2000, p. 33).

Interpelado por uma voz que quer atestar os defeitos da favela, o SD não se contenta em apenas mostrar como é sua estrutura, mas intervém subjetivamente na narrativa, alegando que o lugar afeta também o seu estado de espírito. Assim, o contraste entre a parte urbanizada e a precariedade da favela levam o SD a divagar sobre esses dois ambientes. Além disso, o simples fato de morar na favela faz com que o SD seja interpelado pela culpa: para ele, residir na Canindé é indicativo de baixo prestígio social. A metáfora utilizada (“sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”) mostra que há uma qualificação depreciativa, causada pela mobilidade entre os dois locais.

Nesse sentido, o SD justifica porque nomeou pejorativamente a favela:

[...] Falamos da favela. E porque a favela é o *quarto de despejo* de São Paulo. É que em 1948, quando começaram a demolir as casas terreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que favela é o *quarto de despejo* de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos. (Jesus, 1961, p. 17).

Esse julgamento repisa, sobretudo, no poder público, que simplesmente ignorou o destino das pessoas que viviam nas habitações descritas no trecho. Além do descaso, mostra-se a ausência de iniciativas governamentais voltadas à população mais vulnerável. Para Carolina, o motivo

de haver favelas seria justamente a negação da realidade por parte das autoridades. Com esse discurso, além da justificativa, está presente a crítica, voltada à administração pública, e a denúncia. Inferiorizar a classe mais baixa é uma estratégia discursiva que o SD faz para atestar o desprezo e o valor reduzido que eram dados aos residentes dessas áreas. Nesse mesmo tom combativo, ainda em *Quarto de Despejo* (2000), o SD caroliniano explica que a “favela é o pior cortiço que existe” (Jesus, 2000, p. 26). Ao realizar a predicação anterior, o SD relaciona a palavra “cortiço” a seu interdiscurso, indicando que a habitação da favela é semelhante à desse lugar.

A enunciadora não se contenta em centrar o discurso na descrição física das pessoas, mas expande-o para a observação comportamental delas:

Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O unico perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. (Jesus, 2000, p. 42).

Nessa sequência discursiva, os traços realçados (“Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração”) podem ser interpretados como a tentativa de aumentar a tristeza da cena, pelo fato de as pessoas terem que residir no local. O SD assume a posição de um narrador quase-onisciente, que conhece a dimensão psicológica das “personagens”. Essa representação demonstra como esse sujeito vê o local com repúdio, e o período seguinte (“Um lugar que não se pode plantar uma flor [...]”) acentua a aversão à favela. O último período é uma ironia, pois “perfume” não condiz com os elementos citados (lama, excrementos e pinga).

O contraste entre as diferentes áreas de São Paulo levou o SD a criticar reiteradamente a grande metrópole brasileira: é um modo de manifestar a sua indignação, de dizer que seria inadmissível uma cidade tão próspera possuir esses defeitos. Assim, apesar de seu desenvolvimento econômico, a capital paulista esconderia problemas sociais graves:

Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela. (Jesus, 2000, p. 37).
[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (Jesus, 2000, p. 28).

Esses discursos funcionam como uma espécie de manifesto lírico. Ao utilizar a linguagem figurada no primeiro excerto (“rainha que ostenta [...] veste viludo e seda e calça meias de algodão”), o SD tem o desejo de evidenciar em que partes físicas constituem o problema da cidade. No segundo trecho, “classifico” pode ser compreendido como um verbo axiológico, com alta carga semântica subjetiva, uma vez que categoriza as diferentes regiões do lugar citado. Em tom de denúncia, a presença da favela refletiria como um atraso, marcando um paradoxo existente em um mesmo lócus social.

4.1.5 Queixa contra o sistema das instituições públicas

Para Carolina, era dever dos governantes erradicar a fome e diminuir o abismo entre as classes sociais existentes. Na tentativa de se comunicar com eles, ela milita em prol dos mais necessitados: “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.” (Jesus, 2000, p.35). Nesse trecho, a narradora dá um lugar especial à literatura e reconhece o poder da poesia engajada. O verbo “enfrentar” está usado em sentido conotativo, seguido pelo complemento “a morte”, indicando que o enunciador não teme as consequências nas circunstâncias indicadas. O sujeito do discurso demonstra conhecer o papel social do literato, além de utilizar a terceira pessoa do singular, “o poeta”, para realizar uma generalização e aumentar a carga argumentativa do registro.

Nesses relatos carolinianos, os governantes são insensíveis porque não se preocupam com os problemas sociais do povo. As reclamações de Carolina são explicitamente marcadas contra a classe política: o SD não hesita em assinalar o nome dos políticos.

Tem noite que eles improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz:

— Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas **frases de viludo**. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. (Jesus, 2000, p. 27-8).

Com base nas descrições presentes na narrativa, é possível conhecer a estrutura física e social da favela em questão: as casas de alvenaria localizavam-se nas adjacências da ocupação,

enquanto as habitações da favela eram feitas de tábua. O discurso possui críticas voltadas aos hábitos dos moradores da favela e à classe política. Ao relatar a intimidade entre o político e os habitantes do Canindé, o SD demonstra que o candidato aproximou-se apenas para ganhar votos, abandonando, posteriormente, os moradores. Ao dizer que “não criou um projeto [sic] para beneficiar o favelado”, o SD demonstra a sua consciência política e qual o papel do poder legislativo. Desse modo, a crítica fundamenta-se na ausência de um governo que buscasse o bem coletivo ou que se preocupasse com as camadas mais populares.

No trecho seguinte, demonstrando ter consciência de classe, Carolina trava uma luta com palavras, denunciando os problemas que existem nas áreas subdesenvolvidas da cidade: “O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la.” (Jesus, 2000, p. 26). Em “eu aviso”, parte-se de uma posição subjetiva, de um sujeito que se incomoda com esse fato, e a expressão ainda marca um tom de autoridade. Esse locutor fala a partir da necessidade de expor seus sentimentos, de angariar seu lugar de fala. O verbo “tolerar”, seu objeto “a fome” e o uso do termo “povo” parecem dar mais credibilidade ao discurso. Além disso, sugere-se que o enunciador se enquadre dentro desse grupo de pessoas, devido a seus frequentes relatos sobre a ausência de alimentos. Esse trecho cria o efeito de sentido de indignação, demonstrando que determinados políticos não possuíam capacidade de administrar porque desconheciam a realidade dos problemas sociais. Dessa forma, o SD valoriza o empirismo, preconizando que as experiências sensíveis tornariam as pessoas mais humanas.

Assim, com sua narrativa denunciante, Carolina assume o *ethos* – considerado a “imagem de si no discurso” (Amossy, 2008) – de uma pessoa engajada socialmente e reitera sua identidade de porta-voz dos oprimidos:

Na favela [...] a notícia já circulou que a D. Maria José faleceu. Varias pessoas vieram vê-la. Compareceu o vicentino que cuidava dela. Ele vinha visitá-la todos os domingos. Ele não tem **nojo** dos favelados. Cuida dos **miseros** favelados com carinho. **Isto competia ao tal Serviço Social.** (Jesus, 2000, p. 29).

O adjetivo “miseros” revela a subjetividade da narrativa com relação ao episódio retratado. O pronome demonstrativo “isto” é anafórico e retoma as orações anteriores, retratando o comportamento do religioso como adequado e o do poder público como inadequado. Assim, o SD indica de quem seria a responsabilidade de cuidar dos indivíduos da favela. Além disso, o

substantivo “nojo” indica que a aversão aos favelados era uma prática comum, mas que não existia com o filantropo citado.

Nos excertos abaixo, Carolina utiliza um relato pessoal para continuar sua crítica contra a administração pública ou contra outros setores do Estado:

[...] Achei um cará no lixo, uma batata doce e uma batata [...] **Os favelados** aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam **imitar os corvos**. Eu não vejo eficiência no Serviço Social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. Vou cozinhar a **batata doce** [encontrada no lixo]. (Jesus, 2000, p. 37).

[...] **Eu sei** que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. **Para não ver** os meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é **pungente** ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. **A unica coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres**. (Jesus, 2000, p. 37).

Nessa sequência discursiva, “Eu sei” reflete no discurso o conhecimento implícito, isto é, a vivência relacionada à área do saber. “Para não ver meus filhos passar fome” parece indicar a finalidade de evitar testemunhar a privação, enquanto o verbo “ver” está empregado em seu modo figurado e ganha sentido de perceber ou observar, reiterando as críticas a essa instituição. “Imitar os corvos” seria ter que obter alimentos do lixo, como é explanado na oração seguinte, ao se afirmar que a batata doce encontrada no lixo seria a alimentação. O termo “os favelados”, em terceira pessoa, indica menos subjetividade e maior valor de verdade. Esse descaso faria as pessoas viverem à sua própria sorte. Ao relatar os acontecimentos presenciados, o SD menciona que não é qualquer grupo social que sofria ou chorava. Essa marcação da classe social indica o drama de quem era atingido pela falta de auxílio: os pobres. “Pungente” reflete o sentimento do SD por meio do relato, que projeta a imagem de um ser humano solidário ou sensível à dor do outro. O último período indica que o órgão público age com indiferença, ou seja, não acolhe os necessitados, de forma a ouvir ou de saber quais são suas necessidades, mas que apenas se preocupa em formalizar o atendimento, sem garantir a assistência necessária (“A unica coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres”).

Para Carolina, grande parte de sua indignação contra o sistema político justifica-se pelo conhecimento dos problemas sociais existentes, mas que eram recorrentemente ignorados: a fome, a pobreza e a miséria em que viviam os habitantes das favelas: “Quando eu fui buscar agua vi uma infeliz caida perto da torneira porque ontem dormiu sem jantar. É que ela está desnutrida. Os médicos que nós temos na política sabem disto.” (Jesus, 2000, p. 37).

Perpassando a narrativa pelo relato testemunhal, indicado pelo verbo “ver”, o SD demonstra conhecimento sobre os motivos que ocasionaram a queda da mulher: não ter feito a refeição e estar desnutrida. Ao empregar o termo “médicos”, atesta-se a classe profissional responsável pelos cuidados com a saúde da população e, ao afirmar que o problema é conhecido, mostra-se o desprezo com os problemas que acometiam a população vulnerável.

Pelos discursos, o SD caroliniano se revela descontente com a classe política:

Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. **Depois divorcia-se do povo.** Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (Jesus, 2000, p. 34).

Essa posição de desgosto se justifica porque os políticos conheciam o quadro de vida subalterno, mas se aproveitavam da extrema pobreza para angariar votos. Com isso, eles não interferiam para erradicar a fome e para melhorar a condições dos mais vulneráveis.

Na próxima seção, analisamos os efeitos de sentido sobre a esperança obtidos a partir do recorte e da seleção de trechos de *Quarto de Despejo* (2000[1960]) e de *Casa de Alvenaria* (1961).

4.2 ESPERANÇA

O propósito desta seção é identificar sequências discursivas que indicam efeitos de sentido de esperança, porque esse tema pode ajudar a evidenciar como os discursos são marcados pela contradição. Dessa forma, visa-se a mostrar como os discursos relacionados a polos opostos, aos da subalternidade e da esperança, podem ser encontrados em uma mesma narrativa. Para isso, analisamos *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), realizando os recortes necessários.

Snyder (2009, p. 249) define a esperança “como a habilidade percebida de produzir caminhos para se obter os objetivos e para motivar alguém a usar esses caminhos.”¹⁰ Assim, alguns discursos de Carolina indicam o modo como ela trilha esses percursos, além de apontar a forma como a escritora se sente motivada para atingir suas metas. Pelo fato de determinados fatores socioeconômicos influenciarem o estado emocional da autora, impactando diretamente a narrativa, a esperança está sempre presente em momentos ímpares: é, por exemplo, a alegria de conseguir alimentos ou de superar alguns infortúnios. Dessa forma, o sujeito discursivo caroliniano assume a posição esperançosa, interpelado pela esperança. Conforme já mencionado, para Pêcheux (2014), esse ato interpelativo em sujeito do discurso ocorre pela identificação do sujeito pela formação discursiva que o domina, nesse caso, a FD da esperança, o que culmina com esse efeito de sentido:

As formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas. As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência às posições dos que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (Orlandi, 2006, p. 17).

Dessa forma, inscritas no domínio do discurso que reflete a esperança, a narrativa mostra que, para Carolina, a possibilidade se alimentar é comparada à apreciação estética: “Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo **deslumbrante!** As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, **é um dia de festa para eles.**” (Jesus, 2000, p. 38, grifos nossos). Pela afirmação, o efeito de sentido pressupõe que o

¹⁰Tradução de “Hope is defined as the perceived ability to produce pathways to achieve desired goals and to motivate oneself to use those pathways.”

momento era inabitual, resultando em comemoração. Observa-se, no excerto, apenas o uso de palavras com carga semântica positiva. O adjetivo “deslumbrante” aparece com o sentido diferente daquele empregado em outras partes da narrativa, cujo significado geralmente é negativo. A admiração que surge durante o preparo da refeição mostra como o SD é impactado por situações exitosas, o que o leva a discursar sobre elas. Ao se afirmar que “é um dia de festa para eles”, indica-se a possibilidade de cumprir com a realização dos pedidos dos filhos, projetando o cuidado materno. Dessa forma, o SD é interpelado pela necessidade de registrar esses instantes únicos. Na descrição acima, assim como em outras sequências discursivas, o efeito de sentido como esperança pode ser compreendido porque esses discursos estão filiados à FD da esperança, já que “uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva.” (Orlandi, 2015, p. 58).

Observada a rotina de Carolina, a esperança emerge no discurso, por exemplo, quando há a possibilidade de preparar refeições: “[...] Puis feijão no fogo. Quando eu lavava o feijão pensava: eu hoje estou parecendo gente bem – vou cozinhar feijão. Parece até um sonho!” (Jesus, 2000, p. 42) Ao mostrar o tipo de alimento preparado, indicando a possibilidade de ter acesso a ele, o SD marca o motivo de sua satisfação e afirma como certos produtos não estão disponíveis para a população em geral, pois possuem alto preço. Sendo o feijão um item básico da alimentação brasileira, demonstra-se, também, a restrição de muitas famílias. “Parecendo gente bem” é uma figura de linguagem que indica a condição econômica favorável de parte da população. Já a expressão “parece até um sonho” revela a dificuldade de se ter esse item dentro de casa, por isso a necessidade do registro. O trecho seguinte reforça a satisfação diante de uma mesa completa: “Fui fazendo o jantar. Arroz, feijão, pimentão e choriço e mandioca frita. Quando a Vera viu tanta coisa disse: hoje é festa de negro!” (Jesus, 2000, p. 43). Ser festa, por si só, subjaz um significado de alegria. No entanto, a inclusão da palavra “negro”, ao final do período, direciona o sentido dessa expressão, pois está ligado ao modo como o SD caroliniano conduz a sua família, reafirmando sua identificação afrodescendente, ou seja, “festa de negro” seria com muita alegria, muita comida e muita música.

É muito comum perceber a tentativa que Carolina tem de sempre tentar agradar aos filhos, com o intuito de reduzir as condições ruins que as crianças viviam. Nesse sentido, percebe-se a preocupação e a responsabilidade dela, que se esforça para dar uma vida mais confortável aos

filhos: “Hoje eu comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse: — Que mamãe boa!” (Jesus, 2000, p. 17). O verbo “comprar” pode ser depreendido como um sucesso, uma façanha, já que o produto não se enquadrava entre os itens básicos de alimentação, o que demonstra o desejo de agradar às crianças. Além disso, o emprego dos termos “para eles” demonstra a finalidade e a empatia dela por seus filhos, uma vez que não emprega o pronome “nós”. Essa marcação explícita visa reforçar a relação de causa e efeito, demonstrando o objetivo da compra. Esse discurso constitui-se como esperança porque um de seus objetivos é justamente alimentar os filhos.

A esperança é reservada aos momentos alegres, nos quais foi possível cantar em companhia dos filhos. Nesse sentido, os discursos de esperança são identificáveis quando o sujeito discursivo expressa o desejo de vê-los longe da favela, sem ter que presenciar a conduta inadequada dos outros moradores, de as crianças poderem brincar tranquilamente e de realizar as travessuras, sem a censura ou a queixa dos vizinhos. A esperança é ansiar por momentos em que sejam abolidos o preconceito e a discriminação que levavam o SD a ser vítima de constantes humilhações. Escrita como esperança é a expectativa de um dia vencer as mazelas da vida, de superar o opróbrio como catadora, de ter uma vida respeitada, com valor social. É ter que suportar a fome, mas é manter a vontade de, com os frutos da escrita, poder se alimentar adequadamente; é não ter que se queixar dos altos preços de alimentos que privam a si mesma e sua família de consumi-los. Assim, a esperança surge diante de uma mesa farta:

Eu já fiz o almoço. Tinha arroz, feijão, repolho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. Como se eu tivesse assistindo um espetáculo deslumbrante (Jesus, 2000, p. 44).

Essa atitude indica o posicionamento otimista do SD, pois ele mesmo pôde oferecer uma refeição com alimentos variados. A esperança, portanto, estaria na perpetuação de momentos como esse.

Relacionando as experiências subjetivas de Carolina com o acesso à educação por parte da escritora, as palavras leitura e escrita ganham novos contornos, isto é, significados distintos. A narrativa de vida caroliniana permite discorrer sobre como a sua educação foi limitada. O contexto em que Carolina frequentou a escola, período inferior a dois anos, demonstra parte da estrutura social: o acesso à educação era limitado, criando barreiras para a população que não

fosse branca ou que não fizesse parte de um grupo com maior prestígio social. De acordo com Marcelino (2013, p. 120-1),

Historicamente sabemos que quem deteve primeiramente o acesso ao registro pela escrita foi o homem branco, já que por muito tempo o acesso à educação formal foi subtraído ou bastante restrito para as mulheres brancas e para negros e negras, lhes negando, ou dificultando a vocação de escritores. Porém com o passar do tempo e com as conquistas das ditas minorias – mulheres brancas, negros e negras, dentre outras etnias, passaram a surgir homens e mulheres escritores, de diferentes situações socioeconômicas e etnias. Esta heterogeneidade certamente provocaria também o surgimento de temas não unicamente universais. Por outro lado, a escrita passaria a ser também uma ferramenta para se obter visibilidade em uma sociedade que se pretendia homogênea principalmente pelo apagamento das diferenças.

Dessa forma, quando aparecem a leitura e a escrita em QD e CA, o efeito de sentido que essas ações ganham está diretamente ligado à trajetória de vida de CMJ, mostrando que essas ações são um modo de superação pessoal:

[...] Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (Jesus, 2000, p. 19)

[...] Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo! (Jesus, 2000, p. 23).

Como mencionado anteriormente, os verbos “ler” e “escrever” não se restringem às ações semânticas que cada um deles indica, mas refletem a forma como o SD os utiliza. A leitura e a escrita, dessa forma, são aliadas para aquilo que o SD enfrenta na favela, indicando seu gosto e a importância de cada uma delas. Historicamente, como a alfabetização está diretamente ligada a instituições escolares, é importante observar como esse termo aparece na narrativa: “Eu estou contente com os meus filhos alfabetizados. Compreendem tudo. O José Carlos disse-me que vai ser um homem distinto e que eu vou trata-lo de Seu José. Já tem pretensões: quer residir em alvenaria.” (Jesus, 2000, p. 123). Nessa inter-relação entre a sua vida paupérrima e o nível de escolaridade dos garotos, o fato de serem alfabetizados era sinônimo de uma conquista pessoal, pois, na condição de mãe, o SD seria a responsável pela educação de seus filhos.

O sujeito discursivo caroliniano realiza o processo de identificação com a leitura e com a escrita, elucidando que se tornar escritor é seu objetivo maior. Esse percurso rumo ao reconhecimento literário pode ser percebido na cena em que o sujeito-narrador escrevia e uma das personagens o indaga: “Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário [...] Todos tem um ideal.” (Jesus, 2000, p. 23). Assim, a esperança é poder adentrar(se) no universo literário: “– Dona Carolina, eu gosto muito da senhora. A senhora quer escrever muitos livros? – Oh, se quero!”

(Jesus, 200, p. 152). A resposta e a interjeição mostram a expectativa de escrever como profissão. Essa aspiração reverbera na escrita dos diários, que também passa a ter contornos poéticos: “Hoje eu estou alegre. Estou rindo sem motivo. Estou cantando. Quando eu canto, componho uns versos. Eu canto até aborrecer da canção” (Jesus, 2000, p. 107). Poder sorrir é a esperança de discorrer sobre momentos bons e mostrar ao leitor que eles existem, ainda que mascarados em meio a tantas aflições; é poder registrar os estágios de alegria, os momentos de ver os filhos felizes por terem refeições completas; é relatar as fases que inspiram vontade de viver, como demonstra o trecho abaixo:

Ele deu-me revista para eu ler. Depois foi buscar uma refeição para mim. Bife, batatas e saladas. Eu comendo o que sonhei! Estou na sala bonita. A realidade é muito mais bonita que o sonho. [...] Eu estou tão alegre! Parece que minha vida estava suja e **estão lavando.**” (Jesus, 2000, p. 152).

O SD quer atestar que o real é melhor do que a fantasia. Levado pelo “surto” momentâneo, ele transcreve a sua opinião sobre a realidade. No período final, “estão lavando [a vida]” é uma referência ao bom momento, mas também ao próprio modo de viver. Ao relatar sobre a própria vida, evidenciando efeitos de sentido de esperança, o SD se distancia da sua rotina como catador e do hábito de estar sujo, além de passar por humilhações recorrentes.

Um outro aspecto da narrativa em que a esperança se faz presente é por meio do escapismo, no qual os devaneios criam um ponto de fuga para Carolina. A fantasia é um paliativo para tentar driblar os infortúnios. Dessa forma, é preciso fingir ou fazer de conta para olvidar as agruras da vida:

Deixei o leito **para** escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários. (Jesus, 2000, p. 52).

Nesse mesmo trecho, estão presentes o lirismo, a linguagem poética e o subjetivismo. O SD é interpelado pela condição de um sujeito fantasiador, que utiliza a escrita como uma ferramenta, como um modo de simular uma realidade diferente, favorável. Assim, a necessidade de criar mundos imaginários se justifica porque a sua situação real é angustiante, e a fantasia funciona como um alívio para essa tensão. O último período desse trecho (“As horas que sou feliz é

quando estou residindo nos castelos imaginários”) mostra que a felicidade é momentânea, condicionada pelo ambiente e pelo drama psicológico.

A esperança é o caminho percorrido para disfarçar a vida tão limitada: “Quando eu vou na cidade tenho a impressão de que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas, tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas.” (Jesus, 2000, p. 76). O SD descreve o produto de suas observações, é uma sublimação, que reflete como a ideologia de alto poder aquisitivo o atinge, interpelando um sujeito que se deixa levar pela apreciação, contrastando com tudo aquilo que faz parte de seu próprio mundo, revelando a dinâmica de seu *eu*. Além disso, o desejo de ver a situação dos outros mudar também possui significados de esperança: “Espero que os políticos estingue as favelas” (Jesus, 2000, p. 17). Assim, essa esperança assume o significado de luta contra as injustiças e práticas sociais desumanizantes. Seria interessante pensar como esse desejo, expresso na última frase, faria com que esse enunciado teria outro efeito de sentido se fosse proferido por uma posição-sujeito elitista e de direita. Os discursos carolinianos projetam-se como esperança porque esse é um caminho para superar a opressão e os percalços da vida. Dentro dos significados possíveis, a esperança é dar subsídios para que a escrita dos diários se transforme em recursos financeiros e com isso Carolina possa migrar para o tão sonhado imóvel: “é que eu estou escrevendo um livro. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela.” (Jesus, 2000, p. 25). Portanto, a esperança ancora-se em poder mudar de vida por meio da escrita. Os diários, destarte, possibilitariam que a escrita fosse transformada em capital financeiro.

O sujeito discursivo descreve como representa o mundo por meio de sua observação e sensibilidade, demonstrando que a esperança é contemplar a natureza e usar a linguagem poética como forma de (re)significação:

O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para desapontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. (Jesus, 2000, p. 39).

Esses pensamentos, que expressam sensações positivas, permitem compreender que a escrita é um estímulo para suportar as aflições que existem na favela: “Fico pensando o que será *Quarto de Despejo*. Umás coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as miserias que

enlaçava-me igual cipó quando enlaça nas árvores, unindo todas”. (Jesus, 1961, p. 29). Nessa perspectiva, nota-se a esperança presente na escrita caroliniana, o que instiga o próprio ato de escrever.

Ao realizar o recorte da escrita de Carolina Maria de Jesus, comprovou-se que os trechos extraídos de *Casa de Alvenaria* (1961) mostram como a narrativa enfatiza a esperança: “Hoje é meu grande dia. A tristeza estava residindo comigo há muito tempo. Veio sem convite. Agora a tristeza partiu, porque a alegria chegou. Para onde será que foi a tristeza? Deve estar alojada num barraco de favela.” (Jesus, 1961, p.22). Quando se indaga o destino da tristeza, o SD caroliniano realiza um gesto discursivo de uma pessoa interpelada pela esperança, ao mesmo tempo em que discorre metaforicamente para criticar o lugar que seria o núcleo da tristeza. Percebe-se que sua vivência na favela foi uma experiência negativa, de modo que praticamente internalizou essa vivência. Inconscientemente, essa interiorização a fez levar a vivência da favela para seus discursos em QD e CA, incorporando, discursivamente, a aversão ao local. O uso do dêitico “hoje” indica o tempo presente, isto é, o tempo da enunciação. “Veio sem convite” indica que esse fator era o resultado de causas externas. Dessa forma, o SD é interpelado pela sensação de alegria. O SD projeta o discurso de um sujeito melancólico, que se mostra em transição de fase, mas ainda demonstra resquícios de seus sofrimentos.

Sendo interpelado pelo êxtase e pelo entusiasmo, o SD sente a necessidade de registrar a alteração de sua vida:

Agora que eu estou encaixando dentro do meu ideal que é escrever. Tenho impressão que estou regressando ao passado, que estou voltando aos 20 anos, aos 18. Eu fui amante das quadras da vida. Fui amante da primavera, do outono, do inverno e do verão. **Fiz as pazes** com a primavera [estação da beleza] e ela adornou meu coração com flores perfumadas e construiu um castelo de ouro para eu residir. (Jesus, 1961, p. 25-6).

O excerto constrói a dimensão de um sujeito discursivo que, no momento da enunciação, emprega o dêitico “agora” para se referir a como o percurso de sua vida está condizendo com suas aspirações. Ao lograr concluir aquilo que seria a sua expectativa, o enunciador realiza um gesto imaginativo que lhe simularia regressar há tempos remotos, de sua juventude. A grande comemoração se dá em virtude da migração, de um barracão de madeira na Canindé para uma casa de tijolos, a qual Carolina frequentemente intitula como casa de alvenaria. Essa saída é considerada um êxito, e a nova fase é caracterizada como primavera, que é a estação da beleza,

com diversidade de cores. Assim, indica-se que o SD estava feliz com a novidade, em que “fiz as pazes” indica reconciliação e a satisfação com o atual rumo de vida, demarcando a esperança.

Em *Casa de Alvenaria* (1961), relata-se, com maior extensão, os momentos positivos. Ao registrar os acontecimentos em torno da publicação de seu primeiro livro, *Quarto de Despejo* [1961], o sujeito discursivo revela os motivos de sua escrita: ter os diários como um subterfúgio para suportar as agruras da vida. “Eu estou ansiosa para ver este livro [Quarto de Despejo], porque eu escrevi no auge do desespero. Tem pessoas que quando estão nervosas xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário.” (Jesus, 1961, p.22). Assim, o SD é interpelado pela sensação obtida com o resultado de sua escrita:

O reporter desembulhou os livros e deu-me um. Fiquei alegre olhando para o livro e disse:

— O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor.

Eu li o meu nome na capa do livro.

Carolina Maria de Jesus.

Diário de uma favelada.

QUARTO DE DESPEJO

Fiquei emocionada. O reporter sorria:

— Tudo bem, não é, Carolina?

— Oh! Sim. Tudo bem.

É preciso gostar de livros para sentir o que senti.” (Jesus, 1961, p.33).

No episódio descrito, o *eu-que-narra* descreve a emoção de poder vislumbrar o produto de sua composição. Embora contraste com o conteúdo de qual o tipo de literatura Carolina desejasse produzir, ela fica contente pela materialidade do livro impresso em suas mãos. A esperança está presente porque os sentimentos descritos indicam a concretização de um sonho, e o SD descreve as emoções vivenciadas. Relatos semelhantes a esse continuam nas páginas seguintes:

[...] quando chegamos na livraria vi o meu retrato na porta. Estou desenhada em ponto grande. [...] Que espetáculo deslumbrante! O povo e os carros paravam para ver o meu retrato galgando. **Eu tinha a impressão que era eu que subia para o céu.** Eu dizia para o povo:

— Espero que os senhores vem comprar o meu livro.

— Oh! É a senhora. (Jesus, 1961, p.34-5).

Ao descrever como se sente, o SD atesta o seu estado emocional positivo, admirado pela repercussão de seus livros, tomado por uma situação epifânica, como atesta a frase “eu tinha a impressão que era eu que subia para o céu”.

Na narrativa, o SD deixa traços de um indivíduo que passou por situações traumáticas. Dessa forma, seria importante para ele registrar os acontecimentos das situações em que foi reprimido e que logrou superá-las, criando uma espécie de autorrealização:

[...] fiz o café, os filhos comeram pão. **Agora** com a fartura de comida os filhos estão enfasiados. **Supernutridos**. São mais barulhentos, mais dispostos. Tenho a impressão de que estou despertando de um sonho, sonho que foi assim: cadeia, fome, enchente, brigas.

Deus foi misericordioso não enviando doenças. (Jesus, 1961, p. 36).

Esse trecho indica o contentamento implícito diante da nova condição de vida. Nele, o sujeito discursivo, novamente, assume a posição discursiva de uma mãe, ao discorrer sobre seus filhos, mostrando como a aquisição de alimentos beneficiou as crianças. A enumeração dos fatos vividos resume as aflições por que passou. Agora é um dêitico que alude ao momento da enunciação. O adjetivo “supernutridos” pode ser compreendido como um momento satisfatório, fazendo alusão ao passado de escassez. A FD materna reaparece nesse discurso, em que o SD discorre sobre a descrição da cena, passando a observar, sob esse prisma, o comportamento de seus filhos. A percepção sobre alimentos reitera o carinho e o cuidado do SD com os filhos, que relaciona a sua observação de mãe com sua trajetória de vida.

Carolina registra como foi o momento de uma entrevista no momento da fama: “Os empregados [da livraria] interrompiam para eu autografar livros. Que alegria interior! Eu autografando o meu livro. Estava comovida.” (Jesus, 1961, p.38). O SD é interpelado por um momento de êxtase, em que pode realizar o desejo de publicar sua primeira obra. O sucesso da primeira publicação permitiu que a escritora recebesse convites para inúmeros eventos e espaços: rádio, televisão, clubes, teatros, entre outros:

Quando chegamos na residencia [...] **Fui bem recebida**, com alegria de todos. Eu recebia uma homenagem dos **pretos** de São Paulo. Estavam presentes uns pretos do Rio de Janeiro. Serviam um almoço com discurso. Eu sentei na cabeceira da mesa. A comida estava deliciosa. Dava a impressão de estar sonhando.” (Jesus, 1961, p.42).

Nesse discurso, além de indicar a importância de registrar o evento, projeta-se a imagem de uma pessoa que começa a se sentir importante “Fui bem recebida”. A palavra “pretos” indica a sua influência ideológica, como esse termo circulava no meio social e como se davam as relações sociais inter-raciais. Isso ainda reflete a forma como o SD percebia o valor dos outros, ou seja, como o tom de pele a influenciava no modo de enxergar o mundo, tratando-se de uma visão subjetiva da realidade. Ao indicar a origem dessas pessoas, marca-se, no não dito, a

relevância da sua presença, mostrando como diferentes grupos compunham a cerimônia. A posição física ocupada ao se sentar à mesa mostra a importância dada ao enunciador e como isso é percebido por ele mesmo. No contexto desse episódio, o sujeito discursivo é interpelado pela oportunidade de falar sobre o alimento servido, marcando qual a importância das refeições em sua vida, principalmente por se tratar de uma pessoa que constantemente se esforçava para ter comida, já que passara fome. Assim, percebe-se que a narrativa do excerto centra-se em três pontos: a importância dada a Carolina durante o evento; a característica física das pessoas e como isso reflete na cerimônia e no efeito de sentido do evento em si; e a percepção de poder aproveitar refeições, legitimando o discurso da fome.

O planejamento é dos passos para que a esperança possa emergir nos discursos carolinianos: “Hoje é a última noite que eu vou dormir na favela. Avisei aos filhos que vamos mudar amanhã [...] não vou incluir a saudade na minha bagagem.” (Jesus, 1961, p.44-5). A narrativa demonstra o projeto para o dia seguinte, no qual Carolina deixaria a favela. Nesse discurso, há a desidentificação com o local, aversão indicada pela última oração. Assim, o SD é interpelado pela tentativa de esquecimento das experiências negativas vividas nesse lugar, e reforça a visão de que o ambiente lhe causaria desconforto, por isso a justificativa de não sentir falta dele.

A esperança nasce juntamente com a ansiedade, quando a própria Carolina recebe notícias de que deixaria a favela: “O senhor Antonio Soeiro Cabral ouviu e disse que tinha um quarto disponível na sua casa. [...] Fiquei reanimada. Enfim eu vou deixar a favela. Até que enfim chegou o meu dia.” (Jesus, 1961, p.44). Nesse relato, o SD projeta a concretização de um desejo pessoal, evidenciando como se sente (“reanimada”). De outro modo, a esperança é demonstrada no seguinte trecho, pois a saída agitada da favela não foi empecilho para Carolina se sentir bem:

[...] Os reporteres iam chegando para filmar minha saída da favela. O João não estava. Ele subiu no telhado e caiu e feriu a perna. Foi para a Central de Polícia fazer curativo. A D. Alice disse-me que os filhos da D. Juana estavam mechendo nos livros. Que confusão!

Mesmo com a confusão eu estava contente. Era a concretização de um sonho. (Jesus, 1961, p.46).

O termo “mesmo” funciona como uma conjunção adversativa descolando a força da argumentação para o trecho seguinte, e não para os fatores negativos descritos anteriormente a ele. Portanto, depreende-se que o SD é interpelado pela necessidade de mostrar aos interlocutores que o desejo de deixar o local é superior às adversidades encontradas.

É comum, na narrativa caroliniana, o SD passar da observação e descrição dos fatos para a percepção subjetiva deles, principalmente no que diz respeito aos sentimentos dos filhos:

A Vera estava alegre porque estava usando um vestido novo. [...] A Vera estava alegre, **porque é vaidosa**. Olhava as mesas com suas toalhas nivas e sorria. O João estava alegre **porque o panorama trágico de nossa vida desapareceu. Ele agora sabe** que pode almoçar e jantar todos os dias.” (Jesus, 1961, p.54).

Carolina imortaliza a cena por meio do gesto da escrita. Trazendo as descrições de sua observação testemunhal, ela menciona como estavam seus filhos e como se comportavam. Em “O João estava alegre porque o panorama trágico de nossa vida desapareceu”, ela descreve o estado mental dele, movimento característico de um narrador. Nesse quesito, O SD materno é interpelado pela felicidade do momento, e o uso da conjunção em “porque ela é vaidosa” e de “porque o panorama trágico de nossa vida desapareceu” é o resultado da convivência entre eles e da relação parental. A justificativa dada (“Ele agora sabe”), feita na voz de quem relata, ao invés da fala da criança, demonstra a sua própria percepção do sujeito discursivo, como se ele soubesse o pensamento do filho. Destarte, o trecho indica que o enunciador, em determinado momento, passa a falar no lugar de outrem.

Além disso, o SD atesta sua preferência ao dispensar qualquer relacionamento amoroso:

O senhor Manoel apareceu. Quando eu voltava do depósito de papel, ele vinha acompanhando-me. Deu-me 200 cruzeiros, eu não quis aceitar.
— Você não me quer mais?
— Eu tenho muito serviço. Não posso preocupar com homens. Meu **ideal** é comprar uma casa decente para meus filhos. (Jesus, 2000, p. 167).

Esses discursos ratificam a esperança contida nos diários carolinianos, explanando que o “ideal” é a escrita, e que esse movimento é o caminho para uma nova vida. Portanto, a esperança emana quando os discursos indicam que escrever significa sonho e liberdade para um indivíduo oprimido e, para isso, Carolina recusa o amor romântico como destino feliz da mulher.

Carolina faz questão de evidenciar o modo como consegue alimentos para os filhos, revelando traços de sua virtuosidade e de seu zelo como mãe: “Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A vera, mingau de farinha de trigo. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia.” (Jesus, 2000, p. 19). Essa sequência discursiva contrasta com o imaginário social de que o pobre não pode escolher sua própria refeição, limitando seu

consumo. Nessa fala, o SD deixa claro a intenção de trabalhar a ponto de poder cumprir os desejos das crianças.

A esperança emerge nos discursos que se referem à nova fase de vida: “Eu estava com sono e ia pensando na delícia que ia gozar de poder deitar e dormir sem ruídos.” (Jesus, 1961, p.47). A previsibilidade de como seriam os momentos de descanso, durante o estágio futuro, implica aludir aos acontecimentos anteriores, que marcam as reclamações sobre a vida conturbada na favela. Uma vez conquistado a tão sonhada mudança, o SD descreve as experiências obtidas:

[...] Deitamos e dormimos. Que sono gostoso. A **luz elétrica** iluminando o quarto. O João sorria porque vai poder ler a vontade. Despertei a noite e fiquei pensando na minha vida, que parece uma tragédia. A gente nasce e no decorrer da existência a vida vai ficando atribulada.

Agora eu estou na **sala de visita**. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita. (Jesus, 1961, p.48).

Ao atestar apenas as qualidades positivas do local, inclusive o modo como elas impactam o seu descanso, o SD demonstra seu prazer. A descrição dos itens, tais como “luz elétrica”, tem como objetivo atestar a nova vida, indicando as conquistas e a possibilidade de desfrutar de maior conforto. Ao explanar os motivos pelos quais o filho sorria, o SD legitima o seu dizer de mãe, atestando ter conhecimento de causa. No entanto, ele não deixa de lembrar os acontecimentos passados, os quais são trágicos, reflexão que indica uma crise existencial. Ao se referir ao ambiente almejado como “sala de visitas”, o SD mostra a satisfação de aproveitar o seu desejo. As indagações sobre as incertezas do futuro pressupõem que o passado de sofrimento condicionou essa crise, por isso o SD é receoso. Essas demarcações permitem dizer que a experiência pessoal do sujeito discursivo interfere no discurso do eu-que-narra no presente, sempre buscando, lá nas memórias, os acontecimentos de sua vida. Portanto, de forma heterogênea, a esperança aparece quando o SD afirma que conquistou o objetivo desejado.

Os momentos honrosos, que divergem dos acontecimentos na favela, interpelam o SD, que passa a atestar seu estado novo de ânimo, demonstrando como esses momentos lhe causam alegria:

[...] fui para [a revista] o “Cruzeiro” falar com o repoter. Ele estava escrevendo. As 7 horas dirigimos para a Faculdade de Direito. Encontramos o escritor Paulo Dantas. Quando chegamos na Faculdade, os estudantes estavam nos esperando. Fizeram alas para eu entrar. Fui introduzida no salão de honra. **Que beleza!** (Jesus, 1961, p.55).

Nesse excerto, consideramos relevante ressaltar que, além de descrever, com detalhe, a ida e a recepção, a última frase, nominal (“Que beleza!”), revela qual foi a percepção do eu-que-narra. Essa expressão indica a satisfação que o reconhecimento literário havia proporcionado para o SD: uma visibilidade instantânea, modificando suas agruras do dia a dia na favela. Assim, ser ovacionado, na forma como se descreveu, é motivo de imensa alegria.

No próximo episódio narrado, Carolina recebe a primeira quantia pela publicação de *Quarto de Despejo* (2000[1960]). Durante o trajeto para a livraria, ela reclama por estar com fome, situação muito comum antes da recompensa como escritora. No entanto, o valor recebido mudou o rumo de sua família, culminando no júbilo da filha menor, imediatamente acompanhado pela autora. Para eles, a possibilidade de uma vida inédita e, conseqüentemente, de driblar a pobreza e a fome, seria atribuída ao jornalista que auxiliou Carolina durante a publicação:

— A vida de miséria vai acabar — falei sorrindo.
 [...] — Sabe, mamãe, eu vou dizer uma coisa para a senhora.
 — Que é? — perguntei apreensiva, pensando — será uma coisa grave?
 — Como é bom a gente **comer até encher!**
 A ida foi triste porque estávamos com fome. Mas a volta foi sublime.
 A vera disse:
 — **Viva o Audálio!**
 — Viva! (Jesus, 1961, p. 15).

As reflexões sobre a própria vida levam o SD a sentir gratidão pelas suas conquistas pessoais. A fartura reflete a realização de seus projetos, concretizados por meio da escrita. Portanto, “comer até encher” indica o caminho que o gesto de escrever proporcionou para que se alcançassem esses resultados, confirmando a asserção de Snyder (2009). Assim, prestar uma homenagem ao Audálio (“Viva o Audálio”) projeta o reconhecimento do repórter que ajudou Carolina a obter seu primeiro livro.

Em CA, a necessidade de enumerar cada alimento pode ser entendida como o desejo de justificar o momento triunfal:

Preparei o almoço: arroz, feijão, bife milanês e salada. O João gostou da comida e gritou:
 — Viva a Dona Carolina!
 Sorri. Ele olhou-me por longo tempo e disse-me:
 — Por estes dias temos comida e a senhora não precisa chorar.
 Eles estão alegres porque comerem. (Jesus, 1961, p. 16).

O SD desse trecho opta por divulgar essa transição. A última frase demonstra que a fome era o motivo suficiente para provocar a tristeza dos filhos, mas que isso deixaria de ocorrer. Explicar o motivo da alegria das crianças indica, no discurso, que a alimentação diária esteve longe do alcance deles.

Outro discurso semelhante ao anterior reflete como a alimentação influencia o estágio psíquico do SD: “[...] levantei as 6 horas, preparei café para os filhos, comprei pão, preparei o almoço e dirigimos para a cidade. Estou alegre. Quero organizar a minha vida.” (Jesus, 1961, p.51). Além disso, a mobilidade social, fruto de seu trabalho, permitiu que o poder de compra de Carolina aumentasse. Marcando essa nova fase, o SD transcreve o deleite desses instantes positivos: “Fui no açougue. Escolhi um pedaço de carne. Tinha muito nervo. Graças a Deus estou em condições de escolher a carne que eu quero.” (Jesus, 1961, p. 17). Esse discurso revela o poder do capital econômico: implicitamente, suscita dizer que ser pobre é estar condicionado ao pouco ou direito de escolha limitado.

O reconhecimento de QD deu visibilidade à Carolina: “Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela.” (Jesus, 1961, p. 17). Com a formação discursiva de alguém que milita pelas causas sociais, o SD reivindica seu lugar de fala, atestando que o *status* provocado pela fama permitiu que as falas tivessem impacto. Ao afirmar que “não é mais” mostra a forma como ela era reconhecida pelas outras pessoas, mas que passou a ser reconhecida por ser escritora. O advérbio “agora” se conecta a outros dizeres de Carolina, é um interdiscurso, mostrando a relação entre o prestígio e a invisibilidade, isto é, como sua própria voz, para o SD, parecia-lhe desprezível, pois sua posição social trouxe estereótipos e que por isso esse sujeito, reivindicador, era constantemente ignorado. Esse dêitico também marca a expressão temporal da narrativa, em contraste com momentos anteriores de silenciamento. A segunda oração (“Não sou mais a negra suja da favela”) indica a importância que sua nova condição social estava lhe proporcionando. O discurso indica que, anterior a essa mudança, o SD era conhecido pela etnia e por estar com as roupas com falta de asseio, resultado da rotina de catar papel: “[...] Já ando mesmo trapuda e suja.” (Jesus, 1960, p. 55); “[...] Eu não sou desmazelada. Se ando suja é devido a reviravolta da vida de um favelado.” (Jesus, 1960, p. 38). Com isso, ele deixa marcado que a ascensão social é um dos motivos que fazem as pessoas terem sua voz reconhecida, evidenciando que os menos favorecidos socialmente devem romper uma barreira existente para fazer sua voz valer a pena.

Em uma narrativa cíclica, o SD é interpelado pela necessidade de compartilhar a vida no novo ambiente, apontando, para isso, as suas vivências negativas do passado: “Estou apreciando Osasco por causa da tranquilidade e o ar puro. Dá a impressão que eu sai do inferno e estou no ceu. Os vizinhos olham-me e sorri. As crianças são em numero menor porque não vivem nas ruas.” (Jesus, 1961, p.51). O tom crítico sobre o passado na favela reverbera no discurso caroliniano. Além dos contrapontos céu/inferno, empregando a antítese como figura de linguagem (“Dá a impressão que eu sai do inferno e estou no ceu”), está descrita como se dá a relação entre o SD e os novos vizinhos, na tentativa de querer mostrar que a nova vizinhança é mais agradável que a da favela. Assim, o eu que conta o presente é feliz: o SD colhe o resultado de seus objetivos e exprime a realização de seus desejos.

O êxito e a alegria invadem os momentos que o SD tem com sua família, transpondo-os em um discurso mais brando:

Quando eu seguia pelas ruas o povo reconhecia-me. No banco, fui apresentada para o irmão do Senhor Antonio Soeiro Cabral. Ele contou o dinheiro. Eu tirei 20 mil cruzeiros para gastar. Recebi um talão de cheque emocionada, porque eu não pretendia ganhar tanto dinheiro assim. O João olhava o dinheiro e sorria. A Vera demonstrava alegria e dizia:

— Agora eu tenho dinheiro para comprar sapatos. (Jesus, 1961, p.52).

O sujeito discursivo explana a importância do capital financeiro para sua família e expõe como a atividade de escritor rendeu-lhe reconhecimento e remuneração, essa marcada pelo valor divulgado. A frequente luta para comprar sapatos demonstra como a privação afetou também a menina, como indica o discurso anterior a esse feito: “Segui catando papel. Ganhei 41 cruzeiros. Fiquei pensando na Vera, que ia bradar e chorar, porque ela quando não tem o que calçar fica lamentando que não gosta de ser pobre. Penso: se a miséria revolta até as crianças”. (Jesus, 2000, p. 59). Essa relação passado-presente continua no discurso seguinte:

A Vera diz: — **Agora** nós somos ricos porque temos o que comer até encher a barriga. E dá risada. Vendo-a sorrir eu fico contente e penso em Deus. Ele escreveu outra peça para eu representa-lo no palco da vida. Aquela peça de morar na favela e ouvir aquela canção que o custo de vida compôs:

“Eu estou com fome”. (Jesus, 1961, p.55).

[...] Preparei a refeição matinal. Pão, café com leite e aveia. **Como é bom ter o que comer.** Eu compro verduras, ovos e frutas. A minha pele está renovando, estou engordando. (Jesus, 1961, p. 66).

A palavra “agora” visa a contrastar com o passado de privações, o que se nota pelo seu recorrente emprego. Além de imbricar com o tempo antigo, o emprego desse dêitico mostra a importância do poder de compra. No mesmo discurso, o SD expressa sua gratidão e, metaforicamente, faz referência ao divino. Projetando a imagem de um sujeito que se sente aliviado por sua nova condição social, ele aproveita para lembrar como a queixa dos filhos sobre a fome o incomodava. No segundo recorte acima, o SD aproveita para descrever como se sente diante da possibilidade de poder se alimentar (“Como é bom ter o que comer”).

A esperança está presente nos discursos nos quais o SD tem a capacidade de planejar e de divagar sobre seu futuro promissor, expondo como se sente:

[...] Poder comprar roupas para mim. Tudo em mim está despertando. Estou pensando nuns brincos bonitos, colares e vestidos bonitos e vou visitar um dentista. (Jesus, 1961, p. 23).

[...] Levantei as 2 horas. Fiquei lendo. Pensando na minha vida que está transformando-se. — **Enfim** vou ter uma casinha e um terreno para findar os meus dias. Vou plantar flores, criar galinhas, e assim vou ter um músico para cantar de madrugada: o seu có-có-ro-có. (Jesus, 1961, p. 29).

O termo “**Enfim**” mostra o cansaço ou a expectativa árdua que o SD passou antes que a ação de ter a casa se tornasse possível. Além disso, expor os rendimentos conquistados com o livro é poder atestar como a escrita proporcionou um resultado positivo, e é o desejo de realização, uma missão cumprida: “[240.000,00] Eis o total que recebi do meu livro. A favela deu-me aborrecimentos e um fim maravilhoso.” (Jesus, 1961, p.53). O valor indicado, quantidade na proporção de milhares, que se contrapõe aos valores resultados das vendas de recicláveis, gira em torno das dezenas. Conseqüentemente, por meio do trabalho como escritora, a esperança pode ser compreendida como ter independência financeira.

Na próxima seção, tecemos uma breve comparação entre as duas obras analisadas, na tentativa de observar se há alguma mudança nos discursos presentes nelas, observadas as condições de produção existentes.

4.3 COMPARAÇÃO ENTRE *QUARTO DE DESPEJO* E *CASA DE ALVENARIA*

Esta seção visa a comparar, brevemente, os dois livros analisados. O intuito é constatar se há alguma mudança nos discursos presentes nessas obras, observadas as condições de produção existentes.

Os relatos iniciais de *Casa de Alvenaria* (1961) se assemelham bastante à narrativa de *Quarto de Despejo* (2000), pois Carolina segue compartilhando a rotina como catadora. Conforme a autora ganha reconhecimento pela sua primeira publicação, os eventos sobre o fruto de sua primeira obra ganham espaço, e o seu cotidiano é marcado por uma mudança repentina: idas e vindas a livrarias e a eventos, convites para discursar em diferentes espaços, autógrafos, jantares e viagens. Se em QD Carolina testemunha a pobreza na favela, em CA ela descreve, principalmente, os incômodos sociais fora do Canindé. É importante observar que, mesmo diante de uma certa melhoria de vida, de um período da enunciação para outro, ela continua sensível aos problemas sociais, transpondo para o SD essa sensibilidade.

Em *Casa de Alvenaria* (1961), Carolina reitera seus sentimentos contra a fome e a miséria, discorrendo sobre o custo de vida dos menos favorecidos. Ainda que a autora consiga a tão sonhada ascensão, ela não se distancia da população mais carente. Destarte, sempre que possível, Carolina busca mudanças para os mais vulneráveis, reivindicando, por exemplo, casas de alvenaria para os “favelados”, e seu caráter de heroína permanece evidente. Dessa forma, a segunda obra (CA) dá continuidade às denúncias que estão presentes em QD, mas essas são feitas de modo diferente. No primeiro livro, os relatos indicam como a escritora é subversiva, lutando para ter sua voz ouvida. Por outro lado, em CA, esse lugar de fala passa a ser oportunizado pelos frequentes convites recebidos, é um novo patamar, o qual indica a transição de espaço enunciativo. Logo, entre a primeira e a segunda sequência narrativa, há um status alcançado.

Assim, se aspectos da vida material influenciam o discurso de Carolina, pois fazem parte das condições de produção, observa-se que, de uma obra para outra, seu posicionamento sobre a pobreza não muda. O sujeito discursivo de *Quarto de Despejo* (2000) é alguém que sofre com sua condição social, com sua rotina enfastante, e por isso denuncia a opressão em que vive, o abandono e descaso do poder público, a falta de solidariedade e os atos imorais dos habitantes do Canindé.

Em contrapartida, o sujeito discursivo de *Casa de Alvenaria* é marcado, principalmente, por alguém que se vê afetado pela nova condição de vida: por participar de eventos, viajar, autografar, dar entrevistas, obtendo novas formações discursivas. Além disso, esse SD observa as características de cada região por onde transita, não deixando de ter seu olhar recaído sobre os mais vulneráveis, não deixando de expor, de denunciar aquilo que lhe incomodava na vida das pessoas: a fome e a dificuldade de vida. Nesse segundo livro, há muitas marcações de advérbios de lugar que funcionam como dêiticos, que podem ser entendidos como tentativa de contrastar a vida alcançada com os infortúnios da vida pregressa como catadora. A narrativa é, entretanto, mais sutil, com momentos mais harmônicos do que a primeira publicação.

Portanto, embora a condição socioeconômica do sujeito discursivo mude, de uma obra a outra, seu tom denunciante permanece, sua narrativa continua engajada, sensibilizando-se, sempre, com problemas sociais.

A seguir, procedemos a uma análise mais detalhada sobre o narrar-se de Carolina Maria de Jesus.

4.4 CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA

Pretendemos, nesta seção, proceder a um estudo mais detalhado sobre o narrar-se de Carolina Maria de Jesus. Com base no trabalho composicional da linguagem caroliniana, após a análise discursiva de *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), observamos como o narrar-se está caracterizado. Por isso, é possível dizer como os relatos estão organizados, como o *eu-que-narra*, projetado por meio do sujeito discursivo, dedica-se a efetuar esses registros, criando a heterogeneidade da narrativa.

Realizar análise discursiva de narrativas de vida é poder observar como o sujeito social se inscreve em determinada categoria, engendrando o sujeito do discurso. No caso das narrativas do *eu*, o narrar-se permite notar como os discursos que se relacionam com a própria vida se organizam, como se manifestam os efeitos de sentido, como o sujeito discursivo discorre sobre si e sobre as outras pessoas, como as representações por meio da narrativa de si estão articuladas com a vida social. Dessa forma, o narrar-se pode ser centrado no próprio enunciador, falando de si mesmo, ou direcionado para outras pessoas, o que permite compartilhar detalhes de sua intimidade.

Nesse tipo de narrativa, as experiências subjetivadas, os espaços sociais visitados e a própria trajetória pessoal irão propor o modo como o sujeito discursivo será projetado, implicando sua formação discursiva que é feita quando se pensa em uma enunciação autorreferencial. Assim, como esse tipo de enunciação trata do *eu*, o sujeito discursivo se orienta a discursar por um percurso que vai (con)dizer com aspectos de si mesmo. No entanto, falar de si implica também a (re)conhecer o *Outro* (Brandão, 2004; Pêcheux, 2014; Ricoeur, 2014), pois ele, esse outro, afeta como alguém enxerga a si mesmo, ainda que inconscientemente. Os fatos para os quais se quer dar visibilidade são filtrados, modificados e projetados pelo SD, a fim de alcançarem as intenções pretendidas pelo enunciador.

Além disso, sendo o sujeito enunciador o participante central da narrativa caroliniana, existe a possibilidade de “derivar gradualmente uma representação mais geral e abstrata de mim mesmo, uma ‘identidade’”. (Van Dijk, 2012, p. 105). Assim, essa identidade, para a Análise de Discurso, é delineada por meio dos discursos, assumida por meio do sujeito discursivo, o qual é interpelado para ser constituído sujeito (Pêcheux, 2014). Levando em consideração o que afirma Lejeune (2008) sobre o pacto biográfico, isto é, do “eu” que conta coincidir com o autor,

buscamos realizar a análise discursiva dos livros-diários de Carolina Maria de Jesus, procurando identificar possíveis formações discursivas que se filiam a essas duas concepções, subalternidade e esperança, constatando as posições-sujeito e os sujeitos discursivos associados a essas FDs. Além disso, com base na análise da linguagem composicional dessas obras, investigamos como o narrar-se está estruturado, circunscrito dentro da temática da subalternidade e da esperança presentes tanto em *Quarto de Despejo* (2000) quanto em *Casa de Alvenaria* (1961). Essas formações discursivas são caracterizadas pelo movimento de interpelação, como já mencionado nesta pesquisa. Assim, a subalternidade e a esperança estão imbricadas com a posição sustentada pelos sujeitos discursivos presentes nesses dois livros, embora a FD da subalternidade predomine em *Quarto de Despejo* (2000) e a FD da esperança prevaleça em *Casa de Alvenaria* (1961). Portanto, os efeitos de sentido acerca das reflexões sobre a subalternidade e sobre a esperança aparecem nessas duas narrativas, mas não possuem a mesma nuance.

O sujeito-autor-narrador de obras permite que o leitor acesse o conteúdo de sua vida. Por mais que os acontecimentos se passem em um tempo bem próximo à enunciação, os enunciados não deixam de recorrer a memórias mais remotas, (re)fazendo a constituição de um eu-antigo que agora é (re)construído por meio da narrativa. Em busca de um novo eu, que se aventura por meio da linguagem, o sujeito discursivo se inscreve em distintas FDs, mas sempre “subordinado” a uma FD maior, que é a do *eu-narrante*.

Na narrativa caroliniana, as FDs são múltiplas. Quando o sujeito discursivo se inscreve na FD de um *eu-que-narra*, ele passa a discorrer sobre os acontecimentos que envolvem, principalmente, a sua própria vida. Assumindo o papel de um sujeito-narrador-testemunha, ele se envereda por atestar a realidade do que ocorria na favela do Canindé e na sociedade de seu tempo. Problematizando o modo como o narrador conduz a enunciação, Van Dijk (2012, p. 104) ressalta que há uma (pré)seleção dos fatos a serem ditos:

[...] encarando os mesmos objetivos comunicativos e as mesmas condições comunicativas, as pessoas ativam os mesmos contextos de rotina, que lhes permitem dar atenção àquilo que é único, importante e relevante no momento, como conteúdos únicos, uma história interessante, um pedido específico ou aquilo que é problemático ou perturbador no evento comunicativo: mal-entendidos, conflitos de interesses e objetivos, e assim por diante.

Dessa forma, escolhe-se o que contar, ou seja, o conteúdo narrado não é aleatório. Ao dizer sobre sua própria vida, o locutor elege mentalmente os acontecimentos que deseja expor, centrando sua narrativa em episódios singulares e mobilizando algum desses fatores para efetuar os seus registros.

Um dos pontos de ancoragem do narrar-se caroliniano está construído diante da tentativa de o SD representar o que viveu, o que viu, o que sentiu. A narrativa se estrutura a partir das próprias observações do enunciatador, de seu ponto de vista. Assim, o narrar-se é um espaço reservado para atestar a sua luta diária. É um instrumento de denúncia, que revela atitudes reprováveis e que por isso merecem ser incluídas nos diários, e de condutas positivas, que devem ser elogiadas:

Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria. (Jesus, 2000, p. 54).
[...] Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (Jesus, 2000, p.17).

Sendo um tom de denúncia, a formação discursiva na qual o SD caroliniano se inscreve não permite que se aborde a favela como um lugar acolhedor. Pelo contrário, sua FD visa a atestar os percalços e a expor o ambiente insalubre. Por meio da narrativa, os relatos de Carolina são um modo de trazer a público a estrutura espacial e social da favela, apresentando ao restante da população o modo de vida subalterno dos moradores do Canindé. Assim, os diários apresentam-se como uma espécie de denúncia e serve ao mesmo tempo como depoimento das condições precárias e dos atos indevidos praticados pelos moradores da favela. Ao falar sobre esse local, o SD assume a sua posição antagonista. Por meio das descrições presentes nos diários, o SD projeta discursos que divulgam ao leitor os “absurdos” que acontecem na favela. Esses fatos são oriundos do ambiente físico, do descaso público e das atitudes negativas de seus vizinhos. Por meio de estratégias discursivas, nomes de indivíduos e eventos são citados, construindo uma voz testemunhal do que se passa no “quarto de despejo”, tentando convencer o leitor de que a vida nesse ambiente é um caos.

Assim, centrados na narrativa do eu, os diários buscam evidenciar como é a vida a partir da perspectiva interna de um lugar que não condiz para morar. O narrar-se é mostrar como é lidar com a escassez e com o imprevisto. Pelo fato de o ambiente da favela ser caracterizado por pessoas desprovidas de recursos, os habitantes frequentemente têm que realizar improvisos:

latas viram baldes para carregar água oriunda de uma única torneira coletiva, não existe saneamento básico no local, as mesmas latas se tornam “vasilhas”, barracões viram “casas”. Esses elementos visam dar credibilidade aos fatos narrados, pois, ao expor esses dados reais, o SD compartilha sua realidade e descreve a vida dos residentes da favela. Portanto, o sujeito discursivo transpõe para o contexto narrativo as aflições que circundavam a vida pessoal de Carolina, expondo fatos íntimos, com o intuito provável de despertar o interesse público para os problemas enfrentados. As denúncias inequívocas partem diretamente da realidade e da subjetividade: foi preciso experienciar para descrever as desigualdades sociais e para denunciar o descaso, a fome e a miséria. O pessimismo insistente deveu-se, sobretudo, ao modo de vida exaustivo e sem muita perspectiva, caracterizado pelo trabalho braçal, pelo pouco descanso e pelas privações. Destarte, no narrar-se, é testemunhado como é estar à margem da sociedade, sendo cerceado de participar de produções culturais em decorrência de sua condição subalterna. Isso demonstra que a subalternidade está ligada ao poder: “O poder está relacionado à representação: quais representações possuem autoridade cognitiva ou podem assegurar hegemonia, quais não possuem autoridade ou não são hegemônicas.”¹² (Beverley, 1999, p. 1), indicando como o discurso se conecta com o social, ou seja, com sua exterioridade.

Na narrativa caroliniana, o *eu-que-narra* transcreve os fatos com o objetivo de um saber comover, de um saber criticar e de um saber mostrar. Um dos pontos de ancoragem de Carolina é tornar a narrativa mais convincente, apresentando as facetas da “realidade” da vida da favela, desconhecida por muitos de seus contemporâneos. Divulgar como se vive, destarte, é um gesto de resistência e de denúncia, mas também de resiliência e de esperança. Por outro lado, o *eu-que-narra* exalta a si mesmo: ele mostra a sua virtude, seu caráter, seus apontamentos, sua empatia, sua preocupação consigo e com os outros. Em trechos como: “Cato papel. Estou provando como vivo!” (Jesus, 2000, p. 17); “Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los.” (Jesus, 2000, p. 14), esse SD divaga sobre os momentos bons que consegue obter, sobre como seria a vida fora da favela, sobre seus planos e seus objetivos.

Na narrativa caroliniana, o SD tenta, retoricamente, convencer o leitor de que a favela é um lugar hostil e de que a pobreza possui culpados. Com a exposição de fatos e dados, o SD

¹² Tradução de: “Power is related to representation: which representations have cognitive authority or can secure hegemony, which do not have authority or are not hegemonic.” (Beverley, 1999, p. 1)

apresenta as fragilidades da subalternidade, cuja intencionalidade é provocar comoção no outro. Esses procedimentos discursivos visam dar credibilidade à sua fala. Segundo Grácio (2010, p. 33):

A ideia de que argumentamos porque somos *instados* a argumentar é importante porque permite ligar a argumentação a situações específicas, caracterizadas por nelas nos acharmos envolvidos e se afigurar estarem em causa, ou sob ameaça, a nossa própria identidade (*ethos*) e a virtude da nossa existência (*areté*). É neste sentido que tais situações suscitam o interesse em intervir, fazendo achar que o assunto é *sério* e que sobre ele temos uma palavra a dizer.

Corroborando o que esse teórico afirma, Carolina argumenta porque teria muito a contar sobre a favela. Além disso, falar sobre si mesma é a manifestação do eu, que se projeta nos sujeitos discursivos.

O narrar-se também está consolidado na crítica social, a qual recai sobre a falta de solidariedade dos vizinhos, sobre o abandono do poder público, sobre a falta de visibilidade dos mais vulneráveis – do pobre, do negro, da mulher, e sobre as limitações que as classes mais populares têm para acessar a educação e a cultura; o narrar-se constitui-se, portanto, como denúncia sobre o descaso do poder público e as mazelas da população. O *eu-que-narra*, ainda que não autorizado, possui legitimidade para falar porque é um eu-que-presencia os acontecimentos, ou seja, é uma testemunha. Dessa forma, são expostos os fatos e denunciados os acontecimentos que possuem postura inadequada. O *eu-que-conta* narra a sua trajetória de vida, revelando como é a árdua vivência em um ambiente considerado perturbador, vivendo em meio à indiferença. Assim, a narrativa de Carolina pode ser caracterizada pela denúncia, principalmente a realizada em três esferas: comportamental, estrutural e político-social. A primeira porque ela desaprova o comportamento dos habitantes do Canindé. A segunda porque mostra os problemas da infraestrutura urbana. A terceira porque ela reitera o descaso e o abandono do poder público em relação aos menos favorecidos socialmente, reprovando o *modus operandi* do mercantilismo e expõe o preconceito de classe social, de gênero e de raça, mostrando as desigualdades existentes. Dessa maneira, o narrar-se é o limite entre o espaço público e o privado: na narrativa, a intimidade do enunciador é exposta, são atestadas as qualidades positivas e negativas de si mesmo, evidenciando como é a sua rotina. O leitor é provocado a saber como se vive na Canindé, em condições deploráveis e como é necessário ter o lixo como aliado pela sobrevivência.

A narrativa de Carolina Maria de Jesus permite observar como a riqueza e a pobreza, marcadores da desigualdade social, coexistem em um mesmo ambiente. A descrição da parte urbanizada da capital de São Paulo diverge das características da ocupação no Canindé. Essas distinções mostram que é possível avaliar o abismo social situado em uma mesma cidade. Por meio de figuras de linguagem, ressalta-se que uma parte é lugar para os desprezados, enquanto outra é um espaço para os convidados: como a própria Carolina afirma ao longo de seus dois primeiros livros-diários, um é a sala de visitas, já o outro é o quarto de despejo (Jesus, 2000 [1960]), (Jesus, 1961).

No entanto, na narrativa caroliniana, não são apenas os fatos rotineiros que compõem essas duas obras, mas também os acontecimentos evocados pela memória. A trama não se limita à mera sucessão de fatos, mas é fragmentada: ela está composta por um eu-agora e um eu-passado, sendo esses *eus* fruto de projeções, todos eles representados por meio da linguagem. Junto à narrativa, misturam-se os sentimentos e as emoções do *eu-que-narra*, evocando imagens do passado, alternando o fluxo da narrativa por meio de *flashbacks*, pensamentos, reflexões, críticas e sensações, por exemplo. Como essas características dependem do estado emocional desse *eu-que-conta*, assumindo diferentes identidades e manifestando-se na forma de diferentes sujeitos discursivos, a obra é marcada por contrastes: a crença e a descrença, a aceitação ou não de andar suja, o contentamento e o descontentamento de catar papel, o sonho de ascensão social e o desejo de desistir.

Durante a transcrição dos eventos cotidianos, a narrativa perpassa a mera observação e descrição dos fatos, mas se liga à subjetividade do SD, que começa a refletir sobre o percurso da humanidade:

Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer:

— Muito bem, Carolina. Os generos alimentícios **deve ser ao alcance de todos**. (Jesus, 2000, p. 34).

O retrocesso presente no trecho seria justificado pela condição de sofrer com a fome. Esse mesmo discurso revela que poderia provocar estranhamento para quem não passou por processos semelhantes. Há um antagonismo presente no discurso e o locutor reflete metalinguisticamente sobre o efeito de sentido dessa enunciação. Na parte “deve ser ao alcance de todos”, o primeiro verbo (“deve”) é um modalizador que assinala uma obrigação, e o SD

reivindica o acesso a alimentos para todas as classes sociais, uma vez que se trata de bens indispensáveis à sobrevivência.

Parte da instabilidade da narrativa caroliniana se dá pelas posições ocupadas pelo sujeito do discurso e pelas formações discursivas existentes. Dessa forma, o *eu* presente na narrativa molda diferentes projeções ao longo de QD e de CA. Essa versatilidade da narrativa pode ser comprovada nos trechos seguintes:

[...] Tem hora que revolto com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conformo. (Jesus, 2000, p. 22).

[20 de julho de 1955] O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (Jesus, 2000, p. 19).

[...] [20 de julho de 1955] Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando. (Jesus, 2000, p. 26).

Carolina não somente expõe os fatos, mas também intervém na narrativa, mostrando suas emoções e a dimensão psicológica do dia retratado. Dessa forma, a narrativa varia do conformismo à subversão, como descrito no primeiro excerto. No segundo, reflete-se a posição de um sujeito que aceita a sua condição de andar suja, indicando o tempo de seu trabalho e que isso não é incômodo. No terceiro, o sujeito discursivo se contradiz, indicando que seria necessário fingir para suportar o ofício. Assim, há um movimento de identificação no segundo excerto, e uma desidentificação no terceiro. Isso corrobora o conceito de Pêcheux (2014) de que o sujeito discursivo não é fixo, e suas identidades são mutáveis.

Outros pontos que marcam a flexibilidade da narrativa são os momentos em que o SD se aproxima e se distancia dos “favelados”. O distanciamento mostra que os motivos revelados pelo SD referem-se aos atos que seus vizinhos cometem; já a aproximação mostra seu lado humanizado, compartilhando a dor deles. Assim, a divergência está presente na narrativa: se, de um lado, o SD caroliniano possui empatia; de outro, ele se mostra egoísta:

As mulheres surgiram dizendo que queriam um pedaço. O Chiclé queria as tripas.

Eu não vou vender nem dar. Eu engordei este porco para os meus filhos.

Eles protestavam. Surgiu a Maria mãe da Analia, pediu se eu podia vender um pedaço de toucinho.

— Não vou vender. Quando você engordou e matou o teu porco, eu não fui aborrecer-te. (Jesus, 2000, p. 144).

[...] Antes de sair recordei que devia dar comida para a cachorrinha. Olhei ela, que estava deitada. Dei-lhe um pedaço de carne e tentei despertá-la. Ela estava morta. Morreu de tanto comer carne. (Jesus, 2000, p. 146).

Nas cenas descritas, a narradora se recusa a dividir a carne do animal com seus vizinhos, mas alimenta a cachorrinha, que morreu devido à refeição em excesso. O sujeito discursivo, dessa forma, mantém o distanciamento com as outras pessoas, assumindo a posição de desprezo. Portanto, esses discursos mostram como a narrativa é conflituosa.

Uma característica marcante da narrativa, quando se compara a situação socioeconômica do enunciador das duas obras em análise, é a permanência da empatia pelos mais vulneráveis. Embora CA marque os diferentes lugares por onde Carolina transite, mostrando a fama e a ascensão social, o discurso da escritora enfatiza seu olhar sensível pelos outros. Dessa forma, os fatos que remontam à memória irão demarcar o incômodo do SD com relação à fome e à pobreza, por exemplo.

Como parte da análise mostrou, o exagero de conotação e o emprego de linguagem literária que acompanham os relatos visam a conduzir o leitor por uma linha de pensamento, aumentando o grau de pessimismo sobre o cotidiano, tais como apresentados nos trechos já citados: “existência infausta dos marginais” (Jesus, 2000, p. 35-6); “para desafogar as miserias que enlaçava-me igual cipó quando enlaça nas árvores, unindo todas”. (Jesus, 1961, p. 29); “Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. (Jesus, 2000, p. 37); “negra é a existência dos favelados.” (Jesus, 1961, p. 20). Essa forma de expressão acentua as características negativas das pessoas, dos lugares e dos relatos em si. Portanto, o narrar-se de Carolina ancora-se em situações degradantes, em fatos que ela considera inapropriados, merecendo ser registrados em seus cadernos-diários e no sonho de uma nova vida. Ao seu modo, o SD caroliniano constrói uma narrativa marcada pela denúncia, pela resiliência, pela exposição de sua vida pessoal, pelo enfrentamento e pela esperança. O uso exacerbado de adjetivos traduz os recorrentes juízos de valor do *eu-que-narra*. O emprego de qualificativos caracteriza o ambiente e as personagens: positiva ou negativamente, recurso utilizado para ressaltar a dramaticidade da narrativa. Observamos que predominam os adjetivos negativos, a fim de denunciar as situações vividas. Além disso, a progressão textual desses diários de Carolina é cíclica, o que demonstra maior liberdade em relatar os eventos, marcando a espontaneidade da escrita.

Essa narrativa, multifacetada, configura-se como um relato de experiência, que atesta as condições precárias da vida de um indivíduo subalterno, o qual reivindica seu próprio lugar de fala, que atesta as agruras de sua vida cotidiana; é a enunciação de alguém que mostra seus sonhos e seus anseios, mas que também denuncia as ações com as quais não compactua. Dessa forma, essas descrições traduzem, de modo testemunhal, problemas da sociedade brasileira no período narrado, tais como a má distribuição de renda, a ocupação urbana irregular e a falta de saneamento básico.

Por não aceitar sua condição social, o sujeito discursivo é interpelado por uma voz subversiva, transformando-se em um sujeito subversivo, polêmico. Esse mesmo sujeito opõe-se a qualquer forma de opressão, demonstrando a sua resistência e, com isso, marcando a sua posição de sujeito no mundo. A consciência de classe desse enunciator, juntamente com a consciência social, é responsável por dar o tom engajado à narrativa, reivindicando a necessidade de mudança e de melhorias, tanto para si quanto para os demais. Por diversas vezes, o SD, emanado na narrativa caroliniana, contrapõe-se a sua posição social, evidenciando o estatuto do subalterno: para ele, morar em um local precário é sinônimo de baixo prestígio social, de estar à margem da sociedade, significando, portanto, sinônimo de subalternidade. Com as recorrentes críticas que faz às instituições, Carolina, por meio do SD, reivindica o seu lugar de fala.

Na narrativa caroliniana, o sujeito discursivo é interpelado pelo desejo de justiça social, ele reconhece sua classe, por isso marca o tom denunciante da obra. Nesse sentido, as denúncias recaem não somente por meio daquilo que é vivido, mas também do que é visto, ou seja, presenciado com outros e atribui algum incômodo ao enunciator. O sujeito do discurso mostra, por meio da narrativa, que escrever é um gesto de luta. Assim, constata-se que o narrar-se é um ponto de tensão, é um protesto contra a opressão e a injustiça. -Em algumas partes da narrativa, por exemplo, Carolina menciona o nome dos agentes públicos. Isso demonstra que o SD quer denunciar e não receia possíveis retaliações. Essas análises permitiram observar que os discursos de Carolina se revelam por discursos polêmicos. A narrativa de Carolina é uma (auto)análise de sua própria condição de vida. É um modo de expressar sua indignação contra o sistema político. Em *Quarto de Despejo* (2000), existem 24 páginas que criticam a política, sendo sete delas consecutivas. Em *Casa de Alvenaria* (1961), essas queixas permanecem. Por meio dos relatos, Carolina tenta convencer, discursivamente, o leitor de que seus discursos são verdadeiros, e essa verdade seria comprovada pela narrativa testemunhal e pelo emprego de nome de pessoas reais.

Percebemos também que os trechos em que Carolina demonstra como enfrenta as adversidades, catando papel para sobreviver e lutando, muitas vezes, sozinha, possuem tom resiliente. A imagem projetada por meio desses discursos evidencia uma pessoa corajosa, que possui opiniões próprias e que está ciente de suas decisões. A situação enfastante – de não ter horário fixo para catar papel, de ter de acordar por volta das sete horas da manhã, de retornar por volta da meia-noite, de deixar os filhos sozinhos durante a coleta de recicláveis – reitera a ausência de solidariedade entre os indivíduos do local.

Na narrativa, o sujeito discursivo critica a omissão do poder público, evidenciada pelo posicionamento de um dos relatados, que é conivente com o que se passa nas favelas:

Pensei: se ele [o tenente] sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Jânio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. **Não posso** resolver nem as minhas dificuldades. (Jesus, 2000, p. 26).¹⁴

Assim, expressa-se que as próprias autoridades conheciam a realidade do local, mas que o sistema político não interferia para solucionar os problemas sociais existentes nesses ambientes. Ao dizer que é uma “pobre lixeira”, assume-se a posição subalterna, ressaltando que seu estado não permite efetuar as mudanças necessárias; é um gesto autorreferencial, no qual o SD expõe seu drama interno, mostrando sua fragilidade, indicada por “não posso”. Ao demarcar os nomes das pessoas que teriam o poder de apresentar soluções, o sujeito discursivo milita contra diferentes hierarquias, na tentativa de que suas palavras ganhem força.

O SD caroliniano defende a aprendizagem empírica ao afirmar que “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.” (Jesus, 2000, p. 26). Para ele, as experiências negativas da fome tornariam as pessoas mais sensíveis, mais solidárias umas com as outras, porque aqueles que experienciaram a insegurança alimentar poderiam trazer lembranças de si, exercitando a empatia. Além disso, percebe-se a modalização nesse discurso. A locução verbal “precisa ser” pode ser compreendida como uma obrigação. Essa modalização assume a posição de um discurso mais autoritário, limitando as possibilidades de o leitor discordar dele.

¹⁴ No período relatado, 10 de maio de 1955, Jânio Quadros era o prefeito de São Paulo, Ademar de Barros o governador do estado de São Paulo e Juscelino Kubitschek o presidente da república, este empossado em fevereiro do mesmo ano.

Percebemos, assim, que o narrar-se é multifacetado: há uma multiplicidade de vozes que (res)soam e que emanam de uma única narradora, pois variam de acordo com seu estado psicológico, com sua intencionalidade. Constitui, destarte, múltiplas identidades no fio do discurso, o que resulta em diferentes posições discursivas. Por isso, a formação discursiva subalterna permite atestar os dramas da subalternidade, a FD de residente frustrada não permite que o SD fale bem da favela, enquanto a FD de uma mãe vai condizer com aspectos da maternidade, por exemplo. Desse modo, o narrar-se não é apenas registrar o cotidiano, testemunhando o que foi visto, mas é voltar ao passado, é indagar, é permitir que os fatos demarcados possam se misturar aos desejos, aspirações e frustrações de uma mãe, de uma mulher resiliente, culminado em uma narrativa introspectiva. A escrita é autocentrada nas reflexões de Carolina, em suas experiências e seus questionamentos, permitindo mergulhar na interioridade caroliniana por meio de seus registros. Os relatos dos discursos e(m) sua presença de palco fizeram Carolina enquadrar sua FD na perspectiva de lutar pelos outros, sempre a partir do subalterno que angariou a fala.

Na narrativa, o discurso de Carolina Maria de Jesus ocupa um lugar antagônico. Sua luta consiste em se opor a um sistema opressor. Seu desejo de constituir-se escritora literária, abandonando a pobreza, marca sua resistência à subalternidade, mostrando sua trajetória e seu papel social. Os discursos carolinianos são atravessados por múltiplas vozes, algumas delas dissidentes, resilientes, naquilo que, em sua completude, engendram um sujeito heterogêneo, descentrado, característico do sujeito pecheutiano (Pêcheux, 2014). Esse discurso revela um percurso dual: é a legitimação do narrar-se, ao passo em que evidencia construções imaginárias acerca da catadora aspirante à escritora. Nesse sentido, narrar-se é compor uma narrativa voltada em si mesmo, baseada no cotidiano de seu enunciador, registrando os acontecimentos presenciados, os reportados e as sensações vividas. Mas também é a idealização de um sonho, é fantasiar-se por meio de palavras, é perpetuar-se por meio da linguagem, é questionar, é divagar, é refletir, é a construção de diversas identificações que podem ser observadas por meio dos discursos. Trata-se da projeção imaginária que surge no e por meio do discurso, de uma mulher lutadora, de uma mãe, de um ser resiliente: “suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma representação de si” (Amossy, 2019, p.9).

Nesses diários, coexistem a simplicidade de uma mulher que frequentou a escola por pouco menos de dois anos, mas de um vocabulário ímpar, preciso; de uma pessoa que convive com os infortúnios da vida, mas que sonha com um futuro, em dar melhores condições para os filhos, de ser capaz de mudar a sua trajetória social. É o espaço onde convivem as lutas enfrentadas diariamente, em deixar o lar para catar papel, na tentativa de sobreviver, é o limiar entre a vida pública e a privada (Arfuch, 2013). Outra característica marcante da narrativa caroliniana é seu lirismo e sua expressividade poética. A narrativa é ambivalente pela forma e pelo conteúdo: ora se aproxima da oralidade, com frases curtas, que se emendam como se fossem uma fala; ora é notavelmente articulada, com uso de conjunções, de períodos compostos e linguagem erudita, com utilização de palavras requintadas e com diversidade de itens lexicais. Ao optar pelo emprego de termos e expressões eruditos, tais como “ablui, soezes, tépido, infausto”, o *eu-que-narra* deixa marcas de sua performance. Isso pode ser interpretado como o resultado de seu profundo gosto e de sua convivência com a leitura. Como efeito de sentido, esse ato pode ser compreendido como tentativa de driblar os infortúnios por meio da riqueza linguística. A criação de um cenário com linguagem culta e lírica, com o uso de palavras com alto valor semântico positivo, indica o desejo de consolidar-se como escritora, além de contrastar com as palavras de carga negativa utilizadas nas denúncias.

Além disso, o uso dessa linguagem intencionalmente trabalhada sugere a importância da leitura e da escrita, atividades constantemente realizadas por Carolina, como modo paliativo contra a fome, a miséria e os dissabores, tornando uma atividade circunscrita à própria existência. Historicamente, como o uso dessa erudição está ligado a grupos socialmente privilegiados, a linguagem rebuscada, nesse caso, permite que Carolina se distancie do grupo social no qual está inserida, revelando que a linguagem é um subterfúgio para transcender a condição social subalterna.

A narrativa se constrói na representação que o SD caroliniano possui de si mesmo e sobre as metáforas do lixo e da favela, ou seja, as metáforas da subalternidade. Assim, o narrar-se é uma autoafirmação pela cor negra e é lutar contra o preconceito e a discriminação. A escrita de Carolina Maria de Jesus também é marcada pelo compromisso com questões sociais e ainda mostra a insatisfação do SD diante da não realização de seu projeto de vida em QD e da aventura da nova vivência, na segunda parte de CA. É uma narrativa que remonta a história e a própria trajetória do *eu-que-narra*, desmembrando suas conquistas e seus fracassos, suas objeções e seu favoritismo, seus gostos e seus descontentamentos.

Como sujeito é descentrado (Pêcheux, 2014), segundo Hall (2004), existem múltiplas identidades, que são reveladas de acordo com os sujeitos discursivos: a mão protetora, a revoltada, a cansada, a sonhadora etc. Assim, a narrativa é um drama social e psicológico, a qual mostra a real situação dos favelados, subentendidos de forma verossímil, que expõe os fatos e os nomes das personagens reais, mas também o estado de humor do SD, constantemente afetado por sua condição de vida e pelos hábitos praticados por seus vizinhos. Por outro lado, o narrar-se também se ancora na interlocução com o leitor. A narrativa de Carolina é cíclica e enfatiza, muitas vezes, a descrição para expor os fatos. Outra característica desse tipo de construção discursiva é o efeito metalinguístico ao se referir ao próprio texto e o modo como estabelece diálogo com o interlocutor (“Quem não conhece a fome há de dizer: ‘Quem escreve isto é louco’”. Mas quem passa fome há de dizer: — Muito bem, Carolina. Os generos alimentícios deve ser ao alcance de todos.”); “Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira!” (Jesus, 2000, p. 41).

Assim, o SD caroliniano, por meio do processo de fragmentação, é descentralizado, afetado pela ideologia, materializado pelo/no discurso, assumindo múltiplas identidades do *eu-que-narra*. Esse é um *eu* reflexivo e muito subjetivo, fantasioso, que busca inspirações para (sobre)viver, que tem preferência pela leitura e pela escrita. Ele é um denunciante por não aceitar a sua própria condição de vida e nem a dos mais vulneráveis, mas é esperançoso porque requer mudanças para si e para os outros. Os discursos mostram a dinâmica de como é viver na favela e como se dão as relações sociais nesse ambiente. O *eu-que-narra* mostra, portanto, como é esse espaço urbano, como é o seu relacionamento interpessoal e o relacionamento entre outros indivíduos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise discursiva de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2000) e *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), foi possível observar como os discursos de Carolina Maria de Jesus presentes nessas duas obras “criam” diferentes efeitos de sentido. Dessa forma, comprovou-se que o significado das palavras e das expressões não se limita à noção semântica prévia que cada um desses itens possui, nem mesmo em seu valor metafórico, mas passam a valer de acordo com as posições assumidas no/pelo discurso, que variam de acordo com as FDs assumidas.

Examinar uma narrativa de vida sob o prisma analítico-discursivo materialista permitiu notar como os efeitos de sentido estão ligados a filiações discursivas, que se materializam na língua e essa nos discursos. Dessa forma, os discursos carolinianos engendram diferentes sujeitos discursivos, carregando múltiplas vozes. O recorte feito ainda permitiu concluir que, na narrativa, existem efeitos que podem ser considerados como “esperança” e outros como “subalternidade”.

Calcados nas narrativas de si, os discursos presentes nesses livros revelam que a angústia existencial de Carolina Maria de Jesus se dá pela dificuldade em garantir o suficiente para sua própria subsistência e de seus três filhos. Em vários pontos das obras, a análise permitiu observar que o sujeito discursivo fala através de sua própria vivência. A narrativa evidencia a materialização de um sujeito discursivo crítico, não indiferente aos fatos que presencia. Atestar a relação entre o lixo e a pobreza é indicar a sua discordância com esse modo subalterno de vida, argumentando que seu testemunho, seu conhecimento de causa e seu legado de experiência levam à inadmissibilidade de ter o lixo como recurso de sobrevivência. Nesse tipo de narrativa, autorrefencial, o enunciador pode focar em si mesmo, quando descreve o seu estado emocional, as suas aspirações e os seus desejos. No entanto, ainda existe a possibilidade de focar nos fatos observados ou no outro. A projeção narrativa é intimista, compartilhada com o desejo que o sujeito discursivo tem de mostrar a si mesmo, gesto discursivo feito para comover o outro ou se exaltar, para denunciar, para questionar ou para refletir, por exemplo.

Com a escrita desses diários, pode-se dizer que há a intenção de sensibilizar os leitores a conhecerem não só o drama existencial de morar na favela, mas também o cotidiano de uma

mãe, catadora de papel, que luta com dificuldade para criar os filhos. É por meio dos relatos que o sujeito discursivo expõe suas experiências, suas sensações e suas emoções; é por meio deles que a imagem de si é criada, configurando a representação de sua autonarrativa. Nesse sentido, a narrativa possui tom provocativo: expor que se alimenta do lixo é atestar sua fraqueza, mas é, ao mesmo tempo e sobretudo, realizar uma crítica social e uma denúncia. Além disso, a relação do sujeito discursivo com o lixo pode ser compreendida em seu sentido literal e metafórico: o primeiro porque ele recorre aos descartes sempre que necessário; o segundo porque a palavra lixo carrega consigo a característica de algo que é o fruto de rejeição, sendo, portanto, desprezível. Por outro lado, mostrar a força de seu trabalho é sua virtude, revelando seu enfrentamento e sua resiliência.

O sujeito discursivo caroliniano porta a voz de uma mãe que se percebe constantemente sozinha, que possui consciência de sua classe, que reconhece o seu estatuto de subalterna e que ora aceita ora se revolta com seu próprio ser, que não admite ser discriminada pela sua cor ou por sua classe social, que sente orgulho do que faz e do que é. Essas características, relacionadas aos elementos de sua própria biografia, legitimam seu dizer. O SD caroliniano é uma voz que discorre sobre o estado dos subalternos, que reconhece o seu lugar de estar à margem, mas não aceita o descaso com que é tratada a população de classe social mais vulnerável e, por isso, muitas vezes reivindica seu lugar de fala. Ao se inscrever na formação discursiva desse sujeito reflexivo, Carolina mobiliza elementos discursivos para criar uma narrativa engajada, trazendo à tona elementos testemunhais, expondo como é o *modus operandi* de um morador da favela em seu tempo, além de criticar as instituições e o sistema político, pois esses seriam os responsáveis pela perpetuação da pobreza. Os relatos de Carolina são um discurso de denúncia, de resistência e mostram sua luta contra a supremacia para se consolidar como escritora.

Este estudo possibilitou observar que os temas abordados são, principalmente, a pobreza, a fome, a resistência de viver na favela, a rotina como catadora de papel, convivendo com diversos infortúnios, o valor sentimental dado aos livros, o desejo de tornar-se escritora, a exaltação dos personagens com atos benéficos e denúncias das calamidades sofridas, do abandono pelo setor público e da má conduta de seus vizinhos e o sonho com a mudança de vida. Nos recortes feitos, a ideologia de um sujeito que reside na favela e que convive com os infortúnios do local é materializada na linguagem, assumindo diferentes posições: a de mãe, a de denunciante, a de mulher, a do negro, entre outras. Ao projetar a sua narrativa, o SD caroliniano é interpelado a falar sobre si, a denunciar, a atestar suas qualidades e seu quadro de

vida. A aversão à favela aparece como uma visão de mundo, na tentativa de convencer que o lugar deveria ser extinto.

Além disso, a narrativa caroliniana ganha contornos de esperança devido a projeções peculiares que emanam de seus discursos. Se catar papel indica lutar contra a fome, garantindo a subsistência do sujeito discursivo, poder ler, escrever, contemplar a natureza e discorrer positivamente sobre a própria vida indica a esperança de se viver. Sonhar com o reconhecimento de suas produções culturais, por meio da inserção no mercado literário, é um incentivo para continuar buscando a mudança de vida. Percorrer o caminho da literatura permite notar as marcas de sua trajetória como leitora e o esforço de consolidar-se como escritora. Esses fatos acentuam as diferenças existentes nos diários de Carolina, pois a narrativa varia da denúncia à contemplação da natureza, do sonho ao descaso, da perplexidade à exaltação de atitudes positivas.

Nessa perspectiva, os diários de Carolina Maria de Jesus seriam um lugar de fuga, em que a esperança e o lirismo se encontram. Se, em algumas partes, as palavras são usadas de forma combativa, em outras a enunciação apresenta uma narrativa lírica, poética, na qual o sujeito discursivo se pronuncia sobre seus desejos, seus anseios, seus sonhos, projetando outras imagens do enunciador. Assim, esse ele utiliza as palavras, a leitura e a escrita para fingir, para escapar de sua realidade. O SD atesta que o futuro lhe traz esperança, mas seu discurso sempre aponta para o passado, procurando demonstrar sua aversão à favela. Com os recortes dos discursos que compõem esta pesquisa, comprovou-se que o narrar-se caroliniano também é composto pelo tom de esperança que emana de sua enunciação.

Ligados à sua exterioridade, os fatos registrados nos livros-diários demonstram e atestam como é viver na favela, mobilizando estratégias discursivas testemunhais. Por meio dos relatos de Carolina, tem-se o acesso à estrutura urbano-social da favela do Canindé e esclarece-se como funciona a dinâmica das relações sociais nesse local, um acesso dado a partir da visão interna do narrador caroliniano, engendrado por meio de diferentes sujeitos discursivos. Notamos, ainda, que os discursos são carregados de afetividade quando se quer proteger os filhos.

Destarte, no recorte feito de QD e CA, os discursos analisados permitiram observar que as vivências e a subjetividade fornecem os dados do narrar-se caroliniano. Os valores sociais atribuídos aos moradores da favela, as críticas direcionadas ao poder público, o tom denunciante

e esperançoso da narrativa mostra características do SD que é interpelado pela ideologia, evidenciando seu “desejo de dizer”, mas ele não é dono disso. A reflexão subalterna e a esperança estão presentes nos discursos carolinianos porque, ao discursar, SD é interpelado e seus posicionamentos, de acordo com a condição de produção desses discursos, reflete diferentes efeitos de sentido. Esses atos desse sujeito são oriundos de gestos de identificação e desidentificação, evidenciado que não é possível não estar sujeito à linguagem e sua opacidade e à ideologia (Orlandi, 2015). Os deslizos, assim como o equívoco, são necessários para a realização da linguagem (Orlandi, 2015) e a posição de onde falam os sujeitos são importantes na produção de sentido, o que permite o descolamento de sentido (Orlandi, 2015).

Dessa forma, o que faz a narrativa de Carolina ser compreendida de uma forma e não de outra, isto é, o fator que permite interpretar determinado efeito de sentido é a posição que esses sujeitos discursivos carolinianos adquirem durante as enunciações. Assim, falar a partir da posição materna, a partir da posição de um residente da favela e da condição de um indivíduo marginalizado, afetado ideologicamente, significa estar inscrito em determinada formação discursiva para que essas posições-sujeito sejam ocupadas. Esses deslizamentos ainda permitem que a narrativa se dirija a dois polos opostos, perpassando a escrita reflexiva sobre a subalternidade e sobre a esperança.

Assim, o narrar-se está estruturado nas denúncias, nas resistências e na fruição estética de escrever, que é um modo resiliente de enfrentar os sofrimentos diários. Os relatos são uma tentativa de registrar o cotidiano, com observações centradas na vida na favela, mesclando-se a reflexões, à liberdade poética e ao subjetivismo. É um modo de demonstrar como uma mãe solo, negra, afastada do mercado de trabalho formal, lida em meio às agruras da vida, sobrevivendo como catadora de recicláveis. É uma representação épica de uma heroína subalterna brasileira, que mostra a sua luta diária para criar os filhos, enfrentando vários tipos de adversidades. O narrar-se é uma frequente interpelação, imbricada a diferentes formações discursivas, criando a posição de diferentes sujeitos discursivos. O produto desses gestos é uma narrativa heterogênea.

Os discursos de Carolina Maria de Jesus atestam sobre si, evidenciando as diferentes características, por isso mesmo plural, do SD, que assume diferentes posições. A análise discursiva da narrativa caroliniana mostra como o ser humano é complexo e como o sujeito discursivo varia em função das formações discursivas e daquilo que prevê com seu discurso,

com sua intencionalidade, com aquilo que deseja projetar. Este estudo permitiu ampliar a compreensão sobre o problema de pesquisa inicialmente proposto – “que efeitos de sentido de subalternidade e esperança emergem na/da materialidade linguística dos livros-diários *Quarto de Despejo* (2000) e *Casa de Alvenaria* (1961), de Carolina Maria de Jesus, e a que formações discursivas e ideológicas esses efeitos se filiam, dando suporte ao narrar-se?” – mostrando que não existe um gesto único de interpretação, pois a AD possui “caráter dinâmico e aberto” e existem diferentes possibilidades de se compreender os processos discursivos (Orlandi, 2013). Dessa forma, este trabalho pode auxiliar futuras pesquisas, sejam elas em Análise de Discurso, em narrativas de vida ou em estudos discursivos sobre Carolina Maria de Jesus. Ao discorrer sobre essa autora, tendo como base a AD, propusemos incitar discussões e reflexões sobre a materialidade discursiva caroliniana e sua relação com as narrativas de si. Esta dissertação mostra que é possível analisar discursivamente os diários em estudo, sem desprestigiar o merecido lugar de Carolina na literatura.

Portanto, esta pesquisa pôde comprovar que os diários, escritos autobiograficamente, estão em consonância com o que é afirmado dentro das narrativas de vida e com o que é preconizado pela AD materialista: o discurso é um gesto de interpretação, ele não se prende a sua literariedade, já que é efeito de sentido entre os interlocutores (Orlandi, 2015; Pêcheux, 2014); a narrativa de si é a possibilidade de contar e recontar: é “uma arte” (Machado, 2015). Assim, a narrativa caroliniana oscila entre a denúncia e o desejo, a realidade e o devaneio, entre a “sala de visitas” e o “quarto de despejo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARAUJO, Edileuza Batista de. **A contribuição da leitura enquanto estratégia auxiliar na quebra do círculo de violência na escola e a busca de formação de leitores permanentes**. 2019 Dissertação (mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Fundação Universidade Federal do Tocantins – Palmas. Araguaína, 2019.
- ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira**. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Literatura. Brasília, 2011.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- _____. **Memoria y autobiografía: exploraciones en los limites**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus** [manuscrito]: Projeto Literário e Edição Crítica de um Romance Inédito. 2015. Tese (Doutorado em Literatura brasileira) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2015.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**. Um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. In _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. **A aventura Semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001 2º ed.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BEVERLEY, John. **Arguments in Cultural Theory**. Duke University Press: Durham and London, 1999.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: Ferreira, M. de Moraes; Amado, Janaína. (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BRANDÃO, Ana Paula (Cord.). In **Saberes e Fazeres v.1: modos de ver**. Brandão, Ana Paula (Cord.). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Capes. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível em < <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em 10 abr. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD**. [Brasília]: Ministério da Educação, [2023?]. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/historico>. Acesso em 26 jun. 2023.
- BROWN, Gillian; YULE, George. **Discourse Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

- BRUNER, Jerome. **Life as narrative**. Social Research Vol 71: No 3: Fall 2004.
- BURANELLI, Gabriela Moreira. **As formulações para Carolina Maria de Jesus e Quarto de Despejo**: interpretação e efeitos de sentido das designações em manchetes de jornais. 2021. Dissertação (mestrado em linguística) – Universidade de Franca. Franca, 2021.
- CAMILO, Gabriel Henrique. **Cartografias identitárias, educacionais e de subjetivação nas manifestações artísticas contemporâneas: a narrativa em Carolina Maria de Jesus**. 2021. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2021.
- DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2000.
- _____. Casa de Alvenaria – história de uma ascensão social. In **Casa de Alvenaria**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. In **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016
- DORNELES, Dionia Eli. **Compreensões sobre docência a partir de Histórias de Leituras de Licenciandos em Ciências Biológicas**: formação docente em uma perspectiva discursiva, literária e decolonial. 2020. Dissertação (mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2020.
- FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In BAUER, Martin W., GASKELL, George (ed). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GRÁCIO, Rui Alexandre. **A interação argumentativa**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**, volume 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GRIGOLETO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: **Seminário De Estudos Em Análise Do Discurso**, 2.2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni. P. O conhecimento sobre a linguagem. In: NUNES, José Horta; PFEIFFER, Cláudia C. (orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem** – linguagem, história e conhecimento. Campinas: Pontes, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HAROCHE, Claudine et.al. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser. (org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020.
- INSTITUTO MOREIRA SALES. **Carolina Maria de Jesus**: um Brasil para Brasileiros. 2021. Disponível em: < <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/>>. Acesso em 23 jun, 2023.
- JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. (Org. MEIHY, José Carlos Sebe Bom).

_____. **Casa de Alvenaria**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.

_____. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2000 [1960].

KOJOURI, Kamand. Author Quotes In **Goodreads.com**. Disponível em <https://www.goodreads.com/author/quotes/13500546.Kamand_Kojouri>. Acesso em 12 nov. 2023.

LAPA, Fabiana Juliao de Souza. **Da gênese dos cadernos às intervenções no Quarto de despejo**: o processo editorial para recepção da obra de Carolina Maria de Jesus. 2020. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

LEANDRO, Michel Luis da Cruz Ramos. **Autoria e Resistência**: Carolina Maria de Jesus em discurso. 2019. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2019.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LEVINE, Robert. M; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LOPES, Elisângela. **Denúncia e reflexão no Quarto de Despejo**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/1025-denuncia-e-reflexao-no-quarto-de-despejo-elisangela-lobes>. Acesso em: 09 mar. 2021.

MACHADO, Ida Lucia. Reflexões sobre uma corrente da análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida. 1. ed. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

MARCELINO, Jacqueline Laranja Leal. A voz e a vez do “outro”: as literaturas afro-americana e afro-brasileira. In ALMEIDA, Júlia; SIEGA, Paula (Orgs.) **Literatura e voz subalterna**: anais. Vitória: GM, 2013.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus**: experiência marginal e construção estética. 2013. Dissertação (mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Daniela Almeida de. **Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência**. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2020.

OLIVEIRA, Danielle Stephanie de. **Favelada e escritora**: Carolina Maria de Jesus, a instituição literária e a escrita romanesca. 2019. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2019.

OLIVEIRA, Suelen Wanderley de. **Uma análise discursiva da escrevivência de Carolina Maria de Jesus na obra Quarto de Despejo**. 2021. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituição de Ensino: Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2021.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas - SP: Pontes, 2015.

_____. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PAIXÃO, Marcelo. Desigualdades nas questões racial e social. In **Saberes e Fazeres** v.1: modos de ver. Brandão, Ana Paula (Cord.). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**. 4. ed. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a.

_____.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997b [1975].

_____. **Semântica e Discurso** – Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: EDUNICAMP, 2014.

PELLEGRINI, Tânia. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac nacional, 2003.

PÉREZ, Sara; AYMÁ, Ana. **Teorías y análisis del discurso**. Bernal: Universidad Virtual de Quilmes, 2015.

REZENDE, Tallyssa Izabella Machado Sirino. **Canetas roubadas de Carolinas que r.existem**. 2019. Tese (doutorado em Letras) Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2019.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. São Paulo: VMF Martins Fontes, 2014.

SANTOS, Ana Laura Perenha dos. **Caminhos para uma história pública da mulher favelada: compreendendo Quarto de Despejo (1960)**. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Estadual do Paraná. Campo Mourão, 2021 F.

SCHLESENER, Anita Helena. As novas condições de subalternidade. In: **Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci** [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.

SILVA, Carmelita Tavares; CASER, Maria. Acerca da subalternidade em *Coto vedado*, de Juan Goytisolo. In ALMEIDA, Júlia; SIEGA, Paula (Orgs.) **Literatura e voz subalterna: anais**. Vitória: GM, 2013.

SILVA, Natalia de Moraes Romão da. **Do despejo ao despír: Carolina de Jesus, escritórias pretugasas e a percepção do feminino negro em alunas no espaço escolar privado**. 2019. Dissertação (mestrado em Relações Étnico-raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro, 2019.

SINISCALCHI JUNIOR, Marcio Rezende. **Narrativas autobiográficas e representações da exclusão social brasileira: com a palavra, Sacolinha**. 2020. Tese (doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FORTUNA, Daniele Ribeiro; SIQUEIRA, Euler David. Apresentação. In **Narrativas do gênero**: emoções e produção de sentido. SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FORTUNA, Daniele Ribeiro (Org.) Porto Alegre: Meridional, 2019.

SNYDER, Charles Richard. Hope Theory: Rainbows in the Mind in **Psychological Inquiry**. Vol. 13, No. 4 (2002), pp. 249-275. Taylor & Francis.

SOARES, Macksa Raquel Gomes. **Carolina Maria de Jesus**: tessitura e escrita como identidade. 2020. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Maranhão, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras. São Luís, 2020.

SOBRAL, Adail. Lugar social e sentido do discurso: um diálogo com M. Pêcheux a partir de F. Flauhaul e da concepção dialógica de linguagem. **Revista Prolíngua**. Volume 7 – Número 1- jan/ jun de 2012.

SOUZA, Aline Rosa Maximiniano de. **Carolina Maria de Jesus e Clareece Precious Jones**: diários e resistência. 2019. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STORI, Jessica Brisola. “**Quando infiltrei na literatura eu não previa o pranto**”: a memória e a escrita de Carolina Maria de Jesus, 2020. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

VIEIRA, Tiago Mine. **Literomaquia e literatura de rua**: meio-fio entre utopias e marginalidades. 2021. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos. 2021. ã

ZOPPI FONTANA, Mónica Graciela. Lugares de enunciação e discurso in: **Leitura-análise do discurso**, n. 23:15-24,1999.